



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO TECNOLÓGICO – CTC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Maria Emilia Crocetta Redivo

**Turismo regenerativo como possibilidade para áreas de entorno a
parques/zonas de proteção ambiental:**
um estudo na comunidade de Três Barras (Orleans, SC)

Florianópolis (SC)

2025

Maria Emilia Crocetta Redivo

**Turismo regenerativo como possibilidade para áreas de entorno a
parques/zonas de proteção ambiental:**
um estudo na comunidade de Três Barras (Orleans, SC)

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador(a): Prof. José Ripper Kós, Dr.

Coorientadora: Profa. Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto, Dra.

Florianópolis (SC)

2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Redivo, Maria Emilia Crocetta

Turismo regenerativo como possibilidade para áreas de entorno a parque/zonas de proteção ambiental: : um estudo na comunidade de Três Barras (Orleans, SC) / Maria Emilia Crocetta Redivo ; orientador, José Ripper Kós, coorientador, Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto, 2025. 122 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Turismo regenerativo. I. Kós, José Ripper. II. Peixoto, Kércia Priscilla Figueiredo. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. IV. Título.

Maria Emilia Crocetta Redivo

**Turismo regenerativo como possibilidade para áreas de entorno a
parques/zonas de proteção ambiental:**
um estudo na comunidade de Três Barras (Orleans, SC)

O presente trabalho, em nível de Mestrado, foi avaliado e aprovado, em 02 de julho de 2025,
pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. José Ripper Kós, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Almir Francisco Reis, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Profa. Marinés da Conceição Walkowski, Dra.
Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão, que foi julgado
adequado para obtenção do título de Mestra em Arquitetura e Urbanismo.



Documento assinado digitalmente
Maira Longhinotti Felipe
Data: 26/11/2025 18:34:58-0300
CPF: ***.406.999-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Documento assinado digitalmente
Jose Ripper Kos
Data: 25/11/2025 15:44:31-0300
CPF: ***.444.787-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. José Ripper Kós, Dr.
Orientador

Florianópolis (SC), 2025

O futuro da nossa espécie depende de encontrar respostas enquanto humanidade, enquanto natureza, enquanto vida, enquanto expressões de um ser vivo, transformador. (Wahl, 2016, p. 48).

AGRADECIMENTOS

À minha família, expresso minha eterna gratidão pelo amor incondicional e encorajamento, principalmente, aos meus pais, Marilu e Vianeí. Obrigada por acreditarem em mim e me apoiarem em todas as fases da minha vida.

Às minhas amigas da vida, pelo incentivo e apoio: Dani e Tálita. Sempre me incentivando e acolhendo com os melhores conselhos. Mesmo longe, sinto-as perto.

À minha prima Amanda, seu jeito atencioso, sempre interessada em saber o andamento e sinalizando que vai dar tudo certo. Você me inspira!

À Lia, minha querida sobrinha e amiga. Obrigada por ser meu braço direito, colo e ombro amigo. E à Lauren, afilhada, sobrinha e meu dengo. Você é luz em minha vida.

Ao pessoal do escritório em que trabalho, obrigada pela família que criamos e por sempre ouvirem minhas angústias. Meu cotidiano é muito melhor com vocês.

Aos meus amigos, pelo apoio incondicional e pelas palavras de incentivo e momentos de leveza ao longo desta jornada. Suas amizades foram fundamentais para minha motivação e crescimento.

À Tayse, Andréa e Juliana. Expresso minha gratidão por todas as contribuições e incentivos que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Expresso minha sincera gratidão à UFSC, por proporcionar um ambiente acadêmico enriquecedor, repleto de aprendizado, desafios e crescimento. Agradeço a todos os professores, funcionários e colegas que contribuíram para minha jornada, oferecendo apoio, conhecimento e inspiração ao longo deste caminho, em especial, aos professores Kós, Kércia, Almir e Nilzo (em memória).

Por fim, a cada pessoa que cruzou meu caminho ao longo desta trajetória, contribuindo, de alguma forma, para a construção deste trabalho. Todo ensinamento será levado por mim, para sempre.

RESUMO

Essa pesquisa aborda a temática do turismo regenerativo a partir de uma visão sistêmica: trabalha a relação do ser humano e o meio no qual está inserido. Para tal, busca-se identificar se a atividade turística na comunidade de Três Barras, localizada no entorno do Parque Nacional de São Joaquim, no município de Orleans (SC), adequa-se aos princípios do turismo regenerativo. Os procedimentos metodológicos seguiram a partir de análises, estudos e coletas de dados de como vem se estabelecendo esse turismo, em contrapartida, ao referencial teórico, inspirados nos temas de turismo, paisagem e turismo regenerativo. Também, fez-se estudo de campo com entrevistas semiestruturadas com visitantes, moradores, organizações governamentais e não governamentais e empresas do setor turístico. Os resultados obtidos foram explanados, seguindo os indicadores de turismo regenerativo, de Araneda (2022), e evidenciaram que as experiências desenvolvidas na comunidade apresentam atributos que, parcialmente, alinham-se aos indicadores. Destarte, sinalizou não um ponto final, mas um ponto de partida para aprofundar a compreensão e a aplicação do turismo regenerativo.

Palavras-chave: Parque Nacional de São Joaquim; comunidade de Três Barras (Orleans, SC); paisagem; turismo regenerativo.

ABSTRACT

This research addresses the theme of regenerative tourism from a systemic perspective: it examines the relationship between humans and their environment. To this end, it seeks to identify whether tourism in the community of Três Barras, located near São Joaquim National Park in the municipality of Orleans (SC), is in line with the principles of regenerative tourism. The methodological procedures were based on analyses, studies, and data collection on how this tourism has been established, in contrast to the theoretical framework, inspired by the themes of tourism, landscape, and regenerative tourism. A field study was also conducted with semi-structured interviews with visitors, residents, governmental and non-governmental organizations, and companies in the tourism sector. The results obtained were explained, following the indicators of regenerative tourism, by Araneda (2022), and showed that the experiences developed in the community have attributes that partially align with the indicators. Thus, it signaled not an end point, but a starting point for deepening the understanding and application of regenerative tourism.

Keywords: São Joaquim National Park; Três Barras community (Orleans, SC); landscape; regenerative tourism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização de Orleans (SC).....	21
Figura 2 – Localização do PNSJ e PAESF.....	24
Figura 3 – Localização da área de estudo.....	25
Figura 4 – Recorte de montanhas visto da comunidade de Três Barras.....	26
Figura 5 – Morro da Igreja e Janela Furada vista por Urubici (SC).....	27
Figura 6 – Imagens do PNSJ: Três Barras (Orleans, SC) (Janela Furada).	28
Figura 7 – Rio Laranjeiras e a estrutura morfométrica do seu entorno.....	28
Figura 8 – Rio Laranjeiras.....	28
Figura 9 – Foto panorâmica (situada na Igreja da comunidade).....	29
Figura 10 – Reportagem: Turismo com precaução.....	38
Figura 11 – Diagrama com pousadas existentes em Três Barras com base na plataforma Airbnb.....	41
Figura 12 – Postagens dos turistas na Internet.....	42
Figura 13 – Imagens do Refúgio Paraíso.....	43
Figura 14 – Imagens do Refúgio Paraíso.....	44
Figura 15 – Imagens do Vale Três Barras.....	44
Figura 16 – Imagens internas das cabanas do Vale Três Barras.....	45
Figura 17 – Pórtico de entrada e cabana Encantos da Colina.....	45
Figura 18 – Imagens da Morada Caminho do Imaruí.....	45
Figura 19 – Residências locais.....	46
Figura 20 – Imagens das cabanas.....	46
Figura 21 – Taipas de pedras.....	48
Figura 22 – Monumento dos tropeiros, Flyer festa dos Tropeiros, Cavalgada Festa dos Tropeiros (02/06/2024).....	49
Figura 23 – Retirada de reflorestamento.....	52
Figura 24 – Premissas da abordagem regenerativa, segundo Mang e Reed (2012).....	59
Figura 25 – 5 passos para um turismo regenerativo.....	66
Figura 26 – Síntese do caminho metodológico.....	71
Figura 27 – Ponte de divisa de comunidades: Curral Falso com Três Barras	71
Figura 28 – Vista da pousada E2.....	80
Figura 29 – Passeio de quadriciclo.....	81

Figura 30 – Fotos do turista e bilhete.....	81
Figura 31 – Vista da Janela Furada, por Orleans (SC).....	82
Figura 32 – Capitel Nossa Senhora do Carmo e Igreja São Judas Tadeu.....	83
Figura 33 – Vista do cemitério.....	83
Figura 34 – Área central da comunidade.....	83
Figura 35 – Serra do Imaruí.....	84
Figura 36 – Trecho do caminho dos tropeiros - Serra do Imaruí -, comunidade de Três Barras.....	84
Figura 37 – Vista da Serra Geral após a subida da Serra do Imaruí. O alto da serra já é território do município de Bom Jardim da Serra. A seta indica a localização da comunidade de Três Barras, território de Orleans.....	85
Figura 38 – Imagem de residência com serviço das pousadas.....	86
Figura 39 – Lixeira da comunidade ao lado da igreja e estrada.....	88
Figura 40 – Comentários dos turistas.....	91
Figura 41 – Cabeceira da ponte do Rio Laranjeiras na Ponte Preta e margem do Rio Laranjeiras, em Três Barras, em 29/01/2024.....	92
Figura 42 – Áreas regularizadas no PNSJ.....	95
Figura 43 – Terraplanagem.....	96
Figura 44 – Imagem satélite de Três Barras nos anos de 2004 e 2023.....	97
Figura 45 – Zoom da Fazenda Paraíso, nos anos de 2004 e 2025.....	98
Figura 46 – Cobertura e uso da Terra na ZA (2002 e 2024).....	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Quantitativo de entrevistas.....	72
Tabela 2 –	Dados da cobertura e uso da Terra de 2002 e 2024.....	100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Objetivo estratégico.....	23
Quadro 2 –	Mudanças de parâmetros para o pensamento regenerativo..	61
Quadro 3 –	Síntese do caminho metodológico.....	69
Quadro 4 –	Classes adaptadas do MapBiomias (2022).....	99
Quadro 5 –	Indicadores para turismo regenerativo com análise na comunidade de Três Barras.....	97
Quadro 6 –	Quadro com indicadores para turismo regenerativo com análise na comunidade de Três Barras.....	104

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Cadastur - Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos
Comtur - Conselho Municipal de Turismo do Município de Orleans
DEL - Programa de Desenvolvimento Econômico Local
Embratur - Instituto Brasileiro de Turismo
Famor - Fundação Ambiental do Município de Orleans
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação
MOV - Movimento Orleans Viva
MTur - Ministério do Turismo
ONG - Organização não Governamental
Parna - Parque Nacional
PMT- Plano Municipal de Turismo
PNSJ - Parque Nacional de São Joaquim
TJSC - Tribunal de Justiça de Santa Catarina
UC - Unidade de Conservação
ZA - Zona de Amortecimento

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	CONTEXTUALIZAÇÃO.....	21
2.1	O MUNICÍPIO DE ORLEANS (SC).....	21
2.1.1	Três Barras: uma comunidade no entorno do Parque Nacional de São Joaquim (PNSJ).....	24
3	REFERÊNCIAS TEÓRICO-CONCEITUAIS.....	32
3.1	ASPECTOS CONCEITUAIS DO TURISMO	32
3.1.1	O turismo na comunidade de Três Barras e a relação com a pandemia.....	34
3.1.2	Caracterização dos meios de hospedagem.....	41
3.1.3	Reflexões sobre patrimônio.....	46
3.1.4	As múltiplas faces das ameaças: vulnerabilidade humana e degradação ambiental.....	50
3.2	CAMINHOS DO PENSAMENTO REGENERATIVO.....	54
3.2.1	Abordagem regenerativa.....	55
3.2.2	Planejamento do turismo regenerativo.....	59
4	METODOLOGIA.....	69
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	78
5.1	O TURISMO E A COMUNIDADE.....	78
5.1.2	A paisagem e os empreendimentos turísticos.....	80
5.1.3	O desenvolvimento econômico na comunidade.....	85
5.1.4	O uso da Terra.....	94
5.1.5	Fatores e indicadores para o turismo regenerativo.....	100
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	113
	APÊNDICES.....	121

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste na apresentação da dissertação de mestrado, que explora o potencial do turismo na comunidade de Três Barras (Orleans, SC). A pesquisa analisa se a atividade turística local se alinha aos princípios do turismo regenerativo, avaliando se a atividade, da forma como ela está sendo implementada, em sua prática, promove benefícios para empreendedores, turistas, moradores e a natureza do lugar, com o propósito de identificar se contribui para a conservação e regeneração.

A ausência de políticas ambientais eficazes para a conservação do patrimônio natural prejudica a fauna e a flora, elementos cruciais para o equilíbrio ecológico e a sustentabilidade da vida. No contexto da globalização, a desvalorização da mão de obra, a concentração urbana e a alteração nos padrões de consumo intensificam os desafios para as populações (Krüger, 2001).

Com a compreensão de que mudanças são necessárias para a conservação da biodiversidade, percebe-se, a partir de estudos, que não estão sendo implementadas na sociedade de forma completa e no ritmo desejado. Diante disso, fortaleceu-se a ideia de que é necessário, não somente, preservar o meio ambiente e, além disso, é inadiável a recuperação e regeneração dos impactos negativos que a sociedade vêm, há décadas, causando de forma desenfreada. Assim, emergiu a ideia da abordagem regenerativa que, para alguns, aumenta os níveis de ambição da sustentabilidade, mas para outros, representa mudança paradigmática na abordagem dessa relação entre o ser humano e a natureza. Como não poderia deixar de ser, esse movimento começa a estabelecer seus marcos no turismo, sob a forma de Turismo Regenerativo.

O conceito de turismo regenerativo surge como uma evolução crítica em relação aos modelos de desenvolvimento sustentável. A constatação de que as estratégias de conservação não estão sendo plenamente eficazes na proteção da biodiversidade gerou a urgência de uma nova abordagem. Longe de apenas mitigar impactos, a regeneração propõe uma mudança de paradigma: o objetivo é recuperar e enriquecer os ambientes e as comunidades, deixando-os em melhores condições do que foram encontrados. A sua relevância, portanto, está em seu potencial de reverter a degradação e construir um futuro em que cada jornada contribui ativamente para a restauração do nosso planeta.

É importante salientar que, no período da pandemia¹ de Covid-19 iniciada no ano de 2020, a comunidade de Três Barras chamou atenção dos munícipes por sua beleza, dotada de belas paisagens cênicas, como escarpas íngremes e vales cortados por rios de águas limpas, impulsionando oportunidades de investimentos. A comunidade possui um grande potencial turístico e está localizada na Zona de Amortecimento (ZA)² do Parque Nacional de São Joaquim (PNSJ), conhecida como a região do Costão, no município de Orleans (SC). Localiza-se no entorno da Unidade de Conservação (UC), instalada em um total de 49.800 hectares. Nesse ambiente de transição, entre as terras baixas do litoral e as elevadas altitudes do planalto, encontram-se os principais recursos hídricos do Município e uma grande biodiversidade.

O PNSJ abrange seis comunidades, e uma delas, a comunidade de Três Barras. Emergiu com notável crescimento econômico no período pós-pandemia. Esse desenvolvimento é impulsionado por uma nova e promissora atividade: o turismo. Com seu potencial cênico inegável, a comunidade rapidamente se transformou em um ponto de referência para os amantes da natureza, que buscam conexão com o meio ambiente.

É importante salientar que, embora a área de estudo e as cabanas apresentadas na pesquisa estejam intimamente ligadas à memória e à infância da autora, não há envolvimento familiar direto com as estruturas ou com seus proprietários. O trabalho se distingue do olhar pessoal para se firmar como uma pesquisa científica, analisando a área com o rigor e a objetividade necessários. A ligação com Três Barras transcende o afeto: ela se deu pelo olhar de pesquisadora que identificou na região uma área promissora para o desenvolvimento econômico, na qual, a família da autora é portadora de propriedades não apresentadas na pesquisa.

Este trabalho é, portanto, uma forma de honrar a história que o precede — documentando e valorizando um lugar que é, para o autor, sinônimo de lar e de identidade —, ao mesmo tempo que contribui com o campo acadêmico ao analisar o

¹ A pandemia de Covid-19, iniciada no final de 2019, teve impactos globais profundos. Causou milhões de mortes e sobrecarregou sistemas de saúde. Economicamente, gerou recessões, desemprego.

² A Zona de Amortecimento (ZA) é uma área adjacente a unidades de conservação que minimiza impactos externos (poluição, ruído, ocupação), agindo como um filtro protetor para garantir a integridade do ambiente preservado.

potencial turístico e de desenvolvimento regional desta comunidade. Presenciam-se transformações que estão ocorrendo na paisagem de Três Barras, decorrentes da crescente procura pelas áreas rurais para a prática de atividades de turismo de aventura/experiência e, porventura, especulação imobiliária elevada. A arquitetura das cabanas oferece diferentes conceitos, desde o rústico até a elegância do contemporâneo rural, projetadas para um público de capacidade financeira média alta. Cada cabana é estrategicamente posicionada em terrenos íngremes, garantindo vistas deslumbrantes da paisagem circundante.

A fim de explorar o potencial do turismo como ferramenta de conservação e regeneração na comunidade rural de Três Barras, emergem as seguintes questões norteadoras: As experiências turísticas vigentes na comunidade de Três Barras possuem características que se adequem aos processos e fatores do turismo regenerativo? De que maneira os visitantes e turistas, moradores locais, governo e autoridades públicas, empresas do setor turístico e organizações não governamentais podem participar ativamente da construção e gestão do turismo, assegurando que essa atividade valorize seu modo de vida, contribua para a regeneração e gere benefícios a todos?

Com base nisso, o objetivo geral configura-se em identificar se a atividade turística na comunidade de Três Barras, localizada no entorno do Parque Nacional de São Joaquim, no município de Orleans (SC), adequa-se aos princípios do turismo regenerativo. Nessa linha de pensamento, têm-se como objetivos específicos:

- a. Analisar o crescimento dos empreendimentos turísticos na comunidade rural de Três Barras, durante os períodos pandêmico e pós-pandêmico;
- b. Avaliar os impactos positivos e negativos resultantes da visitação e do aumento da procura turística pela localidade;
- c. Investigar a percepção dos moradores locais sobre os impactos do turismo na comunidade;
- d. Detectar a adoção de diretrizes do turismo regenerativo, como a redução do consumo de água e energia, a gestão de resíduos, o uso de produtos orgânicos e de produção local e a valorização da cultura e do patrimônio.

A partir dos objetivos propostos, a presente pesquisa estrutura-se em seis capítulos, abrangendo desde a introdução e a metodologia até a análise dos resultados e as considerações finais.

Inicia-se com um capítulo dedicado à contextualização do objeto de estudo, perpassando pelos processos históricos que configuram o Município e a comunidade. Nesse sentido, em uma perspectiva macro, serão abordadas as características gerais do município de Orleans (SC), para então, de forma mais específica, apresentar a comunidade de Três Barras, incluindo uma sucinta explanação sobre o PNSJ e sua ZA.

O segundo capítulo, por sua vez, estrutura-se para oferecer uma compreensão aprofundada do fenômeno turístico. Inicialmente, será apresentada uma revisão bibliográfica sobre o conceito de turismo, acompanhada de sua evolução e das diversas perspectivas que o atravessam. Na sequência, a análise se concentrará na inserção do turismo na comunidade, investigando sua dinâmica em face da pandemia. Este capítulo detalhará a caracterização dos meios de hospedagem, desde a instalação dos equipamentos pioneiros (a exemplo dos chalés) e as razões que motivaram sua construção e disponibilização, até o desenvolvimento subsequente da atividade. Será abordado o perfil arquitetônico desses empreendimentos, culminando em uma análise do perfil dos usuários.

Por conseguinte, a discussão voltar-se-á para o patrimônio cultural. Serão pontuadas as principais ameaças, tanto de natureza antrópica quanto natural, que incidem sobre esse patrimônio e que, por consequência, fragilizam a relação entre o meio ambiente e a sociedade humana.

Na sequência, a segunda seção dedicar-se-á à discussão do paradigma regenerativo. Tal segmento visa elucidar sua abordagem e os preceitos essenciais para a concepção e planejamento de iniciativas de turismo regenerativo.

Para a construção da base conceitual sobre turismo regenerativo, esta pesquisa se valerá de uma revisão bibliográfica abrangente. O levantamento incluirá uma variedade de fontes, desde artigos científicos e livros até reportagens, buscando diferentes perspectivas sobre o tema. A coleta de dados será feita em bases de pesquisa renomadas, como Scielo, Web of Science e o Portal de Periódicos da Capes, complementada por consultas a repositórios de instituições de ensino superior como UFSC, Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc, Universidade de São Paulo – USP, dentre outros. Contudo, para a metodologia específica desta pesquisa, foram selecionados três autores da área de Turismo, cujas abordagens se mostraram mais próximas à da pesquisa: Araneda (2022),

Flemming (2022), Nivoloni (2021). A análise de investigações de diversos outros autores e temas permitiram uma compreensão aprofundada das diferentes abordagens e perspectivas em um quantitativo de, aproximadamente, 30 leituras realizadas.

Foi necessário fazer 8 visitas na comunidade, em horários e dias distintos, e realizadas conversas com aplicação de entrevistas para visitantes e turistas, moradores locais, governo e autoridades públicas, empresas do setor turístico e organizações não governamentais. O intuito foi, a partir das informações coletadas, serem apresentadas as críticas e apontar soluções para que esse turismo se fortaleça enquanto atividade favorável. O uso de entrevistas encontra-se na possibilidade de ser uma conversa intencional, com foco em obter informações. Convém salientar que, durante o andamento da pesquisa, na etapa inicial das entrevistas, houve a aplicação da metodologia de grupo focal com alguns sujeitos da comunidade.

Após as entrevistas, visitas e pesquisas, foi-se em busca de analisar os resultados. A partir dos dados encontrados e analisados, foi preenchido o quadro com base nos 5 passos para um turismo regenerativo, de acordo com Araneda (2022), cujo propósito foi averiguar quais atividades atendem os indicadores.

Nesse viés, este trabalho configura-se como uma iniciativa pioneira e inovadora no campo da Arquitetura e Urbanismo, ao aplicar o conceito de turismo regenerativo em uma comunidade rural. Em um contexto em que a literatura acadêmica específica sobre essa abordagem é ainda incipiente, particularmente nas áreas supracitadas, tal pesquisa emerge como uma contribuição original e necessária. A ausência de estudos prévios que articulem o turismo regenerativo com o planejamento e o design do espaço construído nesta escala rural sublinha o caráter vanguardista deste trabalho, posicionando-o como um modelo promissor a ser disseminado.

Na busca por abordagens turísticas éticas e alinhadas com a preservação ambiental, encontram-se diversas vertentes conceituais promissoras, como o turismo de base comunitária, o turismo rural e o ecoturismo. No entanto, a escolha pelo turismo regenerativo reside em sua capacidade inovadora de conceber a relação com o meio ambiente. O turismo regenerativo propõe uma atuação que visa à vitalização e à restauração dos ecossistemas e o bem-estar das pessoas.

Com o estudo, busca-se encontrar respostas que sejam significativas para a comunidade, visando à implementação do turismo regenerativo como uma atividade positiva para todos: comunidade e natureza. Almeja-se que a comunidade se destaque, não apenas, por suas belas paisagens, como também, por sua atividade econômica aliada aos princípios do turismo regenerativo, tornando-se referência na região, atraindo visitantes interessados em experiências autênticas e em contribuir para a preservação do patrimônio natural e cultural.

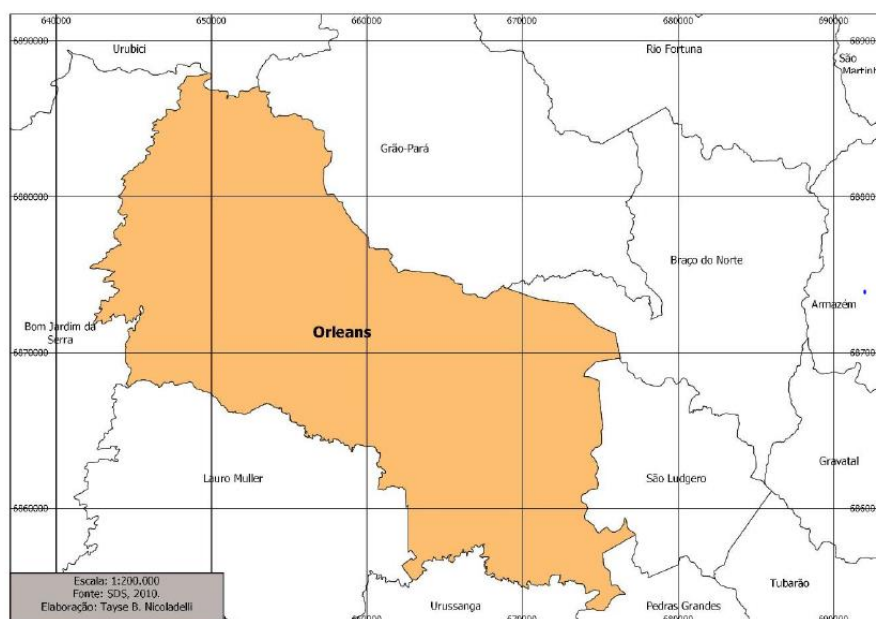
2 CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 O Município de Orleans (SC)

Orleans (SC) destaca-se por sua localização estratégica, considerando que é caminho obrigatório para quem sai do litoral, rumo à Serra do Rio do Rastro. Também é passagem, pelas rodovias estaduais SC-108 e SC-390, dos que saem do Planalto Serrano, sentido às águas termais e às praias do Litoral Catarinense. Outro diferencial para o Município é a presença da Encosta da Serra Geral, cenário que, por si só, já se torna um atrativo de relevante destaque para a região que, em síntese, a comunidade de Três Barras é a protagonista.

O Município integra a Instância de Governança Encantos do Sul. A região de abrangência agrega municípios com atrativos naturais, elementos histórico-culturais e destinos, já firmados como segmento do turismo. Apresentam turismo gastronômico em evidência, estâncias termais, praias e lagoas com balneabilidade, museus com acervos diversificados e documentos históricos originais. Visualizam-se também vários atrativos ligados ao turismo de natureza e ecoturismo, além de locais que permitem a contemplação da paisagem.

Figura 1 – Localização de Orleans (SC)



Fonte: Plano Municipal de Turismo (PMT) (2020).

A vegetação que cobre Orleans (SC) pertence ao domínio da Mata Atlântica, caracterizada pela presença da floresta ombrófila densa. A existência de árvores de grande porte, com alturas variando entre 25 e 30 metros, e de alta densidade, impulsionou o crescimento da indústria madeireira na região, o que, por sua vez, contribuiu para a significativa redução dessa cobertura vegetal (Veado; Pimenta *apud* Rocha, 2016).

A grande extensão territorial rural de, aproximadamente, 513,776 km² e um elevado potencial hídrico gera desenvolvimento de atividades de lazer e um grande potencial para o turismo rural/ecoturismo. A procura por áreas verdes no Município impulsionou oportunidades de investimentos por conta do potencial cênico da região, atraiu investidores e empreendimentos no ramo do turismo histórico e cultural, estimulando, dessa forma, a visitação nas comunidades rurais.

O clima do município de Orleans (SC) é definido como sendo subtropical úmido (Monteiro; Silva, 2016). Conforme a classificação de Köppen, Três Barras apresenta o clima Cfb - um clima temperado com verões amenos e chuvas bem distribuídas ao longo do ano (sem estação seca definida e verões frescos), em razão das altitudes mais elevadas, entre 600 e 1800 metros (Pandolfo *et al.*, 2002; Dorigon *et al.*, 2024).

A oferta de atrativos turísticos do destino está concentrada nos espaços urbano e rural. Os atrativos estão divididos em categorias: trilhas, rios e cachoeiras, mirantes, edificações histórico culturais e empreendimentos de lazer, e estão elencados conforme Plano Municipal de Turismo (PMT), desenvolvido em 2020. O PMT teve como objetivo identificar os potenciais e propor ações para que o município de Orleans (SC) cresça e se desenvolva em todos os setores, além de contribuir para a organização do setor turístico, pois reúne os princípios orientadores para o desenvolvimento dessa atividade, na implementação de estratégias e instrumentos que alavanquem o turismo como atividade econômica sustentável, local e regionalmente.

Quadro 1 – Objetivo estratégico



Fonte: PMT (2020).

Conforme o Plano Municipal de Turismo (PMT) de 2020, a implementação das ações propostas representa um avanço estratégico para a estruturação e o fortalecimento do turismo em Orleans (SC). Esse processo visa, não apenas, a valorização da cultura local e o desenvolvimento socioeconômico, também, o fortalecimento do senso de pertencimento da população orleanense. Como bem expressou Leon Tolstói: "Se queres ser universal, cante sua aldeia". Essa pesquisa se propõe a "cantar" Orleans (SC), destacando os encantos e as potencialidades existentes em cada espaço deste Município.

Há a Câmara Técnica dedicada ao segmento do Turismo no Programa de Desenvolvimento Econômico Local (DEL), Conselho Municipal de Turismo (Comtur) ativo e novos estabelecimentos, ofertando serviços ligados ao turismo e que foram de extrema relevância para o crescimento do segmento.

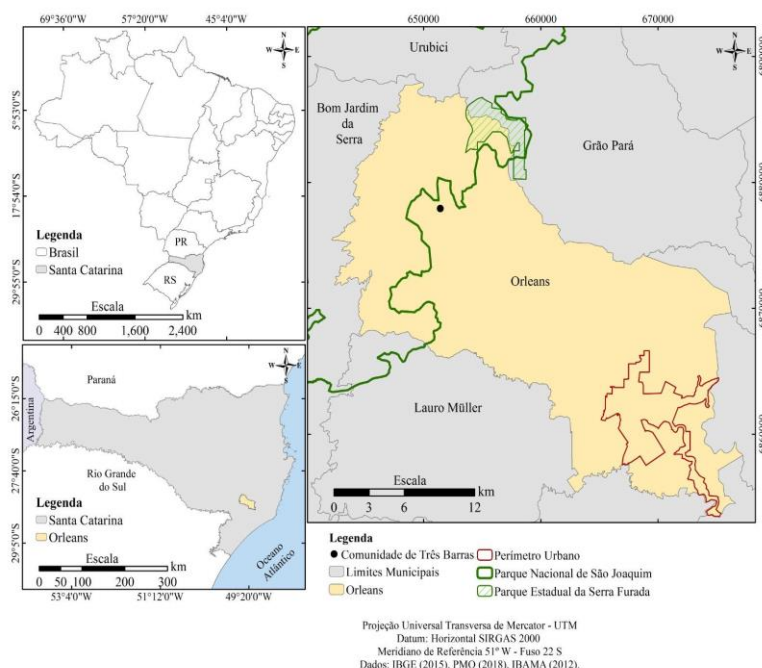
O setor público do turismo é gerido pelo departamento de Turismo, vinculado à Secretaria de Agricultura, gerenciada por um diretor de turismo. O setor também possui um órgão consultivo, Comtur, criado pela Lei Municipal nº 1.625/2001, alterado pela Lei nº 2.810/2018 - órgão consultivo, deliberativo e executivo (Orleans, SC, 2019). Como forma de apoiar o desenvolvimento das atividades turísticas, foi criado o Fundo Municipal de Turismo de Orleans – Fumtur, pela Lei nº 1393/1998.

Conforme dados do site do Cadastur (2025), Orleans (SC) conta com 14 prestadores de serviços turísticos cadastrados. A oferta local inclui desde restaurantes e guias de turismo até meios de hospedagem.

2.1.1 Três Barras: uma comunidade no entorno do Parque Nacional de São Joaquim (PNSJ)

Situada no noroeste do município de Orleans (SC), a comunidade de Três Barras é um portal para a natureza exuberante, abrigando em seu território o PNSJ (com 24,3% da área municipal dentro de seus limites, representando 26,8% do Parque) e o Parque Estadual da Serra Furada (onde 41,02% se encontram em Orleans, SC) (Ferreira *et al.*, 2018).

Figura 2 – Localização do PNSJ e PAESF



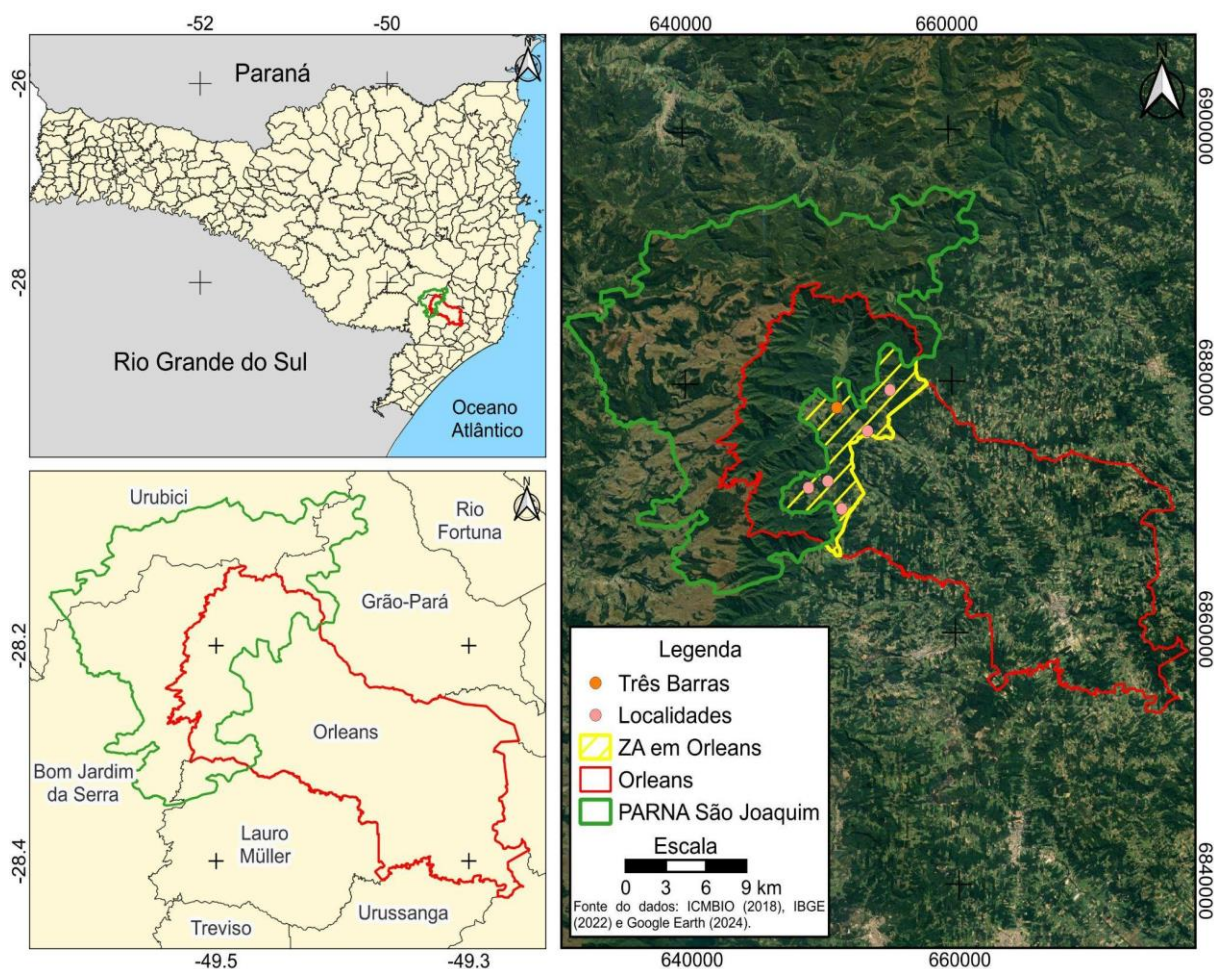
Fonte: Preve *et al.* (2020).

Essa localização privilegiada oferece aos visitantes uma variedade de atrativos, que vão desde a desafiadora Trilha da Serra do Imaruí até a imponente Pedra Furada, passando por paisagens de vales e montanhas, refrescantes cachoeiras e a singeleza de dois capitéis. A rica história local, marcada pela

presença dos tropeiros e pelas lendas dos jesuítas, complementa as opções de lazer, que incluem banhos de rio e a observação das construções em taipa de pedra.

Acerca de 30 quilômetros do centro urbano, a comunidade conta com 13 famílias residentes fixas, com uma média de 3 pessoas/família. Encontra-se próxima à divisa dos municípios catarinenses de Bom Jardim da Serra e Urubici, conforme ilustrado na Figura 3, a seguir. O nome Três Barras se dá pela presença de três rios importantes: Vaca Mora, Pedra Furada e Laranjeiras, que possuem nascentes na região (Preve, 2020).

Figura 3 – Localização da área de estudo



Fonte: Elaborada pela própria autora (2024).

Figura 4 – Recorte de montanhas visto da comunidade de Três Barras



Fonte: Leo Baschiroto (2019).

O PNSJ é a mais antiga UC Federal, situado integralmente no estado de Santa Catarina e preserva um dos mais importantes remanescentes de Matas de Araucárias (floresta ombrófila mista) do País (Omena; Bacca, 2021). Foi criado em 1961, sua área abrange os territórios dos municípios catarinenses de Urubici, Bom Jardim da Serra, Orleans, Lauro Müller e Grão-Pará, (Ferreira *et al.*, 2018). Em Orleans (SC), além da comunidade de Três Barras, o PNSJ e sua respectiva ZA, está inserido em outras cinco comunidades rurais (Curral Falso, Rio Hipólito e Costão do Rio Hipólito, Rio Minador e Arroio do Bugres).

A Lei nº 13.273 de 2016, definiu os atuais limites do Parque Nacional (Parna: categoria de Unidade de Conservação (UC) de proteção integral) de São Joaquim (SC): Orleans (SC) (24,3% da área do município estão no PNSJ, equivalente a 26,8% do Parque), Grão-Pará (SC) (9,7% da área do município estão no PNSJ, equivalente a 6,6% da área do Parque), Bom Jardim da Serra (SC) (18,3% da área do município estão no PNSJ, equivalente a 34,5% do Parque), Urubici (SC) (11,7% da área do município estão no PNSJ, equivalente a 23,8% da área do Parque) e

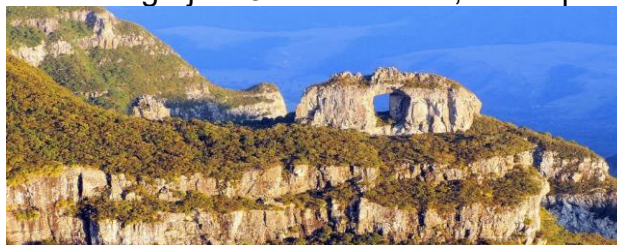
Lauro Müller (SC) (15,2% da área do município estão no PNSJ, equivalente a 8,3% da área do Parque).

A faixa mais larga da ZA do Parque situa-se em Orleans (SC), por ser a mais próxima da 'Zona Intangível' da UC (zona de proteção máxima) e consiste em um espaço variável, contendo áreas do entorno da UC, as quais estão sujeitas a normas e restrições específicas, visando à diminuição ou à eliminação de impactos ambientais negativos para a UC e de modo a harmonizar as relações entre ela e os seus vizinhos.

As características ambientais da transição montanha-litoral conferem ao PNSJ paisagens únicas e diversificadas, como: cânions, vales, cachoeiras, penhascos, montanhas e outras formações geológicas e sítios históricos que tornam essa unidade de conservação um espaço privilegiado para desenvolvimento de ações de uso público, especialmente, com fins recreativos. A fauna apresenta mamíferos como pacas (pumas), cachorros-do-mato, bugios e jaguatiricas. Entre as aves, encontram-se a gralha-azul, a curicaca (curucaca), o caxinguelê e o surucua-de-barriga-vermelha.

Três Barras está inserida em uma unidade de relevo conhecida como Patamares da Serra Geral, caracterizada por esporões interfluviais formados pelo recuo da escarpa da Serra Geral (Luiz, 2016a), resultado da ação erosiva dos rios, das chuvas e dos movimentos de massa. Esse processo geomorfológico originou as escarpas íngremes do planalto, juntamente com o Morro da Igreja³ e a Janela/Pedra Furada⁴, formando um complexo natural de beleza ímpar.

Figura 5 – Morro da Igreja e Janela Furada, vistas por Urubici (SC)

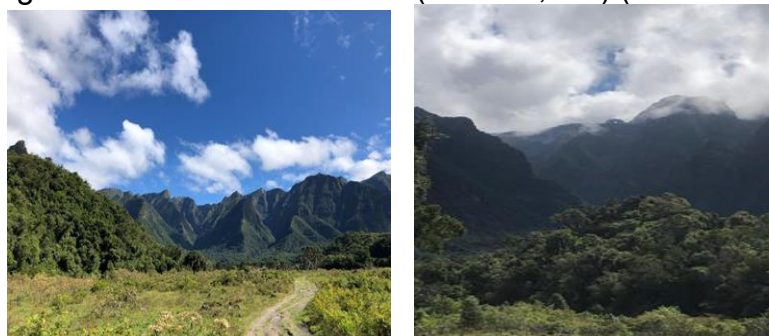


Fonte: Uliano (2025) (via Google Imagens).

³ O Morro da Igreja, localizado entre os municípios catarinenses de Orleans, Bom Jardim da Serra e Urubici, é o terceiro ponto mais alto de Santa Catarina, com 1.822 metros de altitude (Luiz, 2016b).

⁴ A Janela/Pedra Furada é um fragmento de um antigo derrame basáltico que sofreu com o processo de intemperismo e erosão (Luiz, 2016a).

Figura 6 – Imagens do PNSJ: Três Barras (Orleans, SC) (Janela Furada)



Fonte: Elaborada pela própria autora (2020).

A região das encostas da Serra Geral de Orleans (SC) é muito rica em recursos hídricos, pois nela estão localizados cursos de água e diversas nascentes, que formam o rio Laranjeiras, afluente da margem esquerda do rio Tubarão (Antunes; Constante, 2016), importante para o abastecimento do Município.

Figura 7 – Rio Laranjeiras e a estrutura morfométrica do seu entorno



Fonte: Ladwing; Campos (2020).

Figura 8 – Rio Laranjeiras



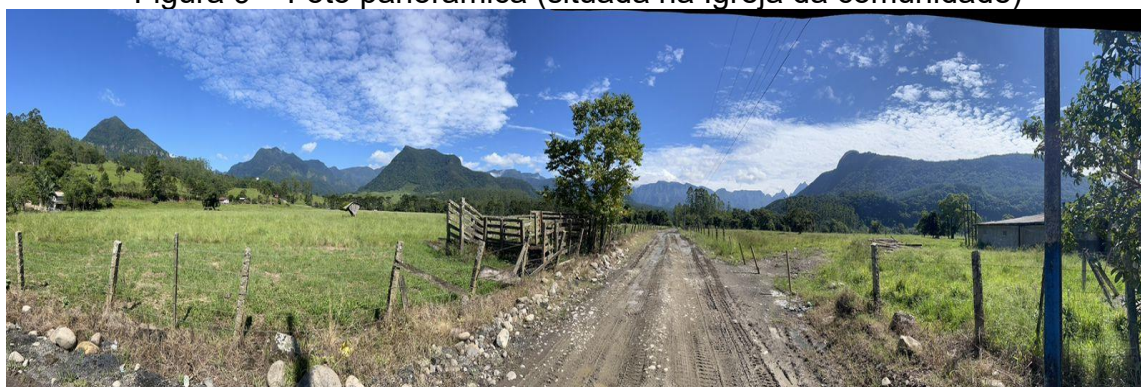
Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2025).

A paisagem exerce um papel fundamental no turismo, servindo como um dos principais fatores na seleção de um destino de viagem. A beleza cênica também é

um recurso valioso para o setor imobiliário, que utiliza imagens de paisagens para atrair compradores e investidores. A busca por paisagens deslumbrantes é uma tendência crescente na sociedade, impulsionando ambos os setores. Em Três Barras, a paisagem local, com sua beleza singular, foi o motor inicial e o principal incentivador para o desenvolvimento do turismo na comunidade.

O principal atrativo da comunidade é agraciado por uma vista espetacular, formando um paredão semicircular, o qual proporciona sensação de imersão total na natureza, com montanhas íngremes, cobertos por vegetação exuberante da Mata Atlântica e Mata das Araucárias.

Figura 9 – Foto panorâmica (situada na Igreja da comunidade)



Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2025).

O território que, atualmente, corresponde à comunidade de Três Barras, era ocupado pelos indígenas Xokleng, habitantes da região entre o planalto e o litoral, que sobreviviam dos recursos disponíveis na Mata Atlântica, considerados, portanto, como caçadores e coletores (Brighenti, 2012). Com a implantação da Colônia Grão-Pará, que passou a receber imigrantes europeus e migrantes nacionais, o povo Xokleng foi dizimado da região (Menegasso, 2019).

Durante o século XIX, a comunidade passou a ser local de pouso para os tropeiros e um entreposto comercial, que desciam à serra em direção ao Litoral, transportando tropas de bois e mercadorias por meio da utilização do caminho da Serra do Imaruí (Dorigon *et al.*, 2024). A partir de meados do século XX, com o declínio da atividade tropeira e a chegada de novas famílias à comunidade, intensifica-se a exploração da madeira, recurso muito abundante na região (Preve, 2020). Após a enchente de 1974, que destruiu boa parte das serrarias e dos

armazéns existentes na comunidade, as atividades econômicas que passaram a se destacar foram a criação de gado e o cultivo de pinos (Debiasi; Carminati, 2024).

Em 2018, o patrimônio natural e cultural de Três Barras enfrentou uma ameaça significativa com a possibilidade de extração de carvão na região. Isso ocorreu após o Tribunal de Justiça de Santa Catarina (TJSC) votar e aprovar a ação de inconstitucionalidade da lei municipal de Orleans (SC) que, anteriormente, impedia a exploração desse recurso mineral no Município (Preve *et al.*, 2020). Diante dessa decisão, no dia 19 de novembro de 2018, um grupo de cidadãos, preocupado com os impactos ambientais e sociais da exploração de carvão, especialmente, na comunidade de Três Barras, reuniu-se e fundou o Movimento Orleans Viva (MOV) – Guardiões do Costão (Instituto Del, 2024). Esse episódio marcou um ponto de virada para a comunidade, que passou a ganhar visibilidade regional.

Uma parcela do território de Três Barras está integrada na UC, que desempenha um papel duplo: a preservação do ambiente natural e a promoção do desenvolvimento socioeconômico por meio do turismo, gerando renda, emprego e recursos para a conservação (Oviedo-García *et al.*, 2019).

As áreas protegidas são a principal estratégia para a conservação da natureza (Dudley, 2008; Bushell; Bricker, 2016; Job; Becken; Lane, 2017; Leung *et al.*, 2019), além de conservarem os recursos naturais e culturais, essas áreas podem fornecer atividades de visitação e recreativas (Rodger; Taplin; Moore, 2015; Pearce; Dowling, 2019). Nesse sentido, o turismo pode ser um facilitador para a proteção e a conservação da biodiversidade (Valdivieso; Eagles; Gil, 2014; Bushell; Bricker, 2016), pois permite aos visitantes das áreas protegidas se conscientizarem sobre o valor e a grande importância da biodiversidade para a sociedade (Bushell; Mccoll, 2007; Silva-Melo; Melo; Guedes, 2020).

Vale, porém, considerar que muitos lugares turísticos são afetados violentamente pela ocupação intensiva, onde predominam diversos problemas sociais, econômicos e ambientais. Para Dourojeanni e Pádua (2007), os problemas principais para as UCs são provocados pelo avanço do desenvolvimento econômico ou ocupação do território; pelo crescimento da demanda sobre os recursos contidos e a crescente densidade populacional no entorno, sendo, esta, a principal fonte de conflitos.

Para Krob (2011 *apud* Selau 2011), a gestão dos parques enfrenta dificuldades em realizar ações primordiais para conservação da biodiversidade, como controle à caça e ao extrativismo irregular, em virtude da carência de fiscalização, de planejamento e manejo dos recursos administrativos e o fato dos recursos arrecadados na cobrança de taxas e serviços serem depositados em uma conta única e não retornar de imediato à área protegida.

Em Três Barras, a fiscalização é notoriamente ausente na ZA e no parque. Moradores relatam a falta de visitas de órgãos fiscalizadores há tempos, desconhecendo a identidade do responsável e as normativas da UC, o que facilita atividades ilegais como desmatamento e caça.

Algumas pesquisas dizem que os pequenos impactos causados por essa população, no presente, tendem a crescer e, com isso, passará a ameaçar a biodiversidade da área. Outros defendem que o uso que as populações fazem dos recursos naturais mantém a diversidade máxima de espécies, ou seja, fazem a utilização sustentável dos recursos naturais e a convicção de que a conservação ambiental não pode ser concebida de forma separada.

Diante da relevância de adotar novas práticas, torna-se crucial a implementação de ações regenerativas que promovam desenvolvimento equilibrado e sadio para todos - natureza e comunidades locais. Isso implica a conservação e a recuperação de ecossistemas como pilares fundamentais, aliadas à valorização da rica cultura local e ao apoio ao empreendedorismo regional, fomentando a economia da comunidade, com incentivos à criação de negócios e oportunidades que respeitem suas tradições e saberes, constrói-se um futuro em que o bem-estar dos moradores e a saúde do meio ambiente caminham juntos.

3 REFERÊNCIAS TEÓRICO-CONCEITUAIS

Este capítulo tem como finalidade contextualizar e embasar para a pesquisa com apoio em fontes alinhadas. O primeiro tópico do referencial teórico, por sua vez, aborda os conceitos do turismo de forma abrangente, para então, no segundo e terceiro tópicos apresentar como o turismo na comunidade de Três Barras iniciou, contextualizando-o e apresentando os meios de hospedagem, suas características. No penúltimo tópico foram abordadas as reflexões sobre patrimônio cultural e as ameaças frente a pessoas e ambiente. E, para encerrar os tópicos, no último são apresentadas as múltiplas faces das ameaças: vulnerabilidade humana e degradação ambiental.

3.1 ASPECTOS CONCEITUAIS DO TURISMO

O surgimento do turismo teve início a partir do século XIX, em que houve transição da modernidade para a pós-modernidade. Representa uma atividade econômica viável de forte impacto na vida moderna, com significativo crescimento no setor terciário.

O turismo é compreendido como fenômeno de aspectos social, cultural e econômico, diretamente relacionado com o deslocamento de pessoas para lugares fora do seu ambiente pessoal, seja uma localidade próxima ou até outro país, por um período inferior a um ano, com fins de lazer, negócios ou outros e, uma grande fonte de renda, de ganhos em receitas de impostos e emprego (Organização Mundial do Turismo, OMT, 2001). Em muitas situações, ajuda a promover o crescimento econômico, aliviando a pobreza e criando empregos para todos.

A participação do turismo no Produto Interno Bruto (PIB), de vários países, vem crescendo de forma acelerada e contribuindo, efetivamente, na geração de empregos. Nos países em desenvolvimento, a atividade turística chega a representar 40% do PIB (Mecca; Gedoz, 2020). Segundo o Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC), o setor do turismo no Brasil, em 2024, representou uma alta de 9,5% em relação ao PIB de 2019. Atualmente, o setor apresenta 7,7% da economia nacional. Durante 2023, a atividade reforçou sua força de trabalho com 91 mil postos de trabalho adicionais em relação ao registrado em 2019, alcançando um total de 7,76 milhões de empregos em todo o País.

O turismo tem o potencial de gerar empregos, impulsionando o desenvolvimento de economias e sociedades mais fortes, sustentáveis, igualitárias e inclusivas para todos. Segundo Guterres (2023), secretário Geral das Nações Unidas, em discurso, alegou que o setor poderia se tornar um motor para a prosperidade, um veículo para a integração, um meio de proteger o planeta e a biodiversidade, e um agente de compreensão cultural entre os povos.

Autores como Mill e Morrison (1992 *apud* Panazzolo, 2005) afirmam que os primórdios das atividades turísticas estariam nos Jogos Olímpicos da Grécia, no século VIII a.C., para onde as pessoas se deslocavam para assisti-los.

A ideia do turismo como possibilidade de desenvolvimento econômico no Brasil e no mundo é considerada como uma das fontes rentáveis mais prósperas das últimas décadas. O turismo traz junto probabilidades concretas para alavancar o crescimento econômico, o lazer e o respeito à natureza, em que favorece relação sustentável com esta, comprometida com a conservação e com a educação ambiental (Brasil, 2008).

As transformações no espaço geográfico ocupado e vivido por uma sociedade apresentam-se por meio de diferentes formas de uso das paisagens e passam a promover transformações conforme o modo de vida atual, as quais estão ligadas aos aspectos econômicos ditados pela procura e oferta de bens produzidos e extraídos do meio. O turismo promove mudanças de hábitos e atitudes em relação ao patrimônio sociocultural material e imaterial (história, geografia, comunidades tradicionais, monumentos e prédios, por exemplo) e patrimônio natural (paisagens, ecossistemas e biodiversidade, dentre outros).

Ao considerar que o turismo depende da relação entre as pessoas, bem como do entendimento que estas têm acerca do destino, para alcançar a regeneração em nível turístico, a harmonia deve coexistir entre as relações mencionadas, no intuito de garantir consciência por parte daquele que visita o local. Nesse âmbito, é necessário garantir a participação ativa do turista em questão, a fim de que este se integre e se relacione ao fluxo relacional existente de maneira que se obtenha alinhamento entre todas as partes envolvidas (Avecilla, 2018).

Entender que a conexão com as pessoas, o lugar e a comunidade, faz despertar o desejo de proteger e coloca o ser humano no lugar do cuidar. Em um

sentido holístico, criando uma jornada de construção em que modifica a visão do individual para o global, entende-se que:

As experiências turísticas integradas num modelo regenerativo podem ajudar as pessoas a verem-se a si próprias como parte de um sistema vivo e a reconhecerem a sua interligação com as pessoas e os locais que visitam e para onde regressam. (Major; Clarke, 2022, p. 198).

Em suma, o turismo regenerativo busca alinhar todas as partes envolvidas para criar experiências de conexão positiva entre turistas, comunidade local e os ecossistemas. Nesse modelo, a integração entre os atores é fundamental para garantir a cocriação no destino, fomentar alianças coevolutivas com a natureza e aplicar um pensamento sistêmico. O objetivo é promover interações benéficas para todos e o crescimento saudável dos sistemas socioambientais (Avecilla, 2018).

3.1.1 O turismo na comunidade de Três Barras e a relação com a pandemia

Em decorrência da pandemia da Covid-19, medidas de isolamento social e de quarentena (Brooks *et al.*, 2020) foram implementadas como procedimentos necessários para minimizar infecções e controlar a propagação do vírus pelo mundo. Tais medidas geraram impactos em diversos setores da economia mundial, em especial, de turismo (Dobrescu; Mazilu, 2020; Zenker; Kock, 2020). A “pandemia introduziu um convidado invisível - o qual não pôde ser controlado - causando caos no sistema turístico.” (Barbosa *et al.*, 2021, p. 182) e na livre circulação de viajantes, ocasionando fechamentos e desemprego a muitos profissionais da área (Sengel, 2021).

Essa situação (permanecida por mais de dois anos: 2020 a 2022) levou, simultaneamente, ao declínio e ao surgimento de novos negócios. Viajantes preocupados em cumprir as normas sanitárias a fim de proteger a si e aos outros foram em busca por espaços ao ar livre, amplificando as demandas pelo turismo de natureza e rural (OMT, 2021) e de destinos próximos à residência dos visitantes. Especialistas da OMT apontaram tendências como ‘turismo doméstico’, ‘viagem próximo de casa’, ‘atividades ao ar livre’, ‘produtos baseados na natureza’ e ‘turismo rural’ entre as principais que devem moldar o setor.

O turismo em geral, sobretudo, o de massas, como o balnear ou o cultural, foi prejudicado, enquanto o turismo rural, entre outros não massificados, teve um crescimento assinalável (Everingham; Chassagne, 2020).

O ecoturismo, nesse contexto, surge como possibilidade de proporcionar tal contato, promovendo o bem-estar e gerando oportunidades de mercado para o segmento turístico. Houve aumento de 133% na busca pelo termo ‘turismo de natureza’, além do termo ‘turismo ecológico’, que cresceu 23%, em 2021. Além disso, estudos indicam que a experiência de isolamento fez com que o contato com a natureza e as atividades ao ar livre passassem a ser mais valorizadas e, inclusive, priorizadas no período pós-pandemia, redefinindo também destinos de viagem e preferências turísticas (Sebrae, 2022).

O contato com a natureza permite aos seres humanos sossego, descanso e bem-estar, cujos recursos naturais são usados para inúmeras finalidades na incessante busca por melhores condições de vida (Trzaskos; Baum; Trobia; Teles, 2011). Há demanda crescente na procura por áreas naturais em uma proposta de recuperar o equilíbrio com a natureza (Ruschmann, 2016). O natural atrai pela presença e composição cênica: água, vegetação, relevo e fauna, além das ocorrências episódicas e sazonais da atmosfera e do clima. O turismo em áreas verdes favorece uma relação sustentável com a natureza, comprometida com a conservação e com a educação ambiental (Brasil, 2008).

Segundo Kim, Ribeiro e Li (2022 *apud* Medeiros; Vieira; Silva, 2022), sugerem que a experiência de memórias turísticas positivas aumenta a probabilidade do turista em revisitar o destino. Isso pôde amenizar sentimentos desfavoráveis atrelados ao novo coronavírus, por fugirem do cotidiano de isolamento para locais ‘não-congestionados’, sem deixar de atender às recomendações sanitárias e atrair revisitações a lugares já conhecidos e ligados a boas lembranças, principalmente, aqueles circundantes à moradia dos consumidores, normalmente visitados em algum momento em razão da proximidade.

Diante disso, o modo de vida nas sociedades urbanas e sua relação de interdependência com as atividades econômicas nos espaços rurais foram sendo reconfigurados, moldado pelas mudanças no comportamento da sociedade urbana e pelas novas orientações do mercado. No setor turístico, essa reconfiguração se manifestou na crescente procura por locais distantes dos grandes centros ou por experiências que ofereçam um contraste com a intensidade da vida urbana, impulsionando novas demandas de mercado. Essa nova percepção do valor dos espaços preservados, caracterizada por maior contato com a natureza e a

proximidade com as comunidades rurais, indica uma ruptura com a visão que, historicamente, separou o rural do urbano. As práticas econômicas que fomentaram a migração campo-cidade, valorizaram o modo de vida urbano moderno e relegaram o campo a um papel de atraso meramente agrícola, estão perdendo espaço para uma nova valorização do rural.

A valorização do campo e das áreas verdes dotadas de paisagens cênicas ganham públicos no contexto atual, sendo cada vez mais visadas por pessoas que procuram esse tipo de lugar e serviço. Essa busca pelo verde é uma fuga da agitação dos centros urbanos e de maior equilíbrio psicofísico com a natureza (Ruschmann, 2016).

Dessa forma, esses lugares começam a adquirir novos conteúdos, significados e um novo sentido a partir do movimento da sociedade, no qual novos formatos de divisão do trabalho acabam carregando transformações sociais e econômicas (Santos, 2006). Os interesses humanos são grandes colaboradores para as constantes transformações dos espaços em mercadorias. Percebe-se que as transformações ocorridas em cada tempo, refletiram em novas dinâmicas territoriais.

Em Orleans (SC), por exemplo, observou-se o crescimento do turismo de natureza, com destaque para a procura por áreas verdes e paisagens cênicas nas proximidades das Encostas da Serra Geral. Pesquisas abordam que a pandemia da Covid-19 transformou as comunidades rurais, com impulsionamento do turismo local e alteração da dinâmica social. Esse movimento evidenciou a importância dos espaços naturais para o bem-estar e a qualidade de vida.

A beleza cênica presente no entorno da comunidade somente passou a ser considerada como atrativo turístico no ano de 2020, com a instalação das primeiras cabanas que serviram como meios de hospedagem. Esse evento está intrinsicamente ligado com a pandemia do Coronavírus (Covid-19), que assolou o planeta em 2020, foi a principal ocorrência na vida das pessoas, nos governos, nos negócios e no lazer e induziu o mundo a uma crise na saúde, na economia, no meio ambiente e ameaças sociais sem precedentes (Waithaka *et al.*, 2021). Medidas de isolamento social e de quarentena foram implementadas, como procedimentos necessários para minimizar infecções e controlar a propagação do vírus pelo mundo.

A procura das pessoas em tentar recuperar o equilíbrio psicofísico em contato com ambientes naturais durante o seu tempo de lazer por meio da interação com as atividades desenvolvidas ao ar livre levou muitos visitantes a frequentarem o PNSJ, em Três Barras (Orleans, SC), para realizar atividades recreativas, como piqueniques e acampamentos, sendo a natureza a protagonista.

A reportagem no Jornal Hoje⁵, jornal impresso e de abrangência regional no Sul de Santa Catarina, vinculou, no dia 8 de maio de 2020, que grupo de ativistas (MOV) manifestou preocupação quanto ao aumento de visitantes no interior da cidade durante o período de isolamento social e fez alerta sobre turismo de natureza consciente em tempos de pandemia.

⁵ Redação JH. Notícias JH. 8 de maio de 2020. Capa: Turismo com precaução. Reportagem: MOV alerta para o turismo de natureza consciente em tempos de pandemia. Acesso em: 08 mar. 2025.

Figura 10 – Reportagem: Turismo com precaução



Notícias JH
O seu Jornal Semanal

SEXTA-FEIRA
ORLEANS, SC
08 DE MAIO DE 2020
VALOR: R\$ 5,00

POLÊMICA

Falta de chuva gera uma das situações mais críticas dos últimos 14 anos em SC

Relatório aponta 46 municípios com pedido de situação de emergência e mais de 40% deles com ocorrências em função da escassez de água em todas as regiões. **Página 03**



PERDA TOTAL OU EM PARTE DA RENDA MENSAL JÁ Atingiu 40% DOS BRASILEIROS

77% das pessoas que estão no mercado de trabalho têm medo de perder o emprego, aponta pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Página 05



Excepcionalmente nesta sexta-feira, dia 08 de maio, o Notícias JH não terá circulação impressa, se restringindo apenas à divulgação por meio digital, em virtude das consequências da pandemia do coronavírus.

MOV ALERTA PARA O TURISMO DE NATUREZA CONSCIENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA

O Movimento Orleans Viva (MOV) manifestou preocupação quanto ao aumento da movimentação de turistas no interior da cidade durante o período de isolamento social.



A comunidade de Três Barras tem sido um dos destinos mais procurados para turismo



Turismo com precaução

Redação Notícias JH

O Movimento Orleans Viva (MOV) – Guardiões do Castelo fez um alerta a respeito do alto fluxo de pessoas que têm se dirigido para o interior de Orleans neste período de isolamento social. O pedido é que se evite ao máximo as atividades turísticas, tendo em vista que se trata de uma atividade não essencial em um momento em que a recomendação global é o isolamento social e no qual os dados científicos ainda não apontam um cenário seguro em relação à pandemia.

A preocupação manifestada pelo grupo quanto ao aumento da movimentação de turistas em áreas naturais de Orleans nos últimos dias se deu devido a relatos feitos por proprietários rurais que se queixam de um grande número chegando a dezenas, em um único dia, de veículos entrando sem permissão em suas propriedades para acampar, fazer foguetas e, às vezes, tribas com veículos off-road. Além de serem atividades potencial ou diretamente danosas ao meio ambiente e à propriedade alheia, essa movimentação contraria as recomendações da OMS quanto ao

isolamento social como medida mais eficiente para se reduzir a taxa de difusão da Covid-19, aumentando, portanto, a vulnerabilidade das populações rurais. Somam-se à nova preocupação, os recentes incidentes em áreas florestais da cidade, facilitados pela forte estiagem pela qual estamos passando, afirmam em nota.

Tendo isso em vista, o MOV solicitou ao poder público, por intermédio da cidade, que as preocupações manifestadas sejam consideradas tanto de imediato, através da parte da estratégia de enfrentamento da pandemia pela Prefeitura e o Departamento de Turismo, quanto em médio e longo prazo, como parte dos planejamentos que vêm sendo encetados por órgãos colegiados como o Conselho Municipal de Turismo e a Câmara Técnica de Turismo e

Cultura do Desenvolvimento Econômico Local (DCEL). “Devemos combinar restrições adotadas das medidas de quarentena e um recente relaxamento da população e dos governos, muitas pessoas têm buscado no turismo de natureza saídas e, independentemente de atividades comerciais, uma saída para seu lazer. Como Orleans ainda não conta com infraestrutura, formalização profissional e regimento adequados para esta categoria de turismo, vemos como urgente que a Administração Municipal, através de suas redes locais e outros meios oficiais de comunicação, incluindo, se necessário, o uso de instrumentos jurídicos, oriente a população para que evite ao máximo as atividades turísticas, por se tratar de uma atividade não-essencial”, sugere o documento.

Além disso, o MOV ressalta ainda

que o turismo em áreas naturais e rurais vêm sendo incentivado em Orleans, sendo este, também, um dos objetivos do MOV. Portanto, o grupo defende que, uma vez que não se trata de uma produção das atividades turística como um todo, é fundamental que o Município oriente a população para que, quando optar por realizar esse tipo de atividade, o faça de forma consciente dos seus impactos.

Confira as recomendações nestes casos:

- Contato prévio com os proprietários do terreno em que se pretende acessar o acampar;
- Não utilizar veículos que estejam emitindo ruídos ou gases de forma atípica;
- Não alterar estradas nem utilizar caminhos alternativos, principalmente quando do uso de veículos off road;

- Não destruir a vegetação nem as lagoas de pedras;
- Arrecusar resíduos para que não fiquem no local;
- Não produzir poluição sonora através de sons excessivamente altos;
- Evitar foguetas, fogueiras em época de seca e há grande risco de incêndios e, quando fizer, usar barreiras de pedras e apagar com água toda as brasas no mínimo algumas horas antes de deixar o local;

- Contratar ou consultar profissionais da área de turismo, como condutores ou guias, no caso de turistas, inapetentes quanto à atividade que realizarão ou ao local que acessarão, bem como nos casos em que a contratação destes profissionais é um requisito.

Além disso, estabelecer o turismo consciente também envolve todas as medidas cautelares relacionadas à Covid-19, tais como:

- Distanciamento de 4 metros para caminhada, 10 metros para corrida e 20 metros para ciclismo;
- Uso de máscaras;
- Higienização de mãos e objetos;
- Não compartilhamento de objetos de uso pessoal;
- Consciência de que, no caso de um eventual acidente, áreas isoladas são de difícil acesso, e você pode contrair o vírus no hospital.

“O grande problema desta movimentação turística é o simples fato de as pessoas não estarem respeitando a exigência de ficar em casa e sair para fazer apenas o essencial. É difícil acreditar que as pessoas ainda estejam se aglomerando, podendo difundir o vírus entre elas, como a gente sabe que acontece, e também deixando a população rural vulnerável, já que há o risco de levar até essas pessoas a contaminação. Então a recomendação principal é que não se faça turismo neste momento”

Billings André Klein, membro do Movimento Orleans Viva (MOV) – Guardiões do Castelo.

Fonte: Facebook Movimento Orleans Viva (2020).

Uma tendência recente aponta para a valorização de novas experiências, proporcionadas pelo contato com a natureza e a contemplação de patrimônios culturais e naturais preservados. Para garantir o êxito dessa modalidade de turismo, é imprescindível que o uso desses locais por visitantes e turistas considere a população local como parte fundamental do processo de construção de uma nova e alternativa de fonte de renda.

Esse movimento inicial despertou o interesse de um empreendedor local, que percebeu a oportunidade de explorar o potencial turístico da região. Ao ser abordado por um visitante interessado em alugar sua casa de sítio/descanso, o proprietário vislumbrou um novo modelo de negócio. Com a crescente demanda, ele

investiu na construção de cabanas com design arquitetônico diferenciado, estrategicamente posicionadas em pontos com vistas panorâmicas da paisagem local. Atualmente, esse empreendedor se destaca como o principal provedor de hospedagem na comunidade, com o maior número de cabanas e, conseqüentemente, a maior rotatividade de turistas.

O sucesso desse empreendimento pioneiro inspirou outros 4 empreendedores a explorarem o turismo como uma atividade promissora. Após, novas cabanas surgiram na paisagem, com arquiteturas diferentes, revelando a diversificação da oferta turística na região. No entanto, essa rápida expansão do turismo trouxe à tona preocupações com os impactos ambientais. A transformação da paisagem, com a construção de novas estruturas e o aumento do fluxo de visitantes, exige um planejamento cuidadoso e a implementação de práticas sustentáveis para evitar a degradação do meio ambiente.

A paisagem é o resultado da vida das pessoas, dos processos produtivos e da transformação da natureza e mostra a história da comunidade de um determinado lugar. Ressalta-se que cada paisagem é única, mesmo que apresente semelhanças com relação à outra, pois cada uma possui sua particularidade, uma função.

No dicionário Michaelis, a palavra paisagem é definida como “um espaço de terreno que se abrange num lance de vista.” (Michaelis, 2025, on-line). Possui, assim, diversos conceitos em função do contexto e da pessoa que a usa. A noção de espaço aberto, espaço ‘vivenciado’ ou de espaço de inter-relação do ser humano com o seu ambiente está presente na maior parte das definições.

A partir do século XIX, foi concebida a paisagem como um conjunto de elementos da natureza capazes de serem observados por um ponto de referência. Considerada dinâmica pois suas transformações continuam ativas e evoluem modificando-se no tempo e com história, podendo ser objeto de conhecimento histórico. É impregnada de valores simbólicos e estéticos e sua apreciação varia entre os indivíduos. Para Milton Santos (2006, p. 61), é: “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. [...]. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”

A percepção que se tem das paisagens é sempre um processo de seleção do que se experimenta pelos sentidos, estando condicionado a alguns fatores

inerentes ao próprio indivíduo, fatores educativos e culturais, fatores emotivos, afetivos e sensitivos. Cada pessoa, de acordo com suas vivências e experiências, perceberá a paisagem de uma forma diferente da outra. As paisagens passam constantemente por processos de mudanças, regenerações, renovações e essas rápidas transformações, que são evidenciadas pelas dinâmicas do capitalismo em que se vive, são modeladas pelas transformações naturais e pelas atividades humanas.

Ao se tratar de paisagem e turismo, identificam-se como duas realidades intimamente relacionadas. A paisagem é um elemento substancial do fenômeno turístico e um recurso de grande valor no desenvolvimento e na consolidação da oferta turística (Pires, 2007).

Segundo Oliveira e Cavalcante (2020), as paisagens se constituem em recursos turísticos com base nos valores que lhes são atribuídos, ou seja, em componentes materiais, valores simbólicos e estéticos. Constitui-se no resultado da interação da sociedade humana com seu espaço de vida natural e construído, em síntese, engloba pessoas e natureza.

A relação entre turismo e paisagem é marcada pela contrariedade, produzindo tanto efeitos positivos quanto negativos ao ambiente, ainda mais ao notar que o turismo é uma atividade que sacraliza a natureza e, ao mesmo tempo, submete-a ao mundo da mercadoria, pois se paga para desfrutar da natureza, da paisagem natural ou do ambiente natural ou construído (Rodrigues, 2001). Para Yázigi (2002), o turismo e a paisagem têm um grande e inegável potencial de fecundação mútua e enriquecimento da vida humana, porém os interesses humanos e as estruturas em que eles se expressam e operam definem as condições segundo as quais esse potencial poderá realizar-se ou dar lugar à exclusão social.

O que constitui a paisagem como recurso turístico não é, apenas, sua aparência real, é, também, sua imagem e representação. Para Oliveira (2018), as paisagens se constituem em recursos turísticos com base nos valores que lhes são atribuídos, ou seja, em componentes materiais, valores simbólicos e estéticos. Compõe-se no resultado da interação da sociedade humana com seu espaço de vida natural e construído, em síntese, engloba pessoas e natureza. De acordo com Silveira (2014), a paisagem torna-se recurso turístico não apenas por sua materialidade, mas principalmente pela forma como é representada e valorizada

simbolicamente. O crescimento contínuo no setor turístico relacionado ao meio ambiente, está se tornando cada vez mais influente na economia, devido à procura das pessoas em tentar recuperar o equilíbrio psicofísico em contato com ambientes naturais durante o seu tempo de lazer, por meio da interação com as atividades desenvolvidas ao ar livre.

Como exemplo Três Barras, sabe-se que a paisagem é um dos motores fundamentais para esse desenvolvimento e assume relevância nos principais elementos na escolha de um destino para viajar, na qual, as imagens das paisagens são recursos muito utilizados pelo setor imobiliário e do turismo. Em ambos os setores, as imagens são oferecidas aos 'compradores', em que a busca por paisagens cênicas é muito forte pela sociedade.

3.1.2 Caracterização dos meios de hospedagem

Na comunidade, há cinco (5) propriedades que oferecem estadias no aplicativo Airbnb, sendo duas (2) com mais de uma edificação, possuindo um total de 13 instalações com 54 lugares.

Figura 11 – Diagrama com pousadas existentes em Três Barras com base na plataforma Airbnb

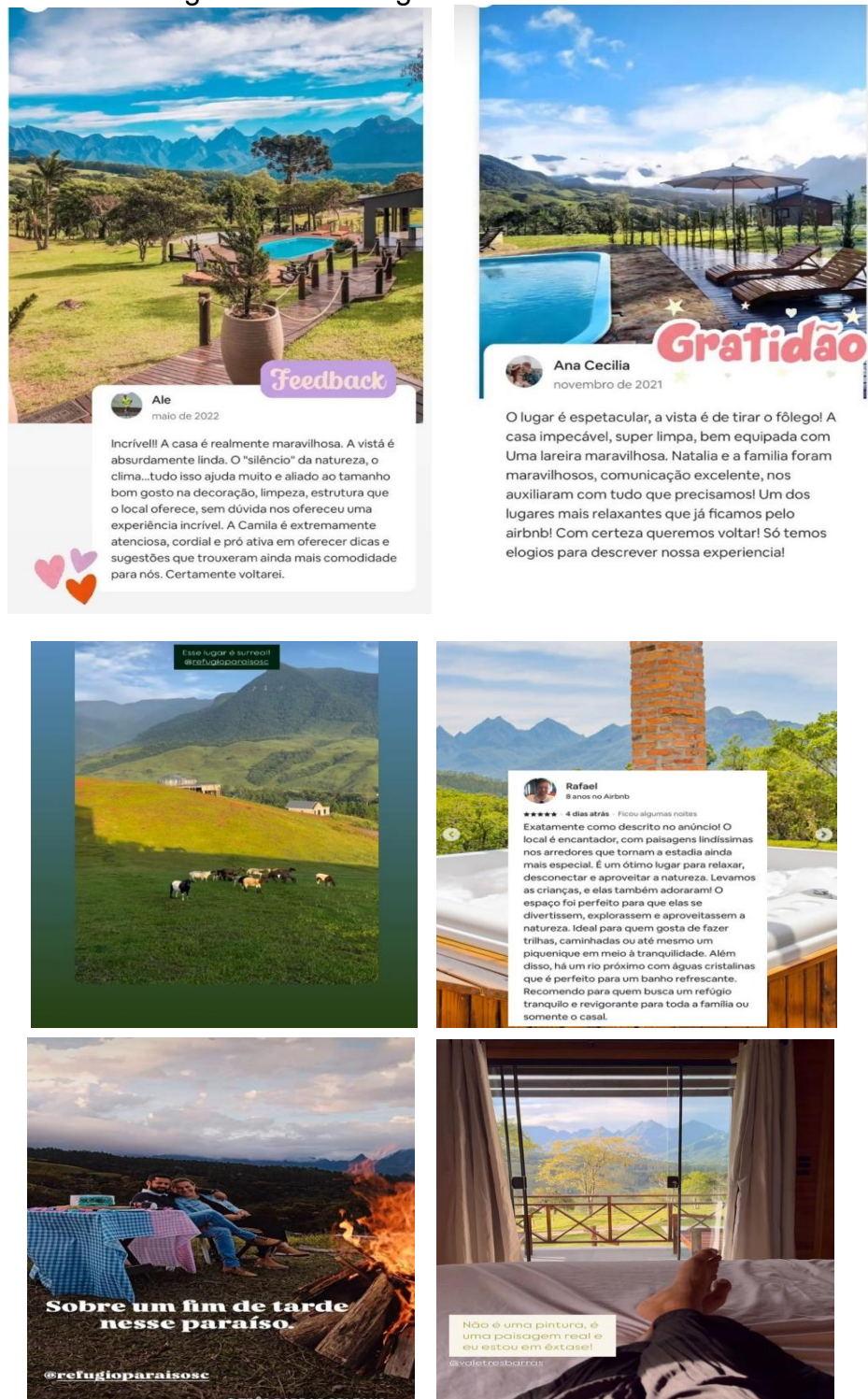


Fonte: Elaborada pela própria autora (2024).

Para Araneda (2022, on-line): "A busca por um sentido de lugar é essencial, porque, a partir de suas características e qualidades únicas enraizadas em sua

história natural e cultural, pode-se encontrar o potencial inerente que esse lugar tem". Há também publicações no aplicativo Instagram das próprias pousadas, em que hóspedes postam fotos da paisagem em conjunto com legenda/mensagem, expressando seus sentimentos e apreço com o lugar.

Figura 12 – Postagens dos turistas na Internet



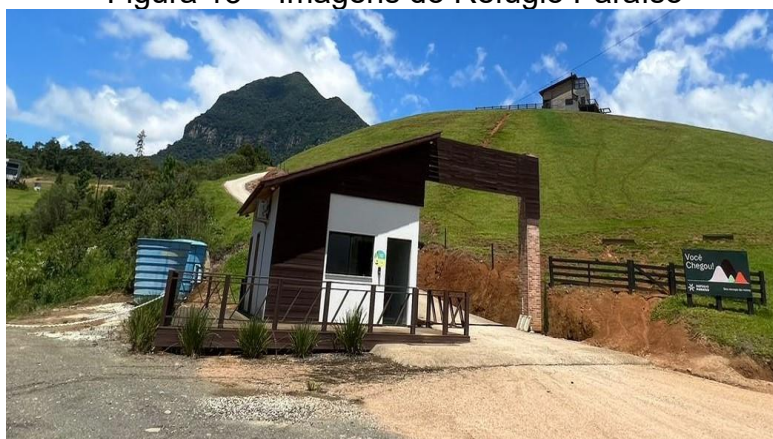
Fonte: Instagram (2025).

A oferta de hospedagem, em Três Barras é, predominantemente, composta por cabanas, acomodações compactas projetadas para, até, dois hóspedes. Esse perfil de acomodação atrai, principalmente, casais na faixa etária de 25 a 50 anos e um público de médio/alto poder aquisitivo, pois as diárias variam em torno de R\$ 650,00 na alta temporada, que vai de abril a setembro, e na baixa temporada, que vai de outubro a março, o valor da diária varia entre R\$ 500,00.

Os empreendimentos turísticos (cabanas) possuem características arquitetônicas rurais, compartilham do uso da madeira como elemento principal, o que lhes confere um estilo rústico e acolhedor. No entanto, cada uma possui características distintas, desde o rústico tradicional até um rústico aliado à elegância do rural contemporâneo, mistura os traços da arquitetura atual, de ambientes integrados e espaçosos, aos elementos que resgatam a alma da construção caipira, como telhas artesanais, fogão a lenha e ladrilhos hidráulicos. Todas situadas em meio a paisagens deslumbrantes, com vistas que se transformam a cada curva, revelando a majestade das montanhas sob diferentes ângulos.

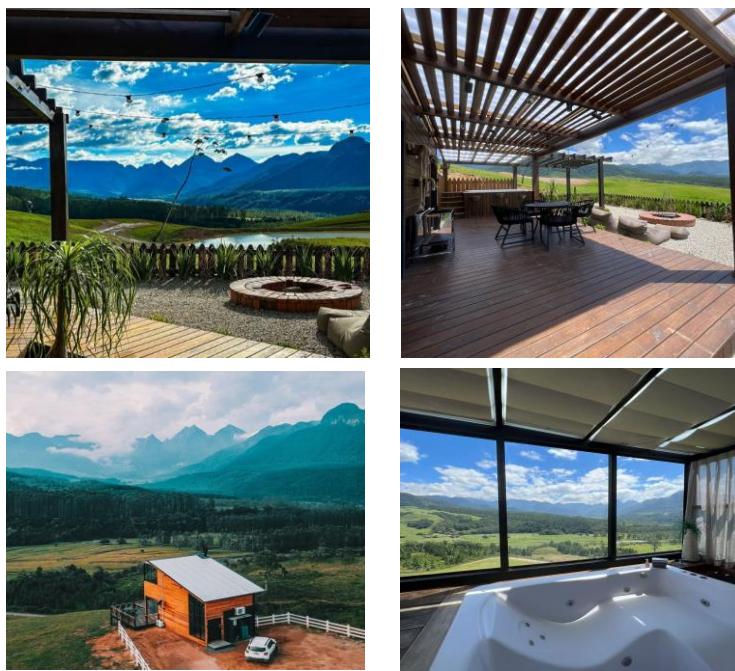
As cabanas foram projetadas para proporcionar experiência imersiva com vistas panorâmicas da paisagem circundante. Inspiradas nas hospedagens comuns em regiões serranas, essas acomodações mesclam uma arquitetura contemporânea e rústica, distinta da arquitetura local tradicional. Nos ambientes internos, são equipadas com hidromassagem e outros na área externa, ao ar livre, perfeitas para contemplar da paisagem, além de possuírem todos os equipamentos domésticos, inclusive fogão a lenha e lareira. Para completar, os hóspedes são presenteados com cestas de café da manhã personalizadas.

Figura 13 – Imagens do Refúgio Paraíso



Fonte: Própria autora (2025).

Figura 14 – Imagens do Refúgio Paraíso



Fonte: Instagram (2025).

Figura 15 – Imagens do Vale Três Barras



Fonte: Pela própria autora e Instagram (2025).

Figura 16 – Imagens internas das cabanas do Vale Três Barras



Fonte: Instagram (2025).

Figura 17 – Pórtico de entrada e cabana Encantos da Colina



Fonte: Própria autora (2025).

Figura 18 – Imagens da Morada Caminho do Imaruí



Fonte: Instagram (2025).

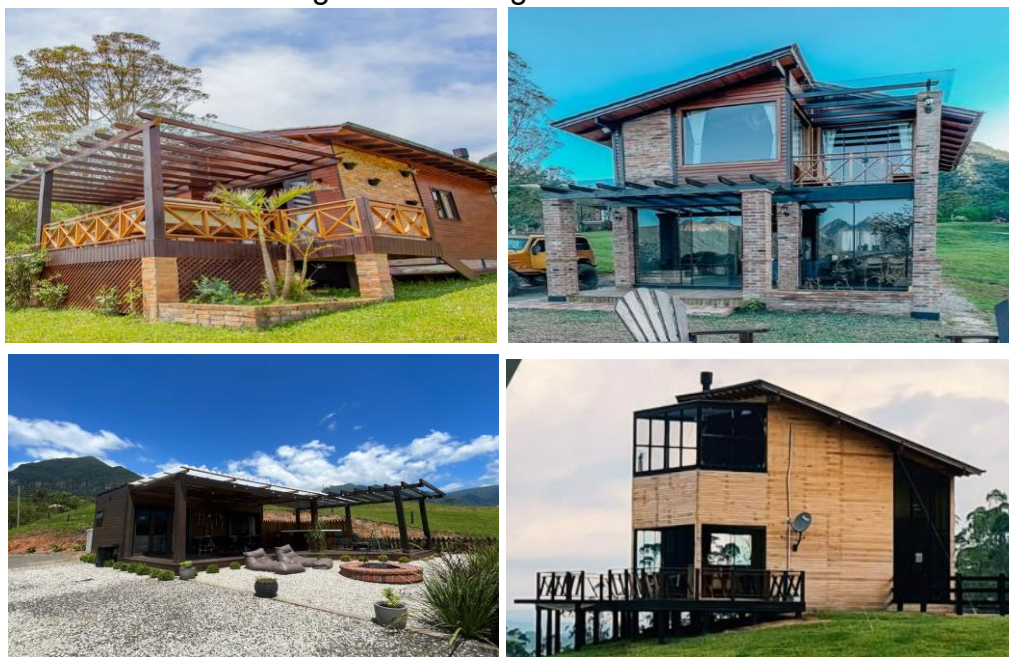
Contudo, é crucial observar que a estrutura arquitetônica dos novos empreendimentos turísticos em Três Barras diverge, significativamente, das construções tradicionais locais, conforme ilustram as imagens, a seguir:

Figura 19 – Residências locais



Fonte: Pela própria pesquisadora (2025).

Figura 20 – Imagens das cabanas



Fonte: Instagram (2025).

Essas novas edificações descaracterizam a arquitetura local da comunidade. Tal distinção arquitetônica levanta uma reflexão: até que ponto o desenvolvimento turístico, com suas necessidades e estilos, pode coexistir harmoniosamente com a preservação da identidade cultural e visual de uma comunidade?

3.1.3 Reflexões sobre patrimônio

O patrimônio cultural abrange, não só, expressões materiais, como monumentos arquitetônicos e edifícios, e também bens imateriais (Unesco, 2016),

os quais caracterizam um povo ou uma comunidade, representado pelas suas memórias, tradições e costumes (Zarbato, 2015); resultam das interações humanas com o meio ambiente (Unesco, 2016), estabelecidas ao longo da história e, portanto, devem ser um recurso a ser preservado. Fica evidente que a preservação do patrimônio cultural é fundamental para o desenvolvimento do turismo. Ao valorizar a identidade local, automaticamente, atrai turistas interessados em cultura e história e assim valoriza a comunidade.

A presença do Tropeirismo⁶ na paisagem em forma de patrimônio cultural, que abrange, não só, expressões materiais, como monumentos arquitetônicos e edifícios e, também, bens imateriais (Unesco, 2016), que caracterizam um povo ou uma comunidade, representado pelas suas memórias, tradições e costumes (Zarbato, 2015), resultam das interações humanas com o meio.

Em regiões com grande potencial turístico, como Três Barras, o interesse pela proteção ao patrimônio cultural tem se intensificado nos últimos anos. Como patrimônio material encontram-se as taipas de pedra, e imaterial, a história dos tropeiros, caminho que favoreceu o desenvolvimento da comunidade pelo fato desta ser o primeiro local de pouso para os tropeiros após a descida da serra e, com isso, o primeiro ponto de estabelecimento de trocas comerciais entre eles e moradores locais.

Evidências da passagem dos tropeiros ainda podem ser observadas na paisagem da comunidade com as taipas de pedra, do tipo corredor e estrutura cercada com fatores de destruição de ordem natural.

Drenagens naturais e troncos de árvores caídos afetam a integridade dessas estruturas, que não recebem mais a manutenção periódica, pois não estão sendo utilizadas para o fim ao qual foram construídas, o que acaba comprometendo as estruturas e, até mesmo, ocasionando seu desaparecimento. (Nicoladelli *et al.*, 2023, p. 263).

As taipas, muros ou corredores de pedras são construções que delimitavam as antigas fazendas. No caso dos muros, serviam para direcionar os rebanhos de bovinos e suínos para serem vendidos no litoral ou em outras regiões, formando um

⁶ A história do tropeirismo em Três Barras está intrinsecamente ligada à sua posição geográfica estratégica nas antigas rotas comerciais entre a serra e o litoral de Santa Catarina. A comunidade serviu como um ponto de apoio vital para os tropeiros, e seu desenvolvimento foi, em grande parte, moldado por essa atividade.

emaranhado de caminhos que ajudavam os tropeiros a se locomoverem com seus rebanhos.

O tropeirismo foi um movimento muito forte na região, abrindo diversos caminhos que ligavam os campos de cima da serra com a região litorânea. Os percursos eram bastante difíceis, enfrentavam o tempo ruim e as famosas virações, uma neblina densa que envolvia e confundia a visão dos viajantes a poucos metros adiante. Nessas condições, acompanhar as taipas implicava maior segurança para não se perder no trajeto.

Figura 21 – Taipas de pedras



Fonte: Pela própria autora (2025).

O desejo dos moradores de Orleans (SC) que realizam turismo de aventura, é que, em breve, esse trajeto da trilha dos tropeiros na Serra do Imaruí possa ser inserido como trilha oficial do parque e, assim, proporcionar de forma segura e consciente uma caminhada pela antiga rota dos tropeiros. E que essa trilha possa unir patrimônio natural e cultural mediante as belíssimas paisagens e o conhecimento histórico sobre essa atividade que marcou a vida de grupos sociais do planalto serrano e do Município (Preve, 2020).

A Festa dos Tropeiros, tradicional celebração anual que ocorre em junho, atrai inúmeros descendentes de tropeiros e visitantes de comunidades vizinhas. Mais do que um evento, é uma manifestação cultural vital, que preserva a memória e as tradições do Tropeirismo, elementos fundamentais para a identidade de Três Barras. O evento, que acontece de sexta-feira a domingo, oferece programação

diversificada. Os participantes podem desfrutar de cavalgadas que remetem às antigas jornadas, animados com bailes tradicionalistas e almoços com gastronomia típica. A culinária é um dos pontos altos da festa, com pratos como o almoço tropeiro (arroz, carne e outros acompanhamentos) e a vaca atolada, que resgatam os sabores que acompanhavam os tropeiros em suas viagens.

Figura 22 – Monumento dos tropeiros, Flyer festa dos Tropeiros, Cavalgada Festa dos Tropeiros (02/06/2024)



Fonte: Pela própria autora (2024).

Segundo Preve (2020, p. 11), as “[...] cavalgadas, o gosto pela lida do campo, pela criação de animais, pela manutenção do antigo caminho dos tropeiros e pela

realização da festa do tropeiro” indicam a presença do Tropeirismo na paisagem em forma de patrimônio cultural, os quais remetem ao período dos caminhos utilizados no período colonial para o desenvolvimento das frentes pecuaristas.

Como uma homenagem a essa importante história da comunidade, um monumento foi erguido ao lado da Igreja, tornando-se um ponto de visitação.

3.1.4 As múltiplas faces das ameaças: vulnerabilidade humana e degradação ambiental

Com o crescimento e desenvolvimento econômico e/ou ocupação das áreas, as unidades de conservação enfrentam muitos problemas. Segundo Omena e Bacca (2021) a caça, o fogo e o desmatamento representam as principais ameaças à conservação da natureza no PNSJ e em sua ZA. A ausência de regularização fundiária agrava essa situação, pois, legalmente amparados, os proprietários precisam desenvolver atividades econômicas para sua subsistência, as quais, inevitavelmente, impactam o objetivo primordial da UC: a conservação.

Entre as atividades econômicas de maior expressão, encontram-se as florestas comerciais de pinus, os pomares de maçã e a pecuária extensiva. É importante notar que cada uma dessas atividades implica em problemas e conflitos particulares que tensionam os objetivos de conservação do Parque. Já o desmatamento, com foco no corte de araucárias, outrora uma grande ameaça ao PNSJ, tem apresentado melhorias notáveis.

O avanço do turismo, se, por um lado, é um dos principais objetivos dos parques nacionais, por outro, tem criado alguns problemas. É uma ameaça constante. Ainda para Omena e Bacca (2021), embora o fomento ao turismo seja objetivo central dos parques nacionais, pois para a UC podem auxiliar na valorização e conscientização, geração de recursos financeiros, educação ambiental, seu avanço tem gerado desafios complexos. A especulação imobiliária resultante eleva o preço da terra, dificultando a regularização fundiária para os novos proprietários. Paralelamente, a busca por um ‘paraíso particular’ atrai novos moradores/investidores que, inadvertidamente, introduzem problemas urbanos como o descarte inadequado de efluentes domésticos e lixo. A presença do turismo na comunidade tem gerado impactos notáveis. Nas áreas de visitação, trilhas e acessos, observa-se a aceleração da erosão por drenagem, o afastamento de

animais silvestres e a produção de resíduos sólidos e esgoto, cujo descarte inadequado (principalmente do lixo) é um problema recorrente.

Além disso, também é importante considerar os impactos sociais do turismo na comunidade. O aumento do fluxo de visitantes pode gerar conflitos com os moradores locais, caso não haja um diálogo aberto e transparente sobre os benefícios e os desafios do turismo. A participação ativa da comunidade no planejamento e na gestão do turismo é essencial para garantir que a atividade contribua para o desenvolvimento socioeconômico da região, sem comprometer a qualidade de vida dos moradores.

Em suma, diante do exposto, evidencia a urgência de transcender os modelos tradicionais de turismo em direção a abordagens que genuinamente valorizem e respeitem tanto as comunidades quanto o meio ambiente. Nesse contexto, emerge o turismo regenerativo como alternativa promissora, cujos fundamentos e potencialidades serão explorados no capítulo subsequente.

Por outro lado, em Três Barras, além das atividades ligadas ao turismo e às práticas tradicionais, ocorre a implantação de florestas comerciais com espécies de pinus, introduz uma espécie exótica invasora que se dissemina facilmente e, por vezes, domina áreas de campos nativos, de onde se torna complicada sua erradicação, embora úteis ao ser humano, não trazem quaisquer benefícios à fauna e flora nativas.

O declínio da indústria madeireira, impulsionado pela proibição do corte de araucárias pelo Decreto Federal nº 750 de 10/02/1993, que dispôs sobre o corte, a exploração e a supressão de vegetação primária ou nos estágios avançado e médio de regeneração da Mata Atlântica, representou um desafio para a economia local. Antes baseada na exploração da madeira de araucárias, importante recurso natural da região, a indústria madeireira enfrentou dificuldades com a proibição do corte, resultando na necessidade de adaptação.

Diante desse cenário, o governo federal implementou incentivos para a implantação de novas práticas de cultivos ligados à silvicultura, visando diversificar a economia e gerar novas fontes de renda. Novas culturas, como o pinus e o eucalipto, foram introduzidas, impulsionando a indústria de celulose devido ao rápido crescimento e alta produtividade dessas espécies. Essa transição econômica, embora tenha gerado novas oportunidades, também trouxe desafios. Os impactos

da silvicultura no meio ambiente, como o consumo de água e a alteração do solo, exigem atenção e medidas de mitigação.

Após a exploração de pinus e eucalipto, a paisagem dos morros revela cicatrizes profundas. Onde antes se erguia a densa monocultura, agora se descortina um cenário de devastação, marcado por extensas áreas desnudas e a fragilidade do solo exposto. Para viabilizar a remoção das árvores, novas estradas foram abertas, cortando a encosta e deixando marcas visíveis que impactam visualmente.

Figura 23 – Retirada de reflorestamento



Fonte: Pela própria pesquisadora (2025).

A comunidade, embora ciente da permissão para a retirada de pinus e eucalipto, expressa preocupação com as estradas, que se tornam intransitáveis para veículos baixos (especialmente com chuva, transformando-se em barro devido ao tráfego de caminhões pesados), e com o considerável impacto sonoro da extração. Reconhece os danos à biodiversidade, a comunidade também observa a rentabilidade econômica dessa atividade, evidenciada pelo uso predominante de eucalipto nas construções.

Há pecuária extensiva, que além do impacto direto do pisoteio e da seleção de espécies pelo gado, ainda é manejada com a queima controlada do campo para a regeneração da pastagem (o que evidentemente contribui com a emissão de CO₂). Com a retirada do gado das áreas desapropriadas, abriu-se um espaço para o aumento da fauna nativa, como exemplo, o número de javalis que, em muitas situações, acabam destruindo plantações dos moradores.

Outra ameaça à conservação da natureza é a caça (javalis). A saída do gado das áreas desapropriadas e a consequente ausência de animais domésticos dos antigos moradores permitiram o crescimento da população da fauna nativa. Contudo, essa recuperação tem atraído a atenção de caçadores, indivíduos que, mediante sua atividade ilegal, representam uma ameaça à biodiversidade local.

A possibilidade da retomada das atividades de extração de carvão em Orleans (SC)⁷, a falta de manejo e controle de javali, a caça ilegal e uso predatório dos recursos naturais⁸, aliados aos relatos de conflitos entre visitante x visitado (lixo, barulho, fogueira, acampamento, invasão de propriedade), em virtude do turismo invasivo, tornam-se elementos decisivos para que ocorram ações pautadas em melhor compreensão da importância dos serviços ecossistêmicos presentes no espaço compartilhado entre os seres vivos e da efetividade que o planejamento ambiental promove no que se refere ao uso e ocupação da terra.

As paisagens culturais que emergem desse processo são testemunhos materiais de práticas passadas, que, apesar de transformadas, continuam a influenciar o presente, resistindo ao tempo e a mudanças.

O mundo mudou em termos demográficos, sociais, econômicos e ecológicos. A velocidade com que os problemas ambientais têm acontecido no mundo nas últimas décadas torna-se preocupante e, portanto, faz-se necessário compreender cada vez mais as intervenções que o ser humano promove na natureza. A exploração dos recursos naturais pelas pessoas se intensificou, principalmente, pelo entendimento errôneo de que esses recursos seriam inesgotáveis.

⁷ NSC Total – Orleans discute extração do carvão mineral. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/lariane-cagnini/orleans-discute-extracao-do-carvao-mineral>. Acesso em: 09 abr. 2024.

⁸ PC/SC. Polícia Civil desencadeia Operação Minador II contra caça ilegal e desmatamento, em Orleans. Disponível em: <https://www.pc.sc.gov.br/informacoes/noticias/30-criciuma-06-delegacia-regional-de-policia/42467-policia-civil-desencadeia-operacao-minador-ii-contra-caca-ilegal-e-desmatamento-em-orleans>. Acesso em: 09 abr. 2024.

Se somar os níveis alarmantes de problemas ambientais e climáticos, o colapso/degeneração dos sistemas socioeconômicos e ecológicos locais, regionais e globais, a desconfiança política, as migrações e o crescimento exponencial da população humana são, sem dúvida, fatores que estão a ocorrer no presente e irão mudar o futuro. Vive-se em uma civilização moldada pelas regras de um sistema econômico que não presta atenção nos processos essenciais que mantêm o funcionamento saudável dos sistemas, desrespeitando os limites planetários (Wahl, 2020). É necessária uma grande mudança na gestão da Terra e da vida nela, se a intenção é evitar uma grande miséria humana.

A partir da análise das ameaças sobre o território do entorno dos parques e, conseqüentemente, sobre Três Barras, verificou-se que é necessário ir além de uma ideia de sustentabilidade, que mira em retardar a degradação, visando contrabalançar os impactos sociais e ambientais para uma abordagem regenerativa, que foca em regenerar o planeta, que se caracteriza pelo cuidado ao meio ambiente e por medidas de reparações como é o caso do reflorestamento, da recriação de novos ecossistemas, além da introdução da economia circular.

Sobretudo, a abordagem regenerativa pressupõe uma nova perspectiva e pensamento do ser humano sobre a natureza, em que os sujeitos e a natureza estão conectados e entrelaçados. Busca-se uma relação de parceria, cuidado e colaboração, cujo bem-estar humano está intrinsecamente ligado à saúde e à vitalidade dos ecossistemas, e iniciar uma relação de profunda reconciliação, em que a cultura se torna parte integrante da natureza (Araneda, 2022).

Assim, considera-se que a abordagem regenerativa se apresenta como um caminho viável e promissor para o desenvolvimento do turismo na comunidade de Três Barras. Contudo, para compreender a aplicação de um modelo de turismo regenerativo, é importante discorrer sobre o conceito de projeto regenerativo, abordado a seguir.

3.2 CAMINHOS DO PENSAMENTO REGENERATIVO

Neste capítulo, aprofundar-se-á sobre o conceito do turismo regenerativo, uma abordagem que vai além da sustentabilidade. Diferente do modelo sustentável, que busca, apenas, retardar a degradação e equilibrar os impactos negativos do turismo, o turismo regenerativo tem como objetivo regenerar ativamente o planeta.

Compreende-se como uma prática turística que respeita e se alinha aos fluxos e dinâmicas naturais, o turismo regenerativo busca, não apenas, reverter os impactos negativos preexistentes, bem como, promover a restauração e o fortalecimento de ambientes e comunidades. É um paradigma que se propõe a deixar os lugares e as pessoas melhor do que estavam antes, contribuindo para um impacto positivo e duradouro (Hanai, 2009).

3.2.1 Abordagem regenerativa

O aumento crescente da preocupação com as questões ambientais e as suas ramificações globais tem gerado um impulso significativo em direção à cultura da regeneração em diversas áreas do conhecimento. Este movimento é alimentado, não apenas, pelas mudanças climáticas e poluição ambiental, como também, por uma economia que sobrecarrega os recursos naturais, a desconfiança política, as migrações e o crescimento exponencial da população humana sem esquecer do surgimento de pandemias sanitárias, que têm reforçado a necessidade de se repensar as interações da sociedade com o meio ambiente (Pereira *et al.*, 2024).

No início dos anos 1970, a contribuição de arquitetos visionários, como Sim Van der Ryn, significava o início de abordagens sistêmicas em áreas, não antes, levadas em consideração (Ryn, 1996 *apud* Mang; Haggard, 2016). O chamado design ecológico, do inglês, *ecological design*, lançado por Ryn, propunha o ajuste dos edifícios com o seu entorno, levando em consideração toda a sua paisagem, fluxos de energia, reciclagem de resíduos, materiais, água e processos ecológicos, com o objetivo de trabalhar a favor dos fluxos de energia a fim de reduzir os impactos ambientais da construção (Ryn, 1996 *apud* Mang; Haggard, 2016). Contudo, ainda que abrangesse questões harmônicas nos sistemas, o design ecológico, assim como diversos outros termos e abordagens, sofreu alterações ao longo das décadas, conforme necessidade daqueles que o estudavam, levando ao advento do design regenerativo.

Assim, publicado em 1994, a obra *Regenerative Design for Sustainable Development*, de John T. Lyle, discute design voltado para uma visão holística, capaz de abranger o ser humano, os ecossistemas e as outras espécies, ou seja, projetos que integrem sujeito e natureza. Pautado na teoria dos sistemas, o design regenerativo abrangeria a restauração, renovação e revitalização de fontes de

matérias e energias, facilitando, assim, a integração entre as necessidades do ser humano com a da natureza. Segundo Lyle (1994 apud Mang; Haggard, 2016), todo projeto de ambiente humano se fundamenta em modelos culturais profundamente enraizados, o que torna difícil separar o design de suas bases culturais.

A palavra regenerar vem do latim *regenerare*, que significa ‘recuperar algo que degenerou’. Bill Reed (um dos pioneiros no pensamento regenerativo) instiga: “Como podemos realinhar a atividade humana com a evolução do ecossistema? Como podem os humanos ser participantes dessa evolução?”. Para Araneda (2019, on-line), a abordagem regenerativa não procura, apenas, reverter a degeneração dos sistemas naturais da Terra, mas também conceber modelos, estratégias e tecnologias que possam evoluir com os sistemas naturais. Baseia-se na coevolução, na geração de benefícios mútuos e maior expressão de vida e resiliência. Para Camrass (2023), a regeneração tem sido cunhada enquanto processo ativo, positivo e contínuo, sustentado por uma visão de mundo ecológica e holística, que se volta para a resolução da ‘dívida ecológica’, provocada pelas interferências das atividades humanas. “Para mudarmos para a regeneração, temos de começar por compreender as limitações do nosso próprio pensamento e encorajar aqueles com quem trabalhamos a explorarem também as suas limitações.” (Dredge, 2022, p. 275).

Na ideia emergente da abordagem regenerativa entende-se que, tanto a sua interdisciplinaridade, quanto a amplitude de sua visão sistêmica, permitem que seja replicado a áreas correlatas. Em função de se tratar de um conceito atual, sua definição se encontra em desenvolvimento e está suscetível a alterações.

Wahl (2016), por sua vez, aborda a temática do design aplicada a culturas regenerativas e, ao questionar a existência da humanidade, em confronto com a visão sistêmica de Capra (2014 apud Wahl, 2016). O autor entende que para que haja ação é necessário perceber o mundo e o contexto atual e, para tal, propõe questionamentos acerca da visão de mundo responsável por moldar a cultura existente, a fim de evitar que os mesmos erros se repitam (Wahl, 2016). Acredita ainda que, para que exista evolução rumo ao crescimento da diversidade, complexidade, bioprodutividade e resiliência, é essencial que as culturas sejam pautadas na colaboração generalizada, no intuito de garantir que a natureza também ganhe.

Ainda, para Wahl (2016), é necessário “[...] projetar para os humanos, para os ecossistemas e para a saúde planetária.” (p. 69). Orr (2016), citado por Wahl (2016), define design como uma revolução de sistemas que consiste na arte de ver as coisas como um todo e a relação das nossas ações com suas prováveis consequências. Para Camrras (2022), mais do que um conjunto de ferramentas de precaução e remediação, a ação regenerativa se estabelece por meio da esperança pela renovação, reavivamento, renascimento e restauração planetária e civilizacional. Envolve mais do que não causar danos. O design regenerativo pode ser descrito como:

[...] um sistema de tecnologias e estratégias baseado no entendimento do funcionamento dos ecossistemas que gera design para regenerar, ao invés de esgotar sistemas que suportam a vida e recursos de conjuntos socioecológicos como um todo. (Mang; Reed, 2012, p. 2).

Para que o design regenerativo pudesse ser aplicado com sucesso, os autores propuseram o termo ‘desenvolvimento regenerativo’, com o objetivo de criar condições necessárias para propor a mudança no pensamento e melhor compreensão de todas as partes interessadas, propositando fazer do desenvolvimento a fonte da integração harmoniosa com a natureza (Mang; Reed, 2012). Subentende-se que o desenvolvimento regenerativo e design regenerativo estão inteiramente associados entre si.

Proposto pelo Grupo Regenesys, em 1995, o chamado desenvolvimento regenerativo descreve uma abordagem que tem como objetivo melhorar a capacidade de coevolução entre os seres, a fim de que os potenciais de diversidade, criatividade e complexidade possam ser desenvolvidos (Mang; Haggard, 2016). Segundo Mang e Reed (2012), desenvolvimento regenerativo pode ser definido como:

Um sistema de tecnologias e estratégias capazes de gerar um padrão de compreensão de todo o sistema de um local, bem como desenvolver a capacidade de pensamento sistêmico estratégico e o envolvimento/compromisso das partes interessadas, necessárias para garantir os processos de design regenerativo a fim de garantir o máximo de sustentação e alavancagem sistêmica, que é auto-organizada e auto evolutiva (Mang; Reed, 2012, p. 2, tradução da pesquisadora).⁹

⁹ No original: “a system of technologies and strategies for generating the patterned whole system understanding of a place, and developing the strategic systemic thinking capacities, and the stakeholder engagement/commitment required to ensure regenerative design processes to achieve maximum systemic leverage and support, that is self-organizing and selfevolving.” (Mang; Reed, 2012, p. 2).

O conceito de desenvolvimento regenerativo, detalhado por Pamela Mang e Ben Haggard, em sua obra 'Regenerative Development and Design' (2016), fundamenta-se em estudos interdisciplinares que abrangem arquitetura, negócios, paisagismo, agricultura regenerativa, planejamento urbano, teoria dos sistemas vivos e psicologia do desenvolvimento. Parte do pressuposto de que os problemas ambientais decorrem da fragilidade da relação entre ser humano e natureza, priorizando a dimensão cultural e psicológica sobre a tecnológica.

Ao propor diferentes níveis de estratégias de sustentabilidade, Mang e Reed (2012) destacam o desenvolvimento e design regenerativo como ferramentas essenciais para alcançar resultados ecológicos e sociais positivos, como:

Melhorar a saúde e vitalidade das comunidades humanas e naturais – físicas, psicológicas, econômicas e ecológicas; Produzir e reinvestir recursos excedentes e energia para construir a capacidade de relacionamentos subjacentes e sistemas de apoio de locais necessários para a resiliência e evolução contínua das comunidades em questão; Criar um campo de cuidado, compromisso e conexão profunda com o lugar, que permita as mudanças necessárias para os itens anteriores ocorram, durem e evoluam ao longo do tempo (Mang; Reed, 2012, p. 14, tradução da pesquisadora).¹⁰

Mang e Reed (2012) apresentam quatro premissas sistêmicas, que se complementam e servem como base para a aplicação do desenvolvimento regenerativo, podendo ser integradas a outras metodologias:

¹⁰ No original: "Improving the health and vitality of human and natural communities—physical, psychological, economic and ecological; producing and reinvesting surplus resources and energy to build the capacity of the underlying relationships and support systems of a place needed for resilience and continuing evolution of those communities; creating a field of caring, commitment and deep connection to place that enables the changes required for the above to take place and to endure and evolve through time." (Mang; Reed, 2012, p. 14).

Figura 24 – Premissas da abordagem regenerativa, segundo Mang e Reed (2012)



Fonte: Adaptado pela pesquisadora (2025).

Os velhos paradigmas de um mundo fragmentado, competitivo e mecanicista, do tipo 'ganha-perde', serão abandonados, rumo a um mundo de integração, interdependência, colaboração e 'ganha-ganha-ganha', em que, tanto o indivíduo, a sociedade e a natureza se beneficiam. Assim, chama-se de abordagem regenerativa, que tem o princípio de que a espécie humana, não apenas, sobreviva, como, também, prospere (Araneda, 2022).

Diante do exposto, a abordagem regenerativa não procura, apenas, reverter a degeneração dos sistemas naturais da Terra. Além disso, criar modelos, estratégias e tecnologias que possam evoluir com os sistemas naturais.

3.2.2 Planejamento do turismo regenerativo

O turismo pode ser considerado uma atividade absolutamente degradante, tanto para o meio ambiente quanto para a sociedade local, com a ameaça das alterações climáticas, a grave perda de biodiversidade e o esgotamento de muitos dos recursos não renováveis, dos quais, atualmente, a humanidade depende para a economia e modo de vida. Em termos econômicos, o turismo é apresentado como um complemento às atividades produtivas da área em questão, com um impacto positivo em termos de geração de empregos, criando oportunidades de trabalho decente e envolvendo a população local.

Inspirado no design regenerativo, o turismo regenerativo busca estimular a relação harmoniosa entre seres humanos, uns com os outros e com a Terra, promovendo a coevolução com a natureza, o senso de pertencimento, o pensamento integrado e a transformação social em comunidade (Avecilla, 2018). Ainda, para o autor, essa relação se manifesta nas interações consigo, com empresas ou organizações e com os destinos turísticos.

O turismo como um enfoque sistêmico que busca facilitar um encontro profundo e transformativo no qual o homem se sinta parte da natureza, que ainda contribua para o melhoramento da capacidade dos sistemas socioambientais que sustentam a vida do destino e assegura um desenvolvimento do homem em co-evolução com a natureza, levando em conta no seu processo de design e implementação não apenas os aspectos econômicos, socioculturais e ambientais, mas também os políticos e espirituais do destino. (Avecilla, 2018, p. 64, tradução da pesquisadora)¹¹.

O turismo regenerativo é visto como uma evolução do conceito de sustentabilidade com, aproximadamente, duas décadas de existência. Nos últimos anos, tem ganhado projeção frente às implicações do crescimento exponencial e insustentável dos fluxos turísticos mundiais nas últimas décadas, bem como, mais recentemente, aos efeitos gerados pela Covid-19 ao setor (Fusté-Forné; Hussain, 2022). De acordo com Dredge (2022), as viagens passam a ser entendidas sob uma nova perspectiva ontológica, transformando as formas de percepção e de ação no turismo, em que o turista tem de assumir as responsabilidades sob as suas escolhas, consciente de que está integrado a um sistema vivo, regido pelas regras e princípios da natureza (Hussain, 2021).

Segundo Howard *et al.* (2008), conforme referenciado por Avecilla (2018), o design regenerativo se diferencia da sustentabilidade em três pontos cruciais: ele busca um impacto positivo em vez de, apenas, minimizar o negativo; ele adota uma visão ecocêntrica da relação entre humanos e natureza, superando a perspectiva antropocêntrica; e ele reintegra a dimensão sociopolítica ao ambientalismo.

¹¹ No original: “El turismo con un enfoque sistémico que busca facilitar un encuentro profundo y transformativo donde el hombre se sienta parte de la naturaleza, que además contribuye al mejoramiento de la capacidad de los sistemas socioambientales que sostienen la vida del destino y asegura un desarrollo del hombre en co-evolución con la naturaleza, teniendo en cuenta en su proceso de diseño e implementación no solo los aspectos económicos, socioculturales y medioambientales, sino también los políticos y espirituales del destino del turismo.” (Avecilla, 2018, p. 64).

Para elucidar as diferenças entre o turismo regenerativo e o turismo sustentável, Avecilla (2018) ressalta distinções genéricas que caracterizam sustentabilidade e regeneração. Tais distinções podem ser verificadas no quadro, a seguir:

Quadro 2 – Mudanças de parâmetros para o pensamento regenerativo

Sustentabilidade	⇒ Regeneração
Visão Antropocêntrica	Visão ecológica do mundo
Pensamento reducionista	Holística: enfoque integrado
Uso de modelo fragmentado	Uso de modelo de sistemas completos por meio da compreensão das relações dos sistemas vivos de forma integral
Minimizar os impactos nos sistemas de suporte	Construir a capacidade dos sistemas de suporte necessários para o crescimento futuro
Visão ocidental da construção de coisas e competição	Visão de construção de capacidade e de compartilhamento
Enfoque em sistemas técnicos e econômicos	Enfoque em recursos primários e aspectos da vida que produzem tecnologia e proteção
Aspectos sociais, ambientais e econômicos de forma separada	Aspectos sociais, culturais, ambientais, econômicos, políticos e espirituais inter-relacionados
A comunidade passa a adaptar-se à abordagem escolhida para o desenvolvimento	Desenvolve o sentido de identidade da comunidade
Construir com fórmulas de engenharia para criar infraestrutura	Usar as particularidades do lugar como parâmetros para determinar o tipo de engenharia e soluções de design apropriadas para o lugar
A comunidade não é consultada, ou é, mas, muitas vezes, não está envolvida	Participação efetiva dos atores sociais no processo de planejamento

Fonte: Avecilla (2018), adaptado pela pesquisadora (2025).

Complementa-se a definição de Avecilla (2018), no âmbito da abordagem mercadológica, com Pollock (2019), o qual menciona que a mudança implica em transitar de uma visão de mundo em que o planeta é uma máquina que coleta recursos escassos, pelos quais humanos individuais e separados têm o direito de competir e explorar, para uma perspectiva que enxerga a Terra e toda a vida nela como um conjunto de sistemas vivos interdependentes e auto-organizados que florescem e geram abundância, garantindo a prosperidade mútua.

Dessa forma, como explica Avecilla (2018), o turismo regenerativo abrange o turismo sustentável, diferenciando-se por sua abordagem. O autor destaca que essa modalidade de turismo se fundamenta na coevolução entre o ser humano e a terra, buscando não apenas a manutenção, mas também a melhoria do bem-estar social. Além disso, propõe a construção de sistemas socioambientais voltados para o crescimento futuro, com a participação de todas as partes interessadas.

O principal objetivo do turismo regenerativo é criar condições para que a vida se renove continuamente, transcenda em novas formas e prospere em meio a condições de vida em constante mudança, oferecendo um importante conjunto de soluções para repensar e reconstruir o setor do turismo. Também, melhora as economias locais, preserva as culturas locais e a biodiversidade, ao mesmo tempo, em que oferece experiências memoráveis e autênticas que mudam a vida dos hóspedes e permitem que os destinos melhorem. Experiências turísticas com foco regenerativo têm o potencial de despertar emoções que criam um 'sentido de lugar' nos visitantes, fomentando conexões significativas e reflexões que impulsionam a preservação ambiental. Portanto, essa é a proposta da pesquisa.

Em linhas gerais, estabelece-se na medida em que o turismo se volte à geração de benefícios às pessoas e aos lugares visitados, e que, diante disso, possa auxiliar diretamente nos processos de conscientização e de florescimento dos sistemas sociais e ecológicos locais (Dredge, 2022). Portanto, o desenho de experiências em turismo regenerativo busca a transformação por meio da maior conexão do viajante consigo, com os outros e com a natureza.

[...] o ato de viajar, de sair do contexto cotidiano, de se desligar da vida cotidiana abriga esse potencial para descansar, refrescar, renovar e buscar outras perspectivas. Isto pode ter um efeito regenerativo em cada viajante. (Araneda, 2022, on-line).

Ainda, para o autor, o turismo regenerativo se baseia em três pilares inter-relacionados: analisa o ecossistema local e cria benefícios como gerar emprego e condições de trabalho decentes para a comunidade em questão; desenvolve relações com a população do lugar e favorece a conexão do turista consigo e com a região em que está visitando. E, por fim, também cultiva condições para que todos os integrantes desse ecossistema desenvolvam seu potencial. Para Briceno (2018 *apud* Araneda (2022, on-line):

O Turismo Regenerativo é uma compreensão emergente, evolutiva e dinâmica, que inclui a sustentabilidade no quadro dos sistemas vivos e enfatiza a relação do homem consigo mesmo, com os outros e com a terra; onde o outro é convidado a visitar o local, diminuindo o ritmo do visitante e criando uma experiência que ative conexões profundas e positivas entre o visitante, a comunidade local, o local e os sistemas que ali sustentam a vida. Deve ser priorizada a integração de todos os atores na sua concepção, para apoiar o propósito co-criado do destino, as alianças co-evolutivas com a natureza e o pensamento sistêmico, e assim construir a capacidade dos “ambientes” socioeconômicos. para um crescimento saudável a longo prazo e interações mutuamente benéficas.

Araneda (2022, on-line) ainda comenta:

Se formos capazes de priorizar o bem-estar das comunidades e dos ecossistemas, o turismo pode levar a transformação para um futuro com baixo teor de carbono. Navegar nestas mudanças exigirá um esforço coletivo; será necessário construir organizações, comunidades e redes que integrem novas formas de pensar, sentir e fazer no mundo.

É o tipo de prática de turismo que se preocupa em promover mobilidade limpa e saudável, que prefere caminhadas ou saídas de bicicleta e uso do transporte público elétrico, para deixar o carro como última opção. Além disso, a modalidade está de acordo com as atuais tendências de mercado e de comportamento do consumidor:

Os turistas estão mais conscientes dos impactos negativos de sua viagem, por isso buscam opções mais sustentáveis para compensar seu voo, preferindo empresas que ofereçam condições justas para os funcionários e cuidado com o meio ambiente. (Araneda, 2022, on-line).

Segundo Avecilla (2018), a proposta do turismo regenerativo é dinâmica e evolutiva, que abraça a sustentabilidade, enfatizando as relações entre o ser humano, a comunidade local e o meio ambiente, convidando o visitante a desacelerar e criar experiências que estabeleçam conexões profundas e positivas. A ideia é transformar os visitantes em agentes ativos, capazes de deixar um impacto positivo e, não apenas, financeiro, nos destinos visitados.

No turismo regenerativo, a responsabilidade não é do viajante. O turismo é um sistema orgânico, assumindo uma característica holística em que há a natureza como o centro; além da visão holística, ecológica e bioceânica. Com isso, os seres humanos e a natureza não estão desassociados, e sim, entrelaçados e conectados (Dredge, 2022). Portanto, é necessário mudar a mentalidade e entender que o ser humano faz parte da natureza, tudo está conectado.

Ao considerar que o turismo depende da relação entre as pessoas, bem como do entendimento que estas têm acerca do destino, para alcançar a regeneração em nível turístico, a harmonia tem que coexistir entre as relações mencionadas, no intuito de garantir consciência por parte daquele que visita o local.

Nesse âmbito, é necessário garantir a participação ativa do turista em questão, a fim de que este se integre e se alinhe ao fluxo relacional existente de

maneira que se obtenha alinhamento entre todas as partes envolvidas (Avecilla, 2018).

Tornar um lugar melhor do que ele era antes, e não apenas deixar igual. E isso pode ser alcançado por meio de práticas como a conservação e a recuperação de ecossistemas, a promoção da cultura local e o apoio ao empreendedorismo regional.

Contudo, entende-se que o turismo regenerativo possui uma perspectiva de como deixar o território melhor do que se encontra, promovendo a restauração das paisagens, dos ecossistemas e da biodiversidade, com respeito à natureza e fomentar sua proteção.

Para Araneda (2019), no desenho de experiências regenerativas, trabalha-se com três relações: o ser humano consigo, com os outros e com a natureza. Assim sendo, o tempo e o espaço precisam sempre ser considerados e presentes para que essas três relações ocorram. A experiência, o tempo e a história têm de ser pensados de tal forma que permitam ao viajante ter momentos de expansão e contração, de distração e reflexão, de inspiração e expiração, de 'tirar' algo do mundo e 'dar' algo a ele, de estar só e de ser acompanhado. Dessa forma, a viagem concebe um ritmo, uma batida, que permite o movimento de polaridades complementares, sendo esta a respiração que dá vida à viagem. Portanto, a forma, a regeneração é um convite vivo para transformar a relação do ser humano com a natureza, com os outros e consigo.

Evidencia-se que o sucesso da prática regenerativa em destinos turísticos depende da superação dos desafios por meio de parcerias colaborativas entre governos locais, empresas turísticas, comunidades e turistas. As oportunidades estão, intrinsecamente, ligadas à capacidade de criar experiências turísticas autênticas e sustentáveis que beneficiem todos os envolvidos.

Em termos ambientais, esse tipo de atividade permite a conservação, a regeneração e a melhoria das condições do sistema em que se encontra o ambiente. Também, é benéfico para a sociedade, pois os projetos regenerativos "têm a capacidade de fortalecer o tecido social, incentivando a população local a pesquisar, promover e viver sua cultura de forma mais consciente." (Araneda, 2022, on-line). Ou seja, o impacto gerado a partir dessa nova perspectiva é positivo, assim

o sistema 'devolve mais do que é necessário e trabalha para melhorar as capacidades que sustentam a vida do lugar', também diz:

Um projeto de turismo regenerativo é baseado em uma leitura sistêmica do lugar. Ele nutre as relações entre quem coabita e visita um destino, cria condições em favor de todas as formas de vida locais, inclui ações de prevenção, mitigação, compensação e conservação, e gera benefícios tanto para a comunidade anfitriã quanto para os viajantes e para o destino" (Araneda, 2022, on-line).

O turismo regenerativo também é descrito por Bellato *et al.* (2023) como um conceito emergente, que se concentra em criar um impacto positivo no meio ambiente, na economia local e na comunidade anfitriã. Ele se baseia em práticas sustentáveis e regenerativas que visam restaurar e regenerar os ecossistemas e as comunidades locais, em vez de simplesmente minimizar o impacto negativo da atividade, além de criar experiências autênticas e significativas para os visitantes, que possam contribuir para o seu bem-estar e crescimento pessoal.

Araneda (2022) desenvolveu 7 passos simples e práticos para o planejamento do turismo regenerativo:

1. Definir minha identidade e proposta de valor experiencial ; Conectado à identidade essencial da minha organização.
2. Sentido de lugar ; Conectando, sentindo e entendendo o lugar para o design coevolucionário.
3. Sonhando com a experiência regenerativa ; O que eu gostaria que acontecesse ao viajante.
4. Eu identifico os momentos da verdade; Onde os três relacionamentos ganham vida.
5. Crie a experiência ideal . Incluindo a articulação de serviços, integrando experiências diversas (psicológicas, sustentáveis, socioculturais, emocionais e espirituais), construindo uma narrativa e gerando uma conexão com o meio ambiente.
6. Aplicar padrões de atendimento , garantindo a qualidade de experiência desejada.
7. A celebração, o processo de feedback e a melhoria contínua.

Optou-se por não abordar os itens 6 e 7 de forma isolada. Em vez disso, seus conceitos foram integrados e generalizados nas discussões sobre perspectivas de regeneração. Essa abordagem visa proporcionar uma análise mais coesa e abrangente, evitando a fragmentação do tema e fortalecendo a interconexão das ideias apresentadas.

Figura 25 – Passos para o turismo regenerativo segundo Araneda (2022).



Fonte: Araneda (2022), adaptado pela pesquisadora (2025).

A maneira como esse desenho é feito pode gerar uma nova percepção do ambiente e isso pode ser trabalhado a nível de estratégia empresarial e de destino. Poderão ser reconhecidos padrões que irão se alinhar à cultura local e gerar experiências que conectem as pessoas com a natureza, de maneira evolutiva e dinâmica (Araneda, 2022).

Segundo Nivoloni (2021), para que um modelo como o turismo regenerativo funcione, alguns pontos de atenção precisam ser levados em consideração, entre eles, a adequação de uma organização, do âmbito econômico, em uma organização viva. Avecilla (2018) ressalta que, em um setor como o turismo, fortemente

influenciado pelos benefícios econômicos e pela automatização de fluxos, alcançar um nível organizacional capaz de se tornar “vivo” é fundamental para o turismo regenerativo.

A partir dos processos desenvolvidos, Avecilla (2018) identifica cinco fatores que considera imprescindíveis para alcançar a regeneração no âmbito do turismo. São eles:

- A comunidade tem de servir à natureza de uma identidade, ao seu entorno e ao seu universo a fim de se entender como parte integrante de seu ecossistema;
- A importância da construção de um senso de propósito coletivo, no intuito de que os aspectos importantes e significativos para a comunidade sejam mantidos;
- O ser humano se sinta parte integrante da natureza e seja capaz de compreender os sistemas vivos, é necessário que exista aproximação com o pensamento integrado ou wholeness thinking;
- Incluir um planejamento em modelo multidisciplinar que seja top-down e bottom-up, compreendendo que o mundo é DICE (Dinâmico, Impossível de ser entendido por completo, Complexo e Evolucionário) e que todos os atores necessitam ser envolvidos nos processos.
- Entende-se que a criação conjunta de experiências transformadoras é necessária para que o visitante tenha espaço para estabelecer ligações profundas com os habitantes do lugar e da natureza, no intuito de instigar a reflexão para a mudança de paradigma proposta.

Não obstante, o turismo regenerativo propõe experiências positivas ao proteger o ambiente e beneficiar as comunidades locais. Daí a relevância de adotar novas práticas, sempre atentas à preservação da herança biocultural dos destinos.

O turismo tem muito a aprender com as práticas regenerativas nestes outros domínios. Por exemplo, o próprio ato de compostagem, um processo natural de reciclagem de matéria que nutre e enriquece o solo do qual as plantas crescem, ajuda a garantir que as futuras colheitas possam florescer. (Dredge, 2022, p. 271).

Na atividade turística, a cooperação é muito bem-vinda para o fortalecimento de todos os envolvidos, já que sua ênfase está nas relações, sendo uma base de

transformação, uma vez que, o setor de turismo em áreas naturais movimenta pessoas e promove interação com o meio ambiente, sua utilização como facilitador para essa mudança de paradigmas, pode ser de grande importância (Araneda, 2022).

Destaca-se a relevância do envolvimento de todos os atores da comunidade no planejamento e nas decisões que os afetam. No âmbito econômico, é crucial equilibrar atividades econômicas com a cultura e o ecossistema, especialmente no turismo, para evitar o esgotamento de recursos (Avecilla, 2018), ou seja, a atividade econômica, para além da geração de emprego e renda, desempenha um papel fundamental na construção do tecido social de uma comunidade. Ao proporcionar oportunidades de trabalho e interação, fortalecem os laços entre os moradores, promovendo um senso de pertencimento e colaboração.

4 METODOLOGIA

A coleta de dados empíricos combinou com entrevistas semiestruturadas e um estudo de campo detalhado. Assim, os dados coletados nas entrevistas foram submetidos a uma análise de conteúdo. Para alcançar o objetivo, a etapa de campo foi crucial, sendo estruturada em duas frentes: visitas à comunidade e a realização de entrevistas com os atores sociais, que serão apresentadas no decorrer da pesquisa.

O desenvolvimento da pesquisa seguiu um fluxo metodológico, dividido em três etapas, seguidos dos objetivos, conforme apresentado no Quadro 3.

Quadro 3 – Síntese do caminho metodológico

OBJETIVOS	TÓPICOS	MÉTODO E ABORDAGEM	TÉCNICAS	FONTES
Analisar o crescimento dos empreendimentos turísticos na comunidade rural de Três Barras, durante os períodos pandêmico e pós-pandêmico.	Orleans (SC); Parque Nacional de São Joaquim; Covid-19;	Pesquisa bibliográfica, levantamento de dados a partir da consulta em livros, artigos, dissertações, teses.	Figura do Google Earth com a evolução dos empreendimentos turísticos e saída de campo.	PMT, Preve (2020); Preve; Menegasso; Nicoladelli; Sutil; Conto; Ladwig (2020); Mecca (2020); Omena, Bacca (2021); Dorigon, Ghizzo, Nicoladelli, Rampineli (2024); Debiasi, Carminati (2024); DEL; Menegasso (2019); Nicoladelli, Silva, Menegasso, Preve, Sutil, De Conto, Zocche (2023);
Avaliar os impactos positivos e negativos resultantes da visitação e do aumento da procura turística pela localidade.	Turismo e paisagem; Turismo rural; Unidades de conservação;	Pesquisa bibliográfica, levantamento de dados a partir da consulta em livros, artigos, dissertações, teses.	Mapa com a evolução do uso e cobertura e entrevista.	Barbosa (2010); Beni (2004); Buckley (2010); Ladwig, Campos (2020); Ladwig, Tonetto (2024); Ruschamann (2016) Santos (2006); Sutil, Silva, Ladwig (2021); Bushell; Mccool (2007); Chung, Dietz, Liu (2018); Correia (<i>et al.</i> , 2018); Leung, Spenceley, Hwenegaard, Buckley (2019);

Continua

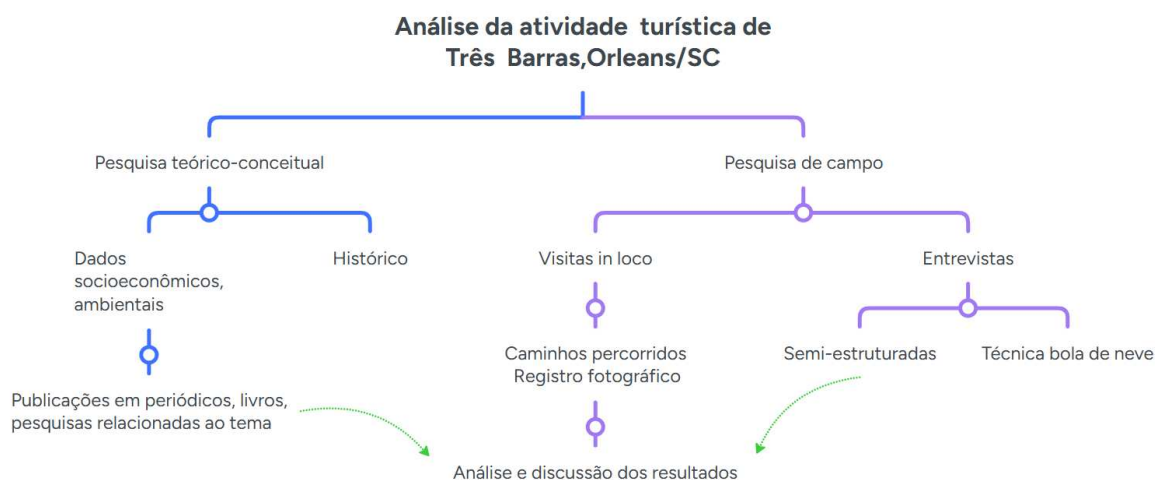
Continuação

OBJETIVOS	TÓPICOS	MÉTODO E ABORDAGEM	TÉCNICAS	FONTES
Investigar a percepção dos moradores locais sobre os impactos do turismo na comunidade.	Percepção ambiental;	Fichamento dos resultados das entrevistas; análise descritiva qualitativa dos dados coletados para comparação com os fatores observados no referencial teórico.	Entrevista semi-estruturada com atores sociais: Visitantes e turistas Moradores locais Governo e autoridades públicas Empresas do setor turístico Organizações não governamentais	Alberti (2004);
Estimular a adoção de práticas sustentáveis no turismo, como a redução do consumo de água e energia, a gestão de resíduos, o uso de produtos orgânicos e de produção local e a valorização da cultura e do patrimônio.	Turismo regenerativo; Turismo sustentável; Turismo de base comunitária; Patrimônio cultural/natural	Pesquisa descritivo-exploratória: análise do referencial teórico coletado e adequação de indicadores para o modelo estudado, a partir dos fatores para o turismo regenerativo.	Tabela de indicadores de turismo regenerativo.	Mang, Reed (2012); Mang, Haggard (2016); AVECILLA (2018); Araújo (2019); Araneda (2020, 2022); Wahl (2020); Campos (2021); Nivoloni (2021); Major, Clarke (2022); Dredge (2022); Du Plessis (2022); Camrmas (2022,2023); Santos (2023); Pereira, Araújo, Fontes, Spinola (2024).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025).

A tabela, a seguir, constitui-se em ferramenta fundamental para a organização e o planejamento da pesquisa. Nela, cada objetivo específico é desdobrado em ações concretas, que são traduzidas em procedimentos metodológicos precisos. Essa abordagem permite assegurar que cada etapa da pesquisa esteja alinhada com os objetivos, garantindo a obtenção de resultados relevantes e confiáveis. As bases de pesquisa foram: Plano Municipal do Turismo (PMT), Plano de Manejo, Plano de Uso Público, folheto online, livros, artigos, TCC, dissertações, teses.

Figura 26 – Síntese do caminho metodológico



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025).

A metodologia do estudo de campo envolveu visitas à área com o propósito de imersão e registro detalhado da paisagem, por meio de fotografias e anotações em diário. O percurso principal iniciou-se na ponte de divisa entre as comunidades de Curral Falso e Três Barras, seguindo pela estrada principal, que se ramifica em direção às pousadas e áreas do PNSJ, onde se encontra a Janela Furada, com sua singularidade geológica, as vistas deslumbrantes do Morro da Igreja tornam-na um ‘cartão postal’ da região.

Optou-se por mesclar as etapas de visitas no local com as entrevistas e teve a finalidade de sentir, identificar e registrar as dinâmicas da paisagem. Buscou-se registrar os elementos naturais em evidência, edificações que representam memórias e as que fazem parte do setor turístico.

Figura 27 – Ponte de divisa de comunidades: Curral Falso com Três Barras



Fonte: Pela própria pesquisadora (2025).

Intentou-se aplicar as entrevistas com atores sociais em um quantitativo de 25 pessoas, as quais desempenharam papéis importantes na moldagem e impulsionamento das tendências no desenvolvimento de destinos turísticos, no entorno do PNSJ em Orleans (SC), distribuindo-os em quatro categorias: I – Visitantes e turistas, II – Moradores locais, III – Organizações governamentais (governo e autoridades públicas) e Organizações não governamentais (ONGs e ativistas ambientais), IV – Empresas do setor turístico.

Na maioria das situações, os entrevistados falavam naturalmente sobre diversas questões pertinentes à pesquisa. Objetivou-se obter informações dos moradores, visitantes/turistas e empreendedores, visando o detalhamento dos perfis, modo de vida, atividades econômicas, comportamentos, sentimentos, quanto às suas ideias e perspectivas em relação ao turismo. Permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, assim como, estabelecer uma interação com os ‘atores’ que vivenciam a realidade, construindo conhecimento empírico importante para quem faz pesquisa social (Minayo, 2007).

Tabela 1 – Quantitativo de entrevistas

SEGMENTO	POPULAÇÃO	AMOSTRA
Visitante e turista (A)	12	9
Moradores locais (D)	30	4
Organizações governamentais e não governamentais (B)	4 ¹²	7
Empresas do setor turístico (C)	5 pousadas	3 pousadas + 2 empresas

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2025)

O crescimento¹³ do turismo é intrinsecamente ligado à interação entre esses atores sociais¹⁴, cujas ações e influências moldam tendências, destinos e criam novas dinâmicas de viagem. A interação complexa entre esses grupos e o setor turístico é fundamental para entender os desafios e intenções da indústria turística.

Os turistas, principais atores do setor, influenciam diretamente no crescimento do turismo. Suas preferências, hábitos e atitudes em relação a destinos, experiências e sustentabilidade moldam o mercado, que tem visto um aumento na

¹² A população refere-se às entidades, enquanto a amostra está voltada ao número de pessoas entrevistadas, as quais fazem parte dos segmentos.

¹³ Em conformidade com as instruções fornecidas pelo professor, em memória, Nilzo Ladwig, durante a qualificação deste trabalho.

¹⁴ Texto com considerações sobre o trabalho, na ocasião da qualificação, enviado por e-mail, no dia 18/12/2024.

busca por autenticidade, sustentabilidade e destinos menos saturados. Os governos, em todos os níveis, desempenham papel central no crescimento do turismo com formulação de políticas, investimento em infraestrutura e segurança, promoção de destinos e estimulando o fluxo turístico mediante políticas fiscais e acordos bilaterais.

Na amostra em questão, foram realizadas entrevistas com atores considerados relevantes para a pesquisa como o prefeito, gestor maior e responsável pelo Município, representante do Comtur e a bióloga da Famor.

As ONGs e ativistas ambientais influenciam o turismo sustentável, promovendo práticas responsáveis como o ecoturismo, a preservação do patrimônio natural e cultural, em resposta à crescente preocupação com o impacto ambiental do setor. A pesquisa contou com participantes do grupo MOV e presidente do Comtur.

As empresas do setor turístico, como agências de viagens, hotéis, restaurantes e plataformas de reservas (Airbnb, Booking), desempenham um papel vital ao fornecer serviços, criar experiências e interagir com turistas. Criam pacotes, definem preços, oferecem experiências e interagem diretamente com os turistas, moldando o mercado. A amostra fez-se valer com os 3 maiores proprietários de cabanas da comunidade e com 2 agenciadores de turismo, sendo um desses, guia turístico cadastrado no Ministério do Turismo (MTur).

As comunidades locais são importantes para que o turismo seja bom para todos, especialmente nos lugares que estão começando a receber turistas. Quando a própria comunidade participa, ela ajuda a criar experiências mais verdadeiras para quem visita. Além disso, traz benefícios econômicos para quem vive ali. É como se a comunidade virasse a dona do seu próprio turismo, mostrando e cuidando da sua cultura e do seu jeito de viver. Assim, o turismo ajuda a comunidade a crescer e a manter suas tradições.

Para conversar com os entrevistados, fez-se valer do método bola de neve¹⁵. A comunicação com os entrevistados foi realizada de forma flexível. Algumas aconteceram via WhatsApp, enquanto outras foram tratadas pessoalmente, de forma espontânea. Essa adaptação metodológica buscou minimizar o impacto da pesquisa na rotina da comunidade, com otimização do tempo, garantia da participação desses

¹⁵ Líderes de comunidades que apresentam outros moradores que residem há mais tempo e que possuem algum envolvimento com a atividade em questão.

atores importantes para o estudo, promovendo um ambiente de conversa mais natural e descontraído.

Com os moradores, as entrevistas foram conduzidas em dias variados, durante o horário comercial. Devido à proximidade da pesquisadora com alguns moradores, parte das entrevistas ocorreu em suas residências, enquanto outras foram realizadas em locais públicos da comunidade, como rua e igreja, buscando diversificar os cenários e contextos das conversas.

A pesquisadora enfrentou obstáculos consideráveis na interação com os turistas. O primeiro deles foi a necessidade de obter permissão dos empreendedores para qualquer contato. Alguns se mostraram resistentes em liberar o acesso aos turistas (seja físico ou digital) e em compartilhar dados sobre o número de visitantes. Apesar dessas dificuldades iniciais, os empreendedores liberaram contatar 12 turistas. No entanto, percebeu-se desconforto por parte destes durante as abordagens presenciais.

A abordagem inicial em todas as entrevistas seguiu um padrão: a pesquisadora se apresentou, explicou o tema central e os objetivos da pesquisa da dissertação, buscando estabelecer um clima de confiança e abertura de diálogo com os entrevistados. Os roteiros de perguntas (Apêndice I) foram concebidos como guias flexíveis para as conversas, visando uma exploração orgânica e adaptada dos temas a cada entrevistado. A leveza e a naturalidade na aplicação das perguntas, sem a obrigatoriedade de seguir o roteiro à risca, tiveram como objetivo criar um ambiente propício para que os entrevistados compartilhassem suas experiências e opiniões de forma espontânea.

As respostas dos entrevistados foram registradas em palavras-chave e frases curtas, anotadas em um caderno de campo. Além disso, as entrevistas foram gravadas em áudio com o auxílio de um aparelho de celular, garantindo a fidelidade dos dados coletados e permitindo a posterior transcrição e análise das falas.

Durante as entrevistas, observou-se que alguns entrevistados, especialmente os moradores, demonstraram timidez e receio em responder às perguntas, temendo não saber ou responder de forma inadequada. Para contornar essa situação, a pesquisadora adotou uma postura acolhedora e descontraída, transformando a entrevista em uma conversa informal, já que todos se conhecem ou

possuem conhecidos em comum e que, de certa forma, já possuem certa proximidade.

Na rotina de entrevistas, com situações vividas nos diversos locais circulados, permitiram observar como são as jornadas de trabalho e a rotina. Muitas vezes, outras pessoas da família ou vizinhos acompanhavam e participavam das entrevistas, lembrando alguns fatos durante a conversa, o que enriqueceu significativamente as informações coletadas.

Referente aos aspectos éticos da pesquisa, informa-se que a identidade das pessoas entrevistadas e referenciadas na pesquisa será protegida por meio da utilização de códigos (letras e números) em vez de seus nomes, como: visitantes e turistas será utilizada a letra A e o número subsequente é o quantitativo; organizações governamentais e não governamentais com a letra B; empresas do setor turístico com a letra C; moradores locais com a letra D; e pousadas com a letra E. Pontua-se que os entrevistados possuem mais de 25 anos.

A distribuição das visitas foi planejada de forma a abranger diferentes períodos e eventos na comunidade. Uma visita foi realizada em julho de 2024, permitindo uma primeira imersão na rotina local e a observação de atividades típicas no período de maior movimentação de hospedagens devido à época mais fria do ano e período de férias. Duas visitas foram realizadas em outubro de 2024 e outras duas ocorreram em novembro de 2024, possibilitando a coleta de dados sobre possíveis mudanças na rotina com a aproximação do final do ano e de eventos específicos.

Outras duas visitas foram realizadas em janeiro e uma em abril de 2025, visando observar a comunidade após o período de festividades e a possível retomada das atividades cotidianas e período de férias. As entrevistas dos demais segmentos como os de organizações governamentais e não governamentais foram realizadas, algumas presencialmente, e outras via internet, em um período de 40 dias (janeiro e fevereiro de 2025). Essa distribuição temporal permitiu a coleta de dados em diferentes contextos, contribuindo para uma compreensão mais abrangente da rotina e das atividades da comunidade.

A coleta de dados demográficos, socioeconômicos e ambientais, realizado no período de outubro a novembro de 2024, também colaborou para análise do perfil dos atores sociais do Município, bem como, das atividades econômicas atuantes na

região. Os dados foram obtidos pelos órgãos governamentais e institucionais de pesquisa, como: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur), Fundação Ambiental do Município de Orleans (Famor).

A combinação de diferentes técnicas de coleta de dados, como a observação participante e a análise documental, permitiu triangular as informações obtidas nas entrevistas, enriquecendo a análise e a interpretação dos resultados. A flexibilidade metodológica adotada, adaptando-se às características e necessidades de cada grupo de entrevistados, contribuiu para a obtenção de dados ricos e relevantes para a pesquisa.

Ao considerar que os territórios são dinâmicos, a cartografia, enquanto recurso metodológico, possibilita a construção do território de pesquisa de maneira processual. Ela está diretamente relacionada à intervenção e à atuação do pesquisador no campo, visando compreender as 'particularidades' do fenômeno em questão, em vez de simplesmente repetir as abordagens já presentes na literatura. A metodologia cartográfica, portanto, busca capturar as especificidades e as transformações do território ao longo do processo investigativo (Passos; Kastrup, 2013 *apud* Lima; Santos; Sampaio, 2022). Nesse contexto, os mapas desempenham papel crucial na análise da cobertura e da terra em diferentes períodos, permitindo a visualização das dinâmicas espaciais de 2002 e 2024.

Para o mapeamento da cobertura e uso da terra na ZA do PNSJ, em Orleans (SC), referente ao ano de 2024, foi utilizada uma imagem de satélite proveniente da plataforma Google Earth, com data de 3 de março de 2024. Para o ano de 2002, utilizaram-se imagens ortorretificadas¹⁶ do Projeto SC-25 do IBGE, na escala 1:25.000. O processo de mapeamento envolveu, inicialmente, a definição das categorias de cobertura e uso da terra, seguido pela aplicação da técnica de digitalização em tela no software QGIS 3.34.3, que permitiu a delimitação das classes de cobertura e uso da terra.

O mapeamento resultou na identificação de oito classes distintas de cobertura e uso: Agricultura, Edificações, Massa d'água, Reflorestamento, Solo

¹⁶ Imagens que foram corrigidas das distorções devido à geometria de imageamento e ao relevo. Esta correção confere às imagens propriedades geométricas semelhantes às de uma folha do Mapeamento Topográfico Sistemático. Imagens ortorretificadas de fotografias aéreas são comumente denominadas ortofotos.

Exposto, Vegetação Herbácea/Arbustiva, Vegetação Nativa e Vias de Acesso. Após a digitalização dos vetores correspondentes a cada período, utilizou-se a Calculadora de Campo do QGIS para realizar os cálculos de área, gerando, posteriormente. Os dados foram exportados ao programa Excel, em que foram organizados em tabelas para análise comparativa.

A análise do referencial teórico revelou uma lacuna: a ausência de indicadores para compreender e verificar a adequação da comunidade ao modelo sugerido, ou seja, ao turismo regenerativo. Dessa forma, com base na metodologia dos indicadores para o planejamento do turismo regenerativo de Araneda, apresentado na Figura 25, no capítulo do referencial teórico com o título: abordagem regenerativa. Foi desenvolvida uma ficha que contempla os indicadores, no intuito de averiguar quais seriam atendidos totalmente, atendidos parcialmente ou não atendidos pela comunidade em questão, de acordo com informações coletadas nas entrevistas e pesquisas.

Realizou-se uma análise descritiva dos pontos observados nos indicadores, com o objetivo de avaliar o grau de concordância entre as práticas da comunidade e os princípios teóricos, bem como identificar o interesse dos envolvidos em desenvolver um modelo proposto na localidade. Os resultados dessa análise foram, então, utilizados para uma investigação conjunta e para o levantamento, visando identificar os indicadores não atendidos e desenvolver diretrizes que ofereçam sugestões aos atores sociais para a adequação da comunidade ao modelo de turismo regenerativo.

Para entender se a comunidade atende aos fatores propostos, a pergunta a ser feita é “A prática desenvolvida na comunidade atende ao fator correspondente ao seu indicador?”. Neste caso, considerando o primeiro indicador, ‘valores da comunidade’, como exemplo, para averiguar se a localidade atende ou não ao fator, pode-se perguntar: “Os valores da comunidade atendem à valorização da sua identidade, do seu entorno?”.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por meio dos relatos coletados, entrevistas realizadas e materiais selecionados, buscou-se explorar as experiências vividas, os fatos documentados e os projetos elaborados para a comunidade. Das informações obtidas, destacam-se depoimentos, desabafos, indignações, aspirações e desejos que foram analisados com o objetivo de evidenciar as diferentes realidades e formas de sobrevivência no local.

É importante ressaltar que os registros, tanto do passado quanto do presente, também desempenham um papel central nesta análise, permitindo abarcar todos os atores sociais que expressam, apontam ou almejam algo em relação ao espaço em estudo. Para isso, destacam-se questões que envolvem o trabalho, turismo, atividades econômicas, bem como organizações atuantes na região.

5.1 O TURISMO E A COMUNIDADE

O turismo é a segunda atividade econômica mais explícita no PNSJ, principalmente, pelo seu volume e movimentação, devido à proximidade com áreas verdes, trazendo inúmeros benefícios físicos, psicológicos e mentais à saúde. Funciona como local de lazer/recreação/interação social, de prática de atividades físicas e promoção à interação social (Günther; Giulio, 2018 *apud* Simões; Fiore; Silva, 2022).

A intensa procura por lugares para aproveitar o tempo livre por parte de moradores locais e de visitantes em locais próximos das Encostas da Serra Geral, revela um novo olhar sobre o interior do município de Orleans (SC) e sobre as comunidades rurais, principalmente, Três Barras.

Segundo pesquisas e estudos, locais com relevo montanhoso e com alta biodiversidade atraem mais visitantes e há perspectivas de aumento da visitação em áreas naturais protegidas. O interlocutor D1, alega que o “turismo é uma valorização da comunidade”, o B2 expressou a expectativa de que os empreendimentos turísticos contribuem para a valorização da comunidade. No entanto, ressaltou a importância de considerar a manutenção e a sustentabilidade do destino ao oferecer qualquer serviço na cadeia de valor do turismo.

O entrevistado B4 afirmou que toda movimentação turística ocorre quando as pessoas se deslocam de suas cidades ou residências em direção a outras

comunidades para conhecer, passear e apreciar a natureza. Destacou a riqueza de Três Barras no turismo de natureza, mencionando a beleza da Encosta da Serra. Além disso, lembrou a importância da movimentação de pessoas que saem de suas cidades nos finais de semana para se hospedar nas cabanas e pousadas, pois essa atividade turística traz recursos financeiros que contribuem para a economia local.

O modo de vida das sociedades urbanas e sua interdependência com as práticas econômicas nos espaços rurais recebem no contexto atual novas formas e funções. Isso é observado nos serviços ofertados no ramo do turismo, em que a procura por locais distantes dos grandes centros urbanos ou pelo consumo de serviços que transmitem o oposto da vida agitada da grande cidade, permite criar demandas de mercado. “Foi um tempo precioso me desconectar da cidade e me conectar com essa natureza maravilhosa. Tudo de bom aqui.” diz a visitante A8. Para A9: “Estar em meio à natureza, desconectado de tudo, foi como um alívio, trazendo paz e renovação em meio ao turbilhão de informações que me cercam diariamente.”

Diante disso, o crescimento no setor turístico relacionado ao meio ambiente, está se tornando cada vez mais influente na economia e torna-se uma atividade rentável aos investidores. Em Três Barras, segundo conversa com C1, em 2008, houve ações que contribuíram, economicamente, para a comunidade com intermédio de órgãos públicos, com apoio e incentivo para caminhadas ecológicas, como: uma proposta inicial e espontânea que visava atrair pessoas à Serra do Imaruí. Caracterizou essa iniciativa como rústica, sem envolvimento de profissionais de turismo, contando apenas com moradores locais, um trator para transporte, camisetas do evento e um café com risoto ao final. Em seguida, mencionou outras iniciativas posteriores, como a ‘Caminhantes do Sol’, em 2015, que envolveu a comunidade com participação significativa de 216 pessoas e contou com maior aporte financeiro para a localidade.

B4 enfatiza ainda que, com a pandemia, a busca por esses locais mais isolados com paisagem e natureza se intensificou com a oferta das hospedagens. Assim, com a atividade turística: “Houve estímulo para os moradores do entorno com a limpeza das residências e posteriormente a especulação imobiliária, bem como outros moradores começaram a alugar nas plataformas de aplicativo.”

5.1.2 A paisagem e os empreendimentos turísticos

“Pessoas procuram a comunidade pela natureza, paisagem e lugar de descanso” diz o empreendedor C2, proprietário de uma cabana que passou a alugar durante a pandemia. Inicialmente, usada pela família apenas aos fins de semana, mas com o retorno ao trabalho, após o isolamento social, a frequência de idas diminuiu. Então, surgiu a demanda por hospedagem das pessoas que frequentavam as outras pousadas locais. Isso levou C2 a considerar o aluguel como uma fonte de renda e adicionou a propriedade na plataforma do Airbnb. Atualmente, recebe hóspedes quase todos os fins de semana.

Figura 28 – Vista da Pousada E2



Fonte: Instagram (2025).

O entrevistado A5 chegou até Três Barras por um anúncio no Airbnb, e alega que o que chamou atenção foi a paisagem e os passeios que oferecem. Diz ter ficado extasiado: “Local maravilhoso, sem dúvida uns dos lugares mais bonitos que já estivemos e nos sentimos muito acolhidos, comunidade muito receptiva, tive contato com um morador, pessoa que até hoje mantenho contato.”

O entrevistado A10 alegou que: “As estradas eram longas, mas o refúgio era perfeito, principalmente na questão de se desligar da internet e conectar mais com os amigos e com a natureza. Trouxe muita paz e recarregou minhas energias.”

Por meio de áudios e mensagens, A5 enviou fotos do passeio, via WhatsApp, realizado de quadriciclo dentro do PNSJ, com o funcionário da pousada e conta que ainda mantém contato com ele: “[...] fizemos uma grande amizade.”

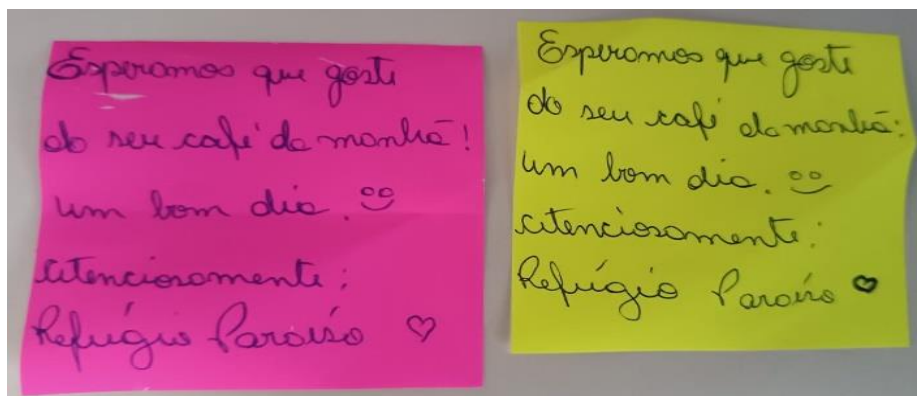
Figura 29 – Passeio de quadriciclo



Fonte: Entrevistado A5 (2025).

As duas noites na pousada proporcionaram ao A5, um turista apreciador de bons momentos, a oportunidade de desfrutar de um café da manhã memorável. Servido no deck, um espaço ao ar livre com a vista mais deslumbrante da cabana, a refeição veio acompanhada de um singelo bilhete que ele guardou com carinho, somando-se às fotos como lembrança da viagem.

Figura 30 – Fotos do turista e bilhete



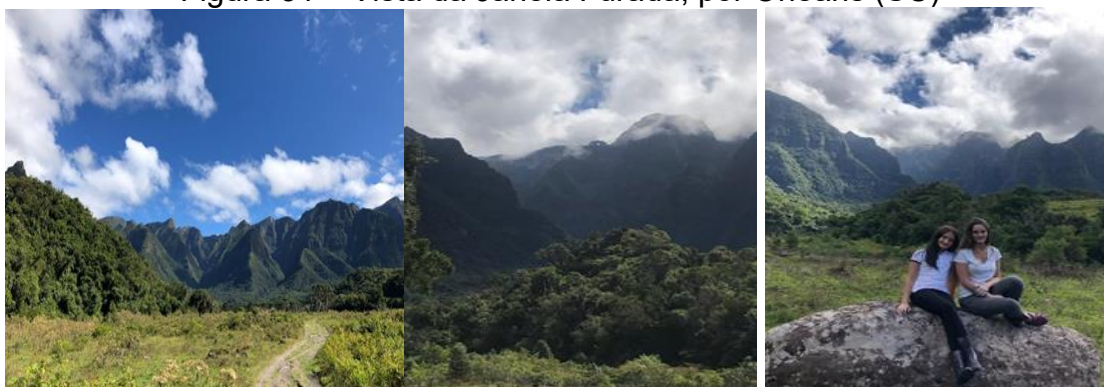
Fonte: Entrevistado A5 (2025).

Para B2, a procura por essa região, que proporciona o desacelerar e a imersão cultural, só tende a crescer. Conheceu a comunidade quando participou das movimentações contra o retorno da atividade carbonífera que estavam tentando reimplantar na região. Assim, relatou que, ao se deparar com a beleza cênica do local, a forte presença cultural enraizada no tropeirismo, as taipas existentes, os

monumentos geológicos, a extensão da floresta e a qualidade dos rios, percebeu que aquela comunidade necessitava ser fortalecida para os desafios futuros.

Para o entrevistado B4, Orleans (SC) possui rico patrimônio cultural e vasto potencial para o turismo de natureza, seguindo o exemplo bem-sucedido de cidades catarinenses como Pomerode e Praia Grande, na oferta de nichos turísticos diversificados. Já Três Barras, destaca-se por sua história ligada ao tropeirismo, suas formações geológicas singulares e a beleza cênica de suas montanhas, oferecendo um leque inexplorado de oportunidades para o turismo de aventura, como a escalada em rocha.

Figura 31 – Vista da Janela Furada, por Orleans (SC)



Fonte: Pela própria pesquisadora (2018).

Conforme o entrevistado B2, o turismo, além de ser um incremento de renda, auxilia no fortalecimento da comunidade. O turismo de base local, com protagonismo e manutenção do saber fazer cultural, beneficiará a comunidade ao longo do tempo na preservação de seu patrimônio cultural, tanto material quanto imaterial, que tem sido sustentado pelo convívio e pela maneira de vivenciar e salvaguardar esse patrimônio.

Apoiado nas informações coletadas, apontam-se os caminhos percorridos na comunidade e uma síntese de algumas referências que compõem a paisagem, que representam a herança de uma comunidade com valores histórico, cultural, arquitetônico e religioso.

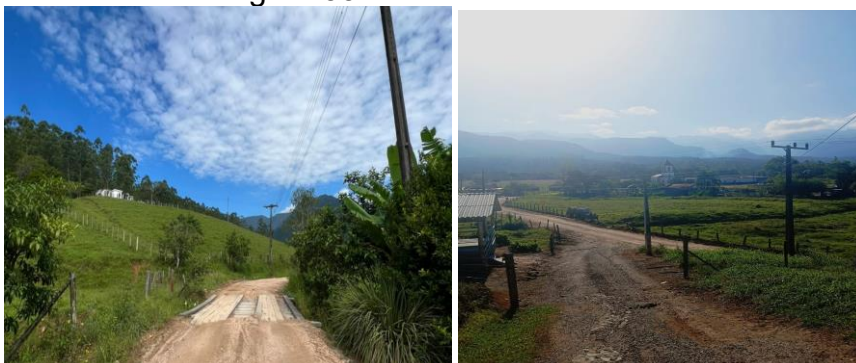
Figura 32 – Capitel Nossa Senhora do Carmo e Igreja São Judas Tadeu



Fonte: Pela própria pesquisadora (2025).

A área central da localidade onde estão a Igreja e o salão de festas fica em uma planície, cercada por montanhas e paredões elevadíssimos. Já o cemitério, está em um ponto mais alto, onde se avista toda essa região central.

Figura 33 – Vista do cemitério



Fonte: Pela própria pesquisadora (2025).

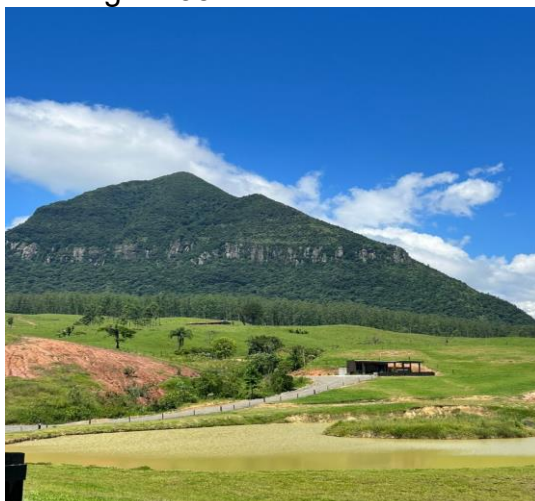
Figura 34 – Área central da comunidade



Fonte: Pela própria pesquisadora (2025).

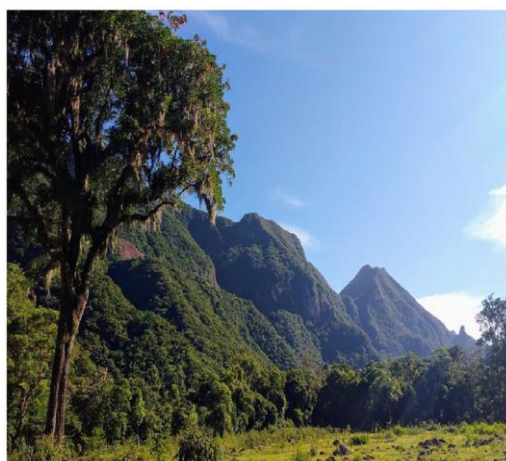
A Serra do Imaruí se encontra no PNSJ. Há muitas pessoas que buscam nesse caminho uma atividade em meio à natureza, subindo as montanhas. A trilha serpenteia pelas montanhas, convidando aventureiros em busca de imersão na natureza. No entanto, o caminho exige preparo e resistência, com trechos íngremes e rochosos. A falta de sinalização e a vegetação densa contribuem uma jornada desafiadora. Segundo relatos dos moradores locais, uma tradição anual leva um grupo de cavaleiros a percorrer a trilha rumo a Bom Jardim da Serra (SC). No entanto, a jornada é conhecida por sua dificuldade, resultando, frequentemente, na morte do animal devido ao extremo esforço, quando não preparado. Para B4 a Serra do Imaruí é um fato que chama a atenção pela sua história e beleza.

Figura 35 – Serra do Imaruí



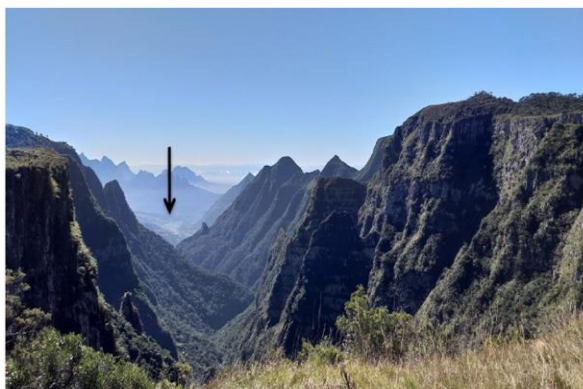
Fonte: Pela própria pesquisadora (2025).

Figura 36 – Trecho do caminho dos tropeiros - Serra do Imaruí -, comunidade de Três Barras



Fonte: Preve (2020).

Figura 37 – Vista da Serra Geral após a subida da Serra do Imaruí. O alto da serra já é território do município de Bom Jardim da Serra. A seta indica a localização da comunidade de Três Barras, território de Orleans (SC)



Fonte: Preve (2020).

5.1.3 O desenvolvimento econômico na comunidade

O fenômeno turístico é, portanto, um motor de influência nos mais diversos componentes da sociedade, como econômico, político, histórico e cultural. Para D2, o turismo traz bom movimento para a comunidade. Ele mencionou um exemplo concreto de benefício econômico, relatando que sua esposa lava as roupas de uma pousada e que, mesmo já tendo uma ocupação, agora possui um ganho extra com essa atividade. Adicionalmente, expressou seu desejo de abrir um comércio, caso surjam mais pousadas na região, no futuro.

O entrevistado B3 relatou que, há alguns anos, a comunidade experimentou um êxodo rural, com muitas famílias que trabalhavam na agricultura, vendendo suas propriedades para residir em centros urbanos, em um período em que o valor da terra não era elevado. Nos últimos anos, especialmente após a pandemia de Covid-19, associada a maior necessidade de contato com a natureza, observou-se um movimento de retorno à comunidade, principalmente, nos finais de semana. Desde então, casas de sítio foram reformadas ou construídas, o valor da terra aumentou e novos empreendimentos, como pousadas, foram criados.

A realidade da comunidade é marcada pela dependência de suprimentos do comércio de Orleans (SC) ou de localidades vizinhas. Conforme relatos dos moradores, a rotina estabelecida é a de deslocamento mensal ao centro para aquisição de bens. Em situações de necessidade imediata, a única opção localiza-se a, aproximadamente, 10 km, na comunidade de Brusque do Sul. Logo, os anúncios

de hospedagem informam aos turistas que é imprescindível levar todos os suprimentos para o preparo de alimentos durante a permanência nas cabanas.

Figura 38 – Imagem de residência com serviço das pousadas



Fonte: Pela própria pesquisadora (2025).

Segundo C2, o turismo na comunidade é “[...] uma parceria e todos se ajudam. Eu acho que o turismo se constrói, como um turismo de base comunitária.” Exemplificou a contribuição para a economia local, mencionando que a manutenção de sua casa é realizada por uma moradora das proximidades e o cuidado do jardim por um rapaz da região. Ele acrescentou que, dessa forma, sua casa permanece em uso e as pessoas que a visitam têm a oportunidade de conhecer a beleza do lugar, o que pode, eventualmente, contribuir para a sua preservação.

Já em conversa com B3, ela explana que o turismo é uma atividade econômica que pode se tornar uma alternativa de renda para as famílias que, ali, vivem e ainda sobrevivem da agricultura e da pecuária. Mencionou que, além da hospedagem, os moradores têm a oportunidade de apresentar aos turistas o cotidiano da vida no campo, comercializar produtos cultivados na propriedade e oferecer refeições como almoços e cafés, além de pães, bolos e biscoitos, dentre outros itens alimentícios.

O turismo é uma ferramenta para gerar força nos lugares e pode apoiar o estilo de vida e adaptar-se com a perspectiva do lugar, tornando-o melhor do que ele era antes, e não apenas deixar igual. Para Bogo (2019), ao citar Ives (1997), o turismo é um grande motor do desenvolvimento e da melhoria de condições

econômicas da população local. Conforme o entrevistado B6, o turismo tem grande potencial para impulsionar a região em que se desenvolve. Contudo, é fundamental priorizar a organização interna e estabelecer diretrizes claras, especialmente para o turismo de natureza, prevenindo que seus benefícios se transformem em problemas futuros. Ainda ponderou que, se a chegada de turistas for bem administrada, poderá representar um ponto positivo, trazendo nova fonte de renda para os moradores e proprietários da região. No entanto, alertou que, caso essa atividade seja desenvolvida de forma inadequada, o benefício será perdido e diversos problemas poderão surgir, como aumento do barulho, perda de criações, danos ambientais (corte de árvores, comprometimento de cursos hídricos e nascentes, descarte irregular de resíduos).

A comunidade possui carência e é dotada de precariedades no quesito infraestrutura urbana (estradas pavimentadas, posto de saúde, coleta de lixo, áreas comuns como praça, academia ao ar livre). Conforme D2: [...] “saiu um comentário de que iriam fazer uma pracinha aqui na Igreja, então o turista andaria mais pelas ruas. Acredito que isso faria a gente ter mais contato com eles.”

A entrevistada B5 participou ativamente do desenvolvimento das atividades turísticas locais. Segundo a entrevistada, a Prefeitura tem fornecido suporte abrangente na infraestrutura, com destaque para a instalação de placas de identificação da comunidade, que auxiliam na orientação dos turistas, também tem promovido a regularização dos empreendedores, oferecendo orientação sobre seus direitos e busca na integração das rotas turísticas no Município. Para B3: “à medida que o turismo se desenvolve, serviços passam a ser prestados ou melhorados pelo poder público, como revitalização de estradas e pontes, saneamento básico, rede elétrica e internet. Dessa forma, o morador local também se beneficia.”

Para B6, o investimento municipal em infraestrutura, abrangendo estradas, recolhimento de resíduos, internet rural e sinalização, contribuiu, significativamente, para a divulgação do local. Com isso, os benefícios criados para a comunidade e para o turismo são plenamente desfrutados pelos residentes.

Depoimentos negativos alegam a falta de infraestrutura como a falta de água, pois as residências são abastecidas direto da fonte, sem tratamento e, dependendo do tempo com muita chuva, há o entupimento da tubulação com vegetação (folhas, terra) ao longo do percurso. “A única coisa que incomoda é o lixo.

A Prefeitura passa de 15 em 15 dias para recolher, então a lixeira ao lado da Igreja fica cheia e os cachorros acabam indo lá e rasgando os sacos”, relata D1.

Figura 39 – Lixeira da comunidade ao lado da igreja e estrada



Fonte: Pela própria pesquisadora (2025).

Um dos aspectos negativos mencionados pelos turistas referiu-se à qualidade das estradas e dos acessos às pousadas. A dificuldade foi claramente expressada por D3: “[...] achamos bem difícil o acesso – é de chão (areão) e, em dias de chuva, complica bastante.”, e por A4: “[...] “estrada precisa melhorar o acesso.”

Na comunidade, B3 relatou que a atuação da Prefeitura tem se concentrado na manutenção das vias de acesso, na coleta de lixo e na disponibilização de internet de fibra óptica. Contudo, apontou a falta de assessoria técnica adequada para o turismo na região como um fator que pode impactar o crescimento do setor. Argumentou que a unidade de conservação tem o papel de preservar e conservar os recursos, e que sua ausência poderia levar a uma rápida modificação da paisagem, resultando na perda de parte de seu atrativo. Concluiu que o poder público precisa se unir à unidade de conservação e que o mesmo princípio pode ser aplicado aos moradores da comunidade.

As práticas e os serviços oferecidos na comunidade são dotados de certa homogeneidade pelas ofertas encontradas, há ausência de apoio (comércio) para atender aos turistas e visitantes. Assim, B2 explana que o turismo se manifesta como uma cadeia de valor que abrange atrativos, restaurantes e refeições, hospedagem e prestação de serviços como o guiamento. Ele observou que,

atualmente, Três Barras não se configura como um destino turístico consolidado, caracterizado pelo deslocamento de pessoas que pernoitam por mais de uma noite e pela movimentação de renda e economia gerada em torno da atratividade de conhecer lugares, consumir produtos e vivenciar uma imersão cultural.

Durante as entrevistas no local, notou-se que muitos turistas permanecem nas cabanas durante as estadias, tendo pouco contato com a natureza local. Não há trilhas cadastradas/legalizadas para caminhadas ou outras atividades que permitam aos visitantes explorarem as paisagens e a rica fauna e flora da região. A única atividade oferecida é um passeio de quadriciclo (utv) em uma trilha que leva até a Janela Furada, conduzida por um guia, pois o percurso inclui propriedades particulares, porém não respeitam legislação de trânsito e normas técnicas de turismo de aventura, como o uso de capacete. Essa limitação de opções pode indicar uma falta de incentivo ao turismo de natureza e à valorização dos recursos naturais. Houve também uma crítica ao valor dos passeios: “Achamos os valores dos passeios um pouco caros, mas a pousada é top”, diz A7.

A falta de roteiros e programas para atividades em contato com a natureza limita a experiência dos visitantes e impede que a comunidade local se beneficie do turismo de forma plena, desenvolvendo ou criando alguma atividade em prol. Essa lacuna representa uma oportunidade valiosa para o desenvolvimento de iniciativas que valorizem o ecoturismo e a interação sustentável com o meio ambiente, como trilhas guiadas, atividades educativas e vivências em ambientes naturais, fortalecendo laços comunitários e natureza. A6 descreveu Três Barras como um lugar único de grande beleza natural. No entanto, sugeriu que as pousadas poderiam disponibilizar um mapa da região, mencionando que descobriu, por acaso, a proximidade do Morro da Igreja de Urubici (SC). Expressou curiosidade sobre o Caminho dos Tropeiros e o Parque da Janela Furada, nos quais nunca esteve, e sobre a localização das pirâmides sagradas em relação à pousada. Afirmou que gosta de se hospedar ali para aproveitar a paisagem, embora já tenha andado de quadriciclo na região, e, principalmente, para descansar e apreciar a beleza do local.

Segundo B4, a falta de oferta de passeios em Três Barras de maneira organizada rege pela falta de empresas de turismo receptivas, guias de turismo qualificados, em função da liberação pelo parque (autorização para levar visitantes em trilhas abertas para visita ou que estejam em áreas particulares que estão

dentro do parque) e por questões internas de moradores que não permitem atividades de turismo em suas propriedades.

Ainda para B4, Três Barras possui muitas atividades com potencial de exploração, porém não estão regulamentadas para uso público ou estão em propriedades particulares, como: observação da paisagem e de aves, práticas de turismo de aventura e ecoturismo; astroturismo: observação das estrelas, principalmente no inverno, em que as noites são mais escuras, umidade relativa do ar é menor e pouca poluição luminosa.

Para C3, aumentar a oferta de atrativos turísticos é fundamental para atrair maior número de visitantes. A beleza natural exuberante é uma grande vantagem e investir em mais atrativos impulsionará o turismo em nossa região. Observou que os empreendimentos de pousadas existentes são de alto padrão, mas que ainda há uma falta de casas para atender à demanda. Aproveitou a oportunidade e expressou a importância da diversificação da atividade turística de atendimento para a comunidade local, notando que, atualmente, existem, apenas, empreendimentos de hospedagem e que faltam, principalmente, opções na área gastronômica, tanto para café quanto para almoço/janta. Ela também apontou a necessidade de mais atrativos de natureza e aventura para ocupar os turistas durante sua visita à comunidade.

O Airbnb é a principal plataforma de reservas, (95%) para a comunidade, sendo 'cabanas', 'chalé' e 'descanso', os termos de busca. A atratividade inicial reside na paisagem apresentada nas ofertas. A maioria dos turistas, ao desconhecer a região, demonstra encantamento com o que encontra. A experiência de A5 ilustra isso: "Local maravilhoso, sem dúvida uns dos lugares mais bonitos que já estivemos." D3 também destacou a beleza natural: "Achamos o lugar lindo! A vista pra serra é maravilhosa e o principal foi o banho no Rio Laranjeiras, que foi uma experiência super gostosa e tranquila. A natureza do lugar chama muita atenção."

Seguem-se os comentários de turistas, obtidos pela pesquisadora nas páginas das pousadas com maiores relevâncias nas plataformas digitais Airbnb e Instagram.

Figura 40 – Comentários dos turistas



Fonte: Plataforma Airbnb (2024).

Realizou-se levantamento diante dos dados passados pelos proprietários das pousadas que possuem maior procura e relevância nas Três Barras.

Segundo dados de C4, com 5 cabanas, no ano de 2024, foram reservadas 463 noites. O aplicativo Airbnb faz quantitativo a partir de noites, no entanto, C4 relata que foram feitas reservas em outras plataformas (Instagram e WhatsApp)

porém, não possuem um quantitativo exato. Os anos anteriores não foi possível ter acesso.

Durante entrevista com C5, com 3 cabanas, relatou que a pousada enfrentou dificuldades em janeiro de 2024, ficando sem locações em decorrência das fortes chuvas que assolaram o município de Orleans (SC), levando à decretação de emergência. O acesso às comunidades rurais foi prejudicado, pois as pontes que faziam a ligação foram danificadas, impossibilitando o trânsito de veículos. No ano de 2024, foram 72 noites reservadas. Em 2023, foram 57 noites, e no ano de 2022, foram 45 noites.

Figura 41 – Cabeceira da ponte do Rio Laranjeiras na Ponte Preta e margem do Rio Laranjeiras, em Três Barras, em 29/01/2024



Fonte: Engeplus (2024).

A Pousada E1, pioneira na região, destaca-se por possuir uma residência com capacidade de acomodar, até, oito pessoas, resultado da adaptação da residência familiar para fins turísticos, com piscina aquecida ao ar livre com uma bela vista.

Observações informais e conversas com os moradores da comunidade revelaram uma dinâmica competitiva entre os proprietários de estabelecimentos turísticos. Essa competição, impulsionada pelo desejo de se destacar, manifesta-se na constante busca por inovações e melhorias, desde a oferta de atividades para os turistas até a construção de novas acomodações. Embora essa dinâmica possa impulsionar o desenvolvimento local, ela também gera tensões e rivalidades, com a percepção de que os proprietários estão em uma disputa. Além disso, essa competição pode levar à homogeneização da oferta turística, com a imitação de ideias e a padronização das experiências oferecidas aos visitantes.

A comunidade local expressa preocupação significativa com a escassa interação entre moradores e turistas. Conforme explicitado por B4, em conversa, a

inexistência de um engajamento efetivo e de ofertas de experiência configura um problema comum na dinâmica do turismo. A dificuldade dos moradores em apresentar atrativos adequados acarreta perda de oportunidades, com turistas permanecendo menos tempo do que poderiam. “A gente não chegou a conversar com ninguém da comunidade, mas vimos alguns moradores no caminho”, disse D3. A4 já diz que não teve contato algum com moradores.

Fica evidente que essa falta de integração sugere uma lacuna na estratégia de desenvolvimento turístico da região, em que a ausência de iniciativas conjuntas entre a comunidade e os empreendedores das pousadas pode estar limitando o potencial de crescimento sustentável. A criação de atividades e serviços que envolvam ativamente os moradores, como passeios guiados, oficinas culturais ou apresentações artísticas, poderia não apenas enriquecer a experiência dos turistas, mas também fortalecer os laços entre visitantes e residentes. Além disso, a inclusão da comunidade na rotina das pousadas, por meio da oferta de produtos locais, poderia gerar benefícios econômicos e sociais para ambos os lados.

B2 acredita que o morador se beneficia do turismo a partir do momento em que ele consegue perceber que as pessoas buscam seu lugar para ter uma experiência, uma imersão. Já B1 mencionou que, além de fortalecer a cultura local, gerar renda e melhorar a qualidade de vida, o turismo, se bem planejado, pode incentivar a produção de atividades artesanais, aumentar o sentimento de pertencimento e auxiliar na preservação do patrimônio histórico, cultural e ambiental.

Em conversas, chegou-se ao assunto sobre a exploração da mão de obra nas pousadas que persiste como um desafio. Muitos trabalhadores enfrentam longas jornadas de trabalho o que os leva a abandonar o serviço. Essa situação gera a perda de trabalhadores, desmotivação e precarização do trabalho, acarretando rotatividade de funcionários. D1 relata que não trabalhará mais na pousada, pois compraram outro terreno e pretendem trabalhar com o que é próprio. Mencionou o cansaço e a falta de dias de folga como fatores para a decisão. Informou que o café da manhã agora é opcional, diferentemente de antes, quando era incluso, e que estão aguardando o proprietário encontrar outra pessoa para substituí-la.

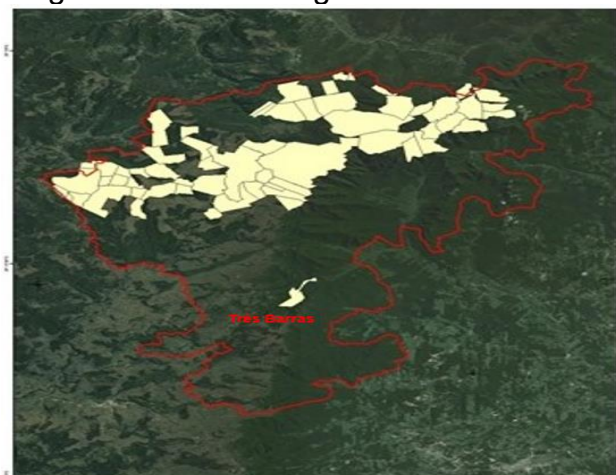
5.1.4 O uso da Terra

Com a especulação imobiliária, o preço do hectare tem aumentado, o que dificulta a regularização fundiária, mas também tem atraído mais moradores que querem um pedaço de terra no paraíso, gerando automaticamente efluentes domésticos e lixo. D3 comentou que, de um terreno grande fez sítios de 2 hectares para a venda no contrato, sem escritura: [...] “é o que o pessoal está procurando para fazer sitiozinho.” Constata-se que a falta de regularização fundiária contribui negativamente para a conservação, pois os proprietários necessitam, amparados legalmente, desenvolver atividades econômicas para seu sustento, que, em menor ou maior grau, impactam a conservação.

As ações de regularização fundiária do PNSJ foram iniciadas no ano de 2006 e, atualmente, a gestão segue dando continuidade, conduzindo indenizações amigáveis, priorizando áreas de relevância para a conservação. Segundo dados do ICMBio (2024), até 2021, cerca de 13.200 hectares, distribuídos em mais de 40 propriedades, foram regularizados. No entanto, o processo ainda enfrenta desafios significativos, como a complexidade dos levantamentos de dados, a análise de documentos cartoriais e os trâmites burocráticos, o que tem contribuído para a lentidão do avanço.

Atualmente, o PNSJ possui, aproximadamente, 28% de suas áreas particulares indenizadas. Ao considerar as áreas devolutas, o percentual de regularização atinge cerca de 49% da área total do parque. Na região de Três Barras, a regularização fundiária resultou na aquisição de 133 hectares em 2016, abrangendo 6 imóveis pertencentes a um único proprietário.

Figura 42 – Áreas regularizadas no PNSJ



Fonte: ICMBio (2024).

Em síntese, a paisagem emerge como o fator primordial que impulsiona os turistas a visitar a comunidade, conforme evidenciado nas avaliações on-line e nas interações diretas. Assim, a paisagem e aos elementos que constituem a comunidade, no que tange aos aspectos socioculturais e históricos estabelecidos a partir da colonização à atualidade, as características e os elementos destacados demonstram como o uso e a ocupação da área se fazem presentes. Atividades ligadas à terra, econômicas, como a turística e serrarias, ainda estão impregnadas na paisagem e na memória das pessoas. São sentimentos que estão nas memórias dos moradores e na identidade do lugar.

Observa-se uma clara intervenção humana, materializada na construção de edificações que contrastam com a paisagem natural circundante. A supressão da vegetação nativa, decorrente da abertura de espaços para as construções, é evidente. As modificações no terreno, como a terraplanagem e a criação de acessos, também contribuem para a alteração da topografia original. “As áreas agrícolas estão dando espaço para novas construções, terrenos estão sendo desmembrados para que mais pessoas possam comprar. Assim, as áreas de solo exposto estão crescendo”, relata B3.

Essas intervenções, embora impulsionadas pelo desenvolvimento do turismo local, suscitam preocupações quanto ao impacto ambiental na região. A remoção da vegetação nativa pode levar à perda de biodiversidade, à erosão do solo e à alteração do regime hídrico. As construções, por sua vez, podem gerar poluição

visual e sonora, além de interferir na fauna local. As modificações no terreno podem alterar o escoamento da água e aumentar o risco de deslizamentos. Segundo B3:

Os empreendimentos turísticos geram renda e movimentam a economia, não só da comunidade, como também do município. Isso é algo positivo. Porém, a comunidade está inserida em uma Zona de Amortecimento de um Parque Nacional, sendo necessário seguir regramentos. O desenvolvimento de algumas atividades pode impactar negativamente o ambiente, como: o descarte incorreto do esgoto e dos resíduos sólidos, que contaminam o solo e a água; obras de terraplanagem que deixam o solo exposto e podem assorear rios e córregos; a realização de trilhas com veículos traçados, que podem comprometer a existência de algumas espécies da fauna e da flora.

Figura 43 – Terraplanagem



Fonte: Instagram, 2025.

B2 relata que, atualmente, consegue perceber que existe uma falha no processo de constância e manutenção da paisagem cultural:

Percebe-se em alguns lugares com modificação no relevo, abertura de estradas, construções. Apesar de ser muito pequena essa intervenção, eu consigo perceber em um período de 5/6 anos que houve mudanças quando tu direciona para determinados lugares e tu percebe uma interferência antrópica sobre a região.

Mediante análise comparativa do uso e cobertura do solo entre os anos de 2002 e 2024, objetivou-se identificar as mudanças na paisagem na ZA do PNSJ. A ausência de delimitação precisa das comunidades rurais dificulta a análise, pois não é possível identificar, com precisão, a área de influência de cada comunidade. Para contornar essa limitação, foram consideradas todas as comunidades rurais inseridas na ZA em Orleans (SC), entre elas, Três Barras se destaca por possuir a maior

extensão territorial no Parque, o que a torna um importante objeto de estudo para entender a dinâmica de uso e cobertura do solo na região.

A análise das imagens revela uma transformação paisagística significativa nas áreas onde se concentram os dois maiores empreendimentos turísticos da comunidade. B2 observa um maior zelo na manutenção da beleza das propriedades. Antes focadas, apenas, na agricultura ou como refúgios de campo, agora investem em cuidados para receber e agradar os visitantes.

Figura 44 – Imagem satélite de Três Barras nos anos de 2004 e 2023



Fonte: Pela própria pesquisadora, via Google Earth (2025).

Em destaque, encontra-se a igreja Católica de Três Barras. A análise comparativa das imagens, em diferentes momentos (2004 e 2023) permite observar a progressão dessas transformações. A expansão dos empreendimentos turísticos e a intensificação das intervenções na paisagem revelam a necessidade de um planejamento cuidadoso e da implementação de práticas sustentáveis para minimizar os impactos ambientais e garantir a preservação dos recursos naturais da região. Conforme ilustram as figuras, observa-se uma transformação significativa na

área de determinada pousada ao longo do tempo. Na imagem de 2004, a paisagem era caracterizada por uma predominância de vegetação densa.

Em contraste, a imagem posterior revela um desenvolvimento considerável na propriedade. Embora a vegetação nativa tenha sido parcialmente preservada, nota-se a implantação de cabanas. Estas acomodações estão interligadas por uma rede de estradas, facilitando o acesso. A imagem evidencia a criação de um lago, integrando-se à infraestrutura da pousada.

Figura 45 – Zoom da Fazenda Paraíso, nos anos de 2004 e 2025



Fonte: Pela própria pesquisadora, via Google Earth Pro (2025) e B6 (2025).

Realizaram-se explorações de campo na ZA do município de Orleans (SC), visando coletar coordenadas geográficas e informações detalhadas sobre o uso e cobertura da terra. Esses dados primários foram fundamentais para subsidiar a coleta de amostras e a consequente classificação das áreas. Ao analisar as mudanças de cobertura e uso da terra, evidencia-se que a expansão da urbanização tem sido um fator relevante, especialmente, na comunidade de Três Barras, onde se observa um desenvolvimento notável em comparação com outras áreas da zona.

A nomenclatura e as cores da legenda foram reclassificadas de acordo com o MapBiomas, que fornece códigos de legenda da coleção 8. Esse procedimento possibilitou a representação visual mais precisa e apropriada das classes de cobertura e uso da terra presentes na imagem (Cruz; Cruz, 2021). Após a reclassificação, os mapas foram criados com base em dados do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), de 2018, do IBGE, de 2002 e

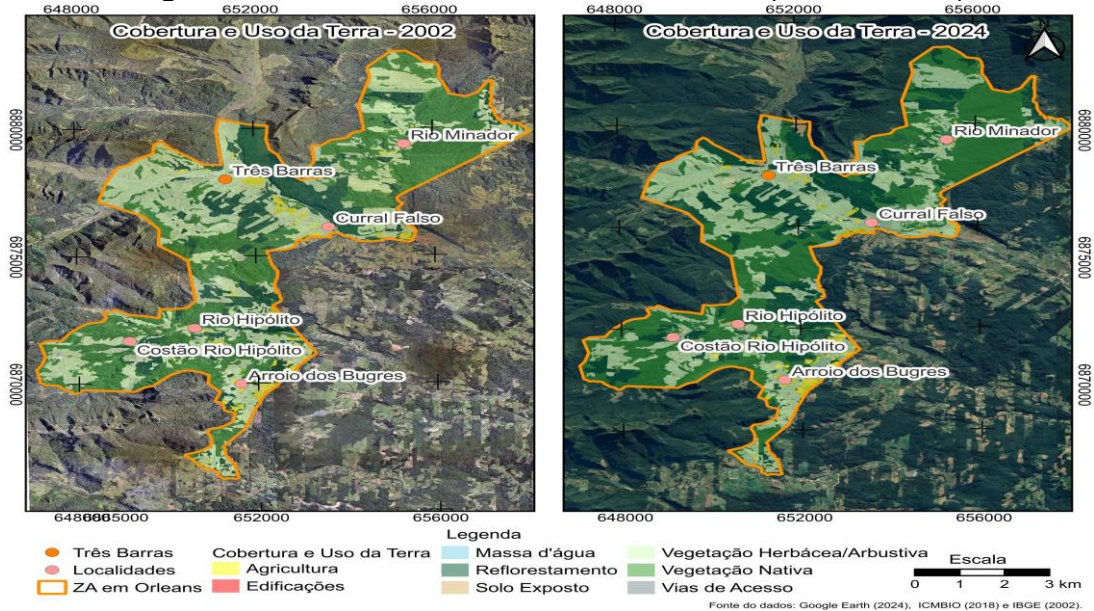
Google Earth, de 2024, e fornecem informações sobre a distribuição das diferentes formas de uso da terra na ZA do PNSJ.

Quadro 4 – Classes adaptadas do MapBiomias (2022)

Classe das imagens	Classe MapBiomias
Agricultura	Agropecuária
Edificações	Área não vegetada: Área urbanizada
Massa d’água	Corpos d’água
Reflorestamento	Silvicultura
Solo exposto	Área não vegetada
Vegetação Herbácea/arbustiva	Formação campestre
Vegetação Nativa	Formação florestal
Vias de Acesso	Área não vegetada: Área urbanizada

Fonte: Pela própria pesquisadora (2025).

Figura 46 – Cobertura e uso da Terra na ZA (2002 e 2024)



Fonte: Pela própria pesquisadora (2024).

Os dados revelam dinâmicas de mudança e transformação na paisagem e no uso da terra ao longo de doze (12) anos (2002-2024), com aumento generalizado da área de reflorestamento nas comunidades da ZA. A análise visual do mapa de 2002 indica uma paisagem caracterizada pela interseção de vegetação nativa, expressivas áreas agrícolas e focos de reflorestamento.

Em 2024, constata-se uma redução da área agrícola, de 174 ha, em 2002, para 145 ha (Quadro 4). Essa diminuição pode ser atribuída à conversão de áreas de vegetação herbácea para reflorestamento ou para a expansão de edificações. Essa última, impulsionada pela diversificação econômica regional, especialmente, no setor turístico (Cruz, 2019), contribui para mitigar a dependência da agricultura e

pecuária como atividades econômicas predominantes. Contudo, esses resultados também sugerem fragilidades no controle interno da gestão territorial, possivelmente decorrentes da fiscalização e controle insuficientes por parte dos órgãos ambientais.

Por outro lado, observa-se um crescimento significativo da área de reflorestamento, passando de 1.042 ha, em 2002, para 1.185,254 ha, em 2024. Esse aumento, contudo, está associado à expansão de espécies não nativas, como pinus e eucalipto. Essa predominância da silvicultura suscita preocupações ambientais, uma vez que o potencial desmatamento de áreas protegidas para essa finalidade pode acarretar consequências negativas, como perda de biodiversidade, erosão do solo e impactos climáticos (Leite-Filho; Pontes; Costa, 2019; Mateus; Padilha, 2017).

No que concerne às edificações, o mapa de 2024 revela que a comunidade de Três Barras se destaca como a área rural com a maior intensidade de modificações em comparação com as demais. A presença de edificações dispersas nessa localidade sinaliza ocupação humana mais expressiva, fortemente correlacionada com a dinâmica da atividade turística vigente na região.

Diante do contexto, a tabela, a seguir, apresenta uma síntese dos dados da cobertura e uso da terra, como comparativo por classes entre os dois períodos de 2002 e 2024.

Tabela 2 – Dados da cobertura e uso da Terra de 2002 e 2024

Classe	Cobertura e Uso da Terra			
	2002		2024	
	Área (ha)	%	Área (ha)	%
Agricultura	174,365	3,063	145,413	2,554
Edificações	7,107	0,125	8,385	0,147
Massa d'água	7,276	0,128	17,032	0,299
Reflorestamento	1.042,888	18,319	1.185,254	20,820
Solo Exposto	10,019	0,176	23,993	0,421
Vegetação Herbacea/Arbustiva	2.212,618	38,867	2.031,884	35,692
Vegetação Nativa	2.221,406	39,021	2.263,780	39,765
Vias de Acesso	17,176	0,302	17,114	0,301
Total	5.692,855		5.692,855	

Fonte: Pela própria pesquisadora (2024).

5.1.5 Fatores e indicadores para o turismo regenerativo

Após as entrevistas, visitas e pesquisas, preencheu-se o quadro, a seguir, que expõe as atividades avistadas na comunidade atualmente, referenciando os 5 passos para um turismo regenerativo, de acordo com Araneda (2022) e Flemming (2022). O intuito é de averiguar quais são atendidos ou não, de acordo com os

relatos. Apresenta-se como atende quando há a atividade vigente na comunidade e vice-versa, com não atende e atende parcialmente quando há atividades realizadas.

Quadro 5 – Indicadores para turismo regenerativo com análise na comunidade de em partes

SÍNTESE DOS FATORES DE TURISMO REGENERATIVO	INDICADORES PARA O TURISMO REGENERATIVO	ANÁLISE		
		Atende	Não atende	Atende parcialmente
RELAÇÕES DE REGENERAÇÃO (eu e natureza)	Incentivo a utilização consciente de produtos e recursos que beneficiem a conservação ambiental;		x	
	Utilizar tecnologia para monitorar ecossistemas, melhorar as práticas de conservação e envolver os turistas por meio de aplicativos educativos e experiências interativas.		x	
RELAÇÕES DE REGENERAÇÃO	Banho de floresta (relação eu comigo e eu com a natureza)	x		

Continua

Continuação

SÍNTESE DOS FATORES DE TURISMO REGENERATIVO	INDICADORES PARA O TURISMO REGENERATIVO	ANÁLISE		
		Atende	Não atende	Atende parcialmente
SENTIDO DE LUGAR	Experiências que conectam o turista ao lugar	x		
	Origem da alimentação e consumo;		x	
	Uso de produtos locais: coloniais (derivados do leite e terra) e artesanato;		x	
	Valores da comunidade: história e surgimento;			x
	Processos de coleta de resíduos sólidos;		x	
	Processos de tratamento de água e esgoto;		x	
IDENTIDADE ORGÂNICA/PLANEJAMENTO MULTIDISCIPLINAR	Oferecer programas educacionais para turistas e comunidade local, aumentando a conscientização sobre questões ambientais e culturais;		x	
	Cuidado para restauração dos sistemas vivos do local;		x	
ÉTICA E ESTÉTICA	Utilização de produtos locais	x		
	Captação de água de poço artesiano;	x		
	Utilização de materiais reciclados e de demolição	x		
DESIGN	Local da estadia (acampamento/pousada) possui harmonia visual com a natureza	x		

Fonte: Araneda (2022), Flemming (2022), adaptado pela pesquisadora (2025).

No item Relações de Regeneração, a oferta do Banho de Floresta, propicia uma vivência de introspecção e conexão com a essência do indivíduo, enquanto intensifica sua relação com a natureza. Os recursos hídricos da comunidade são de água cristalina e adequados para banho, exceto em períodos de chuva intensa, quando a força da água proveniente dos costões os torna impróprios.

No indicador Sentido de Lugar, a experiência proposta que conecta o visitante com o lugar e a valorização da comunidade com sua história é a festa dos Tropeiros. No item Identidade orgânica, no momento não há trabalhos e atividades com autóctones para alcançar o bem comum a partir da proteção ambiental e preservação local, cuidando também para a restauração dos sistemas vivos.

Quanto ao item Ética e Estética, relaciona-se com a utilização de materiais com o uso do eucalipto e pinus que fazem de estrutura, cobertura e vedação de imóveis de modo geral (cabanas, galpões). Há a utilização de materiais de demolição (madeira) em algumas cabanas, para detalhes arquitetônicos com personalidade, unindo beleza, história, consciência ambiental.

Finalmente, na análise do Design, revela que as cabanas, construídas com materiais naturais apresentam um estilo arquitetônico leve e atraente, integram-se de forma orgânica à paisagem, resultando em um baixo impacto visual. Porém, considera-se contrastante com a arquitetura da comunidade pioneira.

Os indicadores atendidos pela comunidade refletem sua capacidade de aderir aos princípios do turismo regenerativo. Dessa forma, o pleno cumprimento dos indicadores relacionados a um fator específico indica que a comunidade está ou não alinhada com a dinâmica e os valores do turismo regenerativo, demonstrando maior aptidão para incorporar essa abordagem em suas práticas.

A análise dos indicadores revelou um panorama detalhado da comunidade, permitindo identificar seus pontos fortes e as áreas com potencial de atendimento. Evidenciaram-se também aspectos que, embora parcialmente atendidos, demandam maior atenção, bem como aqueles que não alcançaram os níveis desejados e, portanto, necessitam de intervenções para melhoria. Além disso, a avaliação indica uma correlação importante entre o cumprimento dos indicadores e a prioridade da comunidade para cada dimensão e fator analisado. Como resultado, detectaram-se os indicadores não atendidos, os quais foram compilados a um outro quadro. Segue:

Quadro 6 – Quadro com indicadores para turismo regenerativo com análise na comunidade de Três Barras

SÍNTESE DOS FATORES DE TURISMO REGENERATIVO	INDICADORES PARA O TURISMO REGENERATIVO	ANÁLISE		
		Atende	Não atende	Atende parcialmente
RELAÇÕES DE REGENERAÇÃO (EU E NATUREZA)	Incentivo a utilização consciente de produtos e recursos que beneficiem a conservação ambiental;		x	
	Utilizar tecnologia para monitorar ecossistemas, melhorar as práticas de conservação e envolver os turistas por meio de aplicativos educativos e experiências interativas.		x	
SENTIDO DE LUGAR	Origem da alimentação e consumo;		x	
	Uso de produtos locais: coloniais (derivados do leite e terra) e artesanato;		x	
	Valores da comunidade: história e surgimento;			x
	Processos de coleta de resíduos sólidos;		x	
	Processos de tratamento de água e esgoto;		x	
IDENTIDADE ORGÂNICA/ PLANEJAMENTO MULTIDISCIPLINAR	Oferecer programas educacionais para turistas e comunidade local, aumentando a conscientização sobre questões ambientais e culturais;		x	
	Cuidado para restauração dos sistemas vivos do local;		x	

Fonte: Araneda (2022), Flemming (2022), adaptado pela pesquisadora (2025).

Com base no que foi apresentado, sugere-se as seguintes ações para atender aos fatores do turismo regenerativo, detalhadas, a seguir.

No item Relações de Regeneração, pode-se constatar que não há incentivo para a utilização consciente de produtos e recursos que beneficiam a preservação ambiental e não há experiências que integrem a comunidade com o visitante de forma a criar práticas de conservação ambiental. Propõe-se o envolvimento da comunidade e dos visitantes mediante experiências interativas, incluindo atividades de visitação, passeios e venda de produtos, como exemplo, o pinhão. O objetivo é apresentar a exuberância da biodiversidade local aos turistas, cultivando neles a vontade de contribuir para sua proteção.

Para fortalecer o Sentido de Lugar, propõe-se, no que tange à origem da alimentação, que os moradores comercializem seus produtos de plantio, uma prática já comum na comunidade devido à agricultura de subsistência. Para aprimorar a coleta de resíduos sólidos, sugere-se que a Prefeitura, como responsável, realize ações de conscientização (informativos, palestras) e implemente lixeiras separadas para estimular a coleta seletiva. Em relação ao saneamento básico, considerando o índice de 86% de acesso na área urbana de Orleans (SC) (SNIS, 2022), propõe-se que o Município implemente campanhas e leis para expandir esses serviços às áreas rurais. No tocante aos valores da comunidade, a sugestão é que tenha panfletos, quadros, placas distribuídas ao redor da Igreja, apresentando a história da comunidade, fomentando maior integração e conexão entre comunidade/visitantes e moradores.

Em relação à Identidade Orgânica, considera-se de suma importância oferecer programas educacionais para turistas e comunidade local, a fim de fomentar a atenção e o engajamento na proteção, recuperação e revitalização dos ecossistemas, garantindo sua vitalidade. Recomenda-se a utilização de panfletos como meio de disseminação dessas informações em residências e pousadas. As montanhas verdejantes, o rio de águas cristalinas e a fauna e flora exuberantes da paisagem local convidam o turista a desacelerar e se reconectar com a natureza. Essa imersão profunda desperta sentimento de conexão e pertencimento, incentivando a proteção do meio ambiente com práticas conscientes.

Entender que a conexão com as pessoas, o lugar e a comunidade, faz despertar o desejo de proteger e acomoda o ser humano no lugar do cuidar. Em um sentido holístico, criando uma jornada de construção onde modifica a visão do individual para o global, entende-se que:

As experiências turísticas integradas num modelo regenerativo podem ajudar as pessoas a verem-se a si próprias como parte de um sistema vivo e a reconhecerem a sua interligação com as pessoas e os locais que visitam e para onde regressam. (Major; Clarke, 2022, p. 198).

É necessário compreender que os processos ocorrem de forma sistêmica, na medida em que o turismo está condicionado às relações entre natureza e sociedade como sistemas vivos e interligados e, a partir disso, promover a consciência necessária para criar relações reciprocamente benéficas. Essa visão sistêmica, biológica e cultural do desenvolvimento, contribui para a manutenção da diversidade e para fortalecer a conexão entre as pessoas e os lugares onde habitam, gerando cultura de engajamento e cuidado com a vida. Assim, norteia-se para o turismo regenerativo. Dessa forma, para que o turismo evolua de maneira colaborativa e regenerativa, é imprescindível que todos os fatores analisados sejam integralmente considerados, seguindo-os como diretrizes para um turismo regenerativo.

A capacidade da comunidade de manter um equilíbrio dinâmico com o ambiente depende de mudanças e adaptações contínuas, implementadas por meio de processos, cuidadosamente, planejados para atender às necessidades tanto do ecossistema quanto dos atores envolvidos. Para tal, assim como Mang e Reed (2012) apontam para o desenvolvimento regenerativo, no âmbito do turismo, o pensamento sistêmico precisa ser aplicado aos processos de design, planejamento e tomada de decisão. Em relação à comunidade analisada, depreende-se que o desenvolvimento desse pensamento pode ser priorizado nas áreas de infraestrutura, origem da alimentação e padrões de consumo, processos de design, engajamento dos indivíduos nos processos decisórios e experiências turísticas oferecidas.

No que tange aos processos de design regenerativo aplicados ao turismo, abrangendo tanto a infraestrutura quanto a origem da alimentação e o consumo, as comunidades precisam integrar a compreensão de que são partes intrínsecas de um ecossistema. Nesse sentido, suas escolhas podem atender aos três níveis de valor propostos por Avecilla (2018): identidade, entorno e universo. As experiências turísticas, por sua vez, precisam fomentar conexões profundas entre os visitantes, os habitantes locais e a natureza, cultivando a percepção do lugar como um sistema vivo. Para tanto, é crucial que essas experiências possuam caráter prático, educativo e de conscientização (Avecilla, 2018), ressaltando a importância de

programas de conscientização cocriados com diversos atores para estimular a reflexão e a mudança de paradigmas. Em relação aos processos de design e ao envolvimento dos indivíduos nas decisões, o codesign¹⁷, um princípio do turismo regenerativo, emerge como ferramenta fundamental. Ao considerar as dimensões econômica, natural e cultural do lugar (Avecilla, 2018), por meio da participação ativa das partes interessadas, a comunidade analisada pode incorporar o codesign em seus processos de planejamento e tomada de decisão, podendo, assim, caminhar rumo à coevolução.

Ademais, a tese de Avecilla (2018), que postula a necessidade de alinhamento de valores entre a comunidade e o turista para a implementação do turismo regenerativo, encontrou respaldo nas entrevistas realizadas. As falas da comunidade indicaram que a concordância do visitante com os valores propostos é um pré-requisito importante para a experiência. No que concerne à receptividade, as entrevistas revelaram uma intenção positiva em receber visitantes por parte de toda a comunidade, embora cada uma apresentasse nuances em relação aos fatores determinantes desse alinhamento. É crucial reforçar que a comunidade não se coloca a serviço do turista; ao contrário, espera-se que o visitante se adapte à realidade local onde o encontro ocorrerá. Diferentemente de um produto turístico, que oferece algo predefinido, a experiência regenerativa se constrói em consonância com as necessidades de todos os envolvidos e, não apenas, para o ator externo.

Portanto, para um modelo de turismo regenerativo, é fundamental que os visitantes estejam abertos a vivenciar a autenticidade da comunidade anfitriã, em vez de esperar que ela se molde às suas expectativas. É crucial reconhecer que os lugares transcendem a dimensão física, constituindo-se como espaços de significado compartilhado, em que as conexões entre pessoas e a natureza podem ser restabelecidas. Mang e Haggard (2016) enfatizam que o conceito de lugar abrange uma experiência subjetiva, em que, além da realidade material, profundos laços emocionais podem estar intrinsecamente ligados.

Convém analisar com cautela expressões que descrevem o turismo regenerativo como um mero instrumento para "promover melhorias em uma área, local ou destino" (Campos, 2021, on-line), pois o termo 'melhorias' carece de precisão em um modelo que pressupõe a integração equitativa entre todos os

¹⁷ Refere-se a uma abordagem colaborativa de design que envolve a participação ativa de usuários e outras partes interessadas no processo de criação.

atores. Embora o turismo regenerativo possua papel relevante na educação e conscientização das partes envolvidas, sua função primordial reside em estimular profunda reflexão sobre a relação do ser humano consigo, com o outro e com a Terra, fomentando a evolução conjunta do indivíduo e da natureza. Ao abordar o turismo, Avecilla (2018) adverte sobre a imprescindibilidade do equilíbrio entre as atividades econômicas e as relações com o entorno, de modo a evitar que a prática turística contrarie os princípios do desenvolvimento regenerativo. Adicionalmente, o turismo regenerativo incorpora o pensamento sistêmico, o senso de pertencimento a um todo maior e a participação ativa e o intercâmbio entre as partes, visando à transformação da sociedade em uma verdadeira comunidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do questionamento realizado na introdução deste trabalho, que tinha como intuito fazer um levantamento de informações da comunidade de Três Barras (Orleans, SC), a fim de verificar se esse lugar, que vem se constituindo como um destino turístico, possui características que se enquadram aos fatores do turismo regenerativo. Além disso, analisou-se de que maneira a comunidade local pode engajar-se na construção e gestão do turismo, garantindo que essa atividade valorize seu modo de vida. Ainda, promovendo a regeneração ambiental e distribuição de benefícios de forma equitativa. Os resultados apontaram que os indicadores de Araneda (2022) e Flemming (2022) foram, minimamente contemplados, e alerta para que a comunidade se envolva e seja envolvida.

A pesquisa revelou que as experiências desenvolvidas na comunidade de Três Barras possuem atributos que se alinham parcialmente aos princípios do turismo regenerativo. Dos 15 indicadores avaliados no Quadro 4, apenas 4 foram atendidos, resultando em uma taxa de conformidade de 26%. A análise da comunidade, baseada nos princípios e indicadores do turismo regenerativo, revelou importantes oportunidades de aprimoramento em diversas áreas. Sob perspectiva coletiva, a infraestrutura, a origem da alimentação e consumo, os processos de design, e o engajamento dos indivíduos nas decisões e experiências turísticas da comunidade necessitam de maior atenção. Paralelamente, observou-se uma evolução progressiva dos empreendimentos turísticos, especialmente impulsionada pela pandemia, com aumento anual na procura que levou à expansão das pousadas. Contudo, a falta de dados precisos sobre o número de turistas recebidos pelos proprietários impossibilitou levantamento quantitativo mais aprofundado da demanda e do fluxo de visitantes.

Os indicadores do turismo regenerativo na comunidade foram atendidos parcialmente, revelando a ausência de características totalmente alinhadas a esse modelo. Isso significa que há aspectos cruciais que precisam ser resolvidos e implementados. Embora a comunidade demonstre potencial para o turismo regenerativo, alcançar seus objetivos plenamente exige o desenvolvimento de soluções para as áreas identificadas como oportunidades de melhoria ou pendências. Os indicadores utilizados serviram para avaliar o engajamento da

comunidade com o modelo de turismo regenerativo, permitindo identificar os pontos fortes, a capacidade de atendimento atual e os aspectos que, mesmo parcialmente contemplados, demandam atenção e aprimoramento.

A considerar os caminhos percorridos para atender ao objetivo de analisar a percepção ambiental dos atores sociais em relação à atividade turística sob uma perspectiva histórico-cultural, as entrevistas se destacaram como principal ferramenta de pesquisa, validando os dados coletados. Apesar de que houve muita dificuldade de acesso aos dados, tanto de conversar com os empreendedores quanto com os turistas. Os relatos obtidos de moradores, turistas e gestores forneceram informações valiosas, evidenciando a importância do referencial teórico-conceitual e da pesquisa bibliográfica para a compreensão da área de estudo.

A análise dos dados revela a necessidade de esforços conjuntos em estudos e ações para preservar a identidade da comunidade. Acredita-se que o trabalho oferece subsídios para projetos que visem a identidade cultural de Três Barras, por meio da valorização do patrimônio cultural (material e imaterial) e a necessidade de conservação da paisagem.

Diante da atual exploração predatória da natureza pelo ser humano, este trabalho buscou analisar o turismo regenerativo na comunidade de Três Barras como uma possível opção de preservação ambiental. Temos então uma preocupação com o planeta como um todo, não especificamente, com a espécie humana. É importante se atentar ainda que no turismo regenerativo a responsabilidade não é exclusivamente do viajante. O turismo é um sistema orgânico, assumindo uma característica holística, onde se tem a natureza como o centro. Sendo assim, é necessário mudar a mentalidade e entender que o ser humano faz parte da natureza, onde tudo está conectado. Uma das limitações do conceito de turismo regenerativo é, justamente, sua aplicação e conseguir perceber com mais clareza as suas práticas.

Nesse contexto, pode-se referir a um dos processos cruciais do turismo regenerativo (Avecilla, 2018): o repensar e redesenhar das estruturas políticas. Isso implica mudança de paradigma no desenvolvimento econômico, em que as pessoas são mais importantes que os mercados e o dinheiro. É a partir desse ponto que o turista pode ser engajado, considerando que ele precisa estar acostumado ou, no mínimo, aberto a essa transformação de valores.

Em suma, uma notável transformação se consolidou em Orleans (SC), onde o turismo desponta como um vetor de desenvolvimento urbano promissor, contrastando com o histórico e os ricos cenários rurais do Município. Com o reconhecimento internacional mediante premiação no concurso Top 100 Green Destinations Sustainability Stories, em 2021, com o Movimento Orleans Viva (MOV) na categoria Natureza e Ecoturismo, atesta o potencial do Município em trilhar um caminho sustentável, valorizando suas riquezas naturais. Este feito, não apenas celebrou as iniciativas locais e eleva a visibilidade de Orleans (SC) no cenário turístico global, como também serviu de forte incentivo para a gestão pública e para os próprios moradores. A premiação demonstrou que a aposta em práticas sustentáveis e na preservação ambiental não só é reconhecida internacionalmente, como também se traduz em oportunidades concretas de desenvolvimento econômico e social por meio do turismo. Esse movimento foi ocasionado com a ameaça da exploração de carvão mineral, reacendida pela decisão judicial em 2018. A mineração traria consigo um legado de passivos ambientais, sociais e econômicos, com impactos diretos na qualidade da água, na degradação da paisagem, no setor agropecuário e no potencial turístico que ora se consolidava. A mobilização social em defesa da manutenção da proibição da exploração carbonífera demonstra a consciência coletiva da população orleanense sobre a importância da preservação de seus bens naturais e culturais para as futuras gerações.

A difusão das belezas cênicas e o protagonismo das comunidades locais, como a de Três Barras, reforçariam o potencial de turismo autêntico e engajador. Diante disso, reitera-se o apelo à gestão pública para que continue a fortalecer as políticas de incentivo ao turismo, protegendo o patrimônio natural e cultural do município. Da mesma forma, encoraja-se a comunidade a manter-se vigilante e engajada na defesa de um futuro em que o desenvolvimento urbano e a preservação ambiental caminhem juntos. A experiência de Orleans (SC), portanto, oferece valiosa lição sobre a capacidade de um município em reorientar sua trajetória de desenvolvimento, apostando no turismo regenerativo como alternativa econômica viável e ambientalmente responsável.

O turismo regenerativo, não apenas, busca um mundo melhor, assim como, eleva a comunidade e todas as formas de vida ao papel de verdadeiros

protagonistas. Para que essa visão se concretize e a pesquisa tenha continuidade, propõe-se que órgãos responsáveis pelo turismo, empreendimentos e moradores recebam capacitação para implementar as diretrizes de turismo regenerativo, analisadas na comunidade mediante entrevistas e percepções. Nesse contexto, emerge como sugestão fundamental a formalização de uma associação comunitária com o propósito de fomentar a atividade turística, possibilitando a realização de atividades culturais e, em perspectiva futura, econômicas, visando o bem comum.

A análise da comunidade de Três Barras, conforme detalhado nesta pesquisa, revela um cenário em que a sua implementação e consolidação do turismo contrariam os princípios do turismo regenerativo. A ausência de roteiros e atividades turísticas estruturadas, a falta de comércio para atender tanto turistas quanto moradores, a escassez de infraestrutura como cabanas, e a inexistência de legislação ou normas para as atividades turísticas são alguns dos pontos levantados.

Um aspecto de grande relevância e, frequentemente, citado nas entrevistas foi a falta de entrosamento entre a comunidade e os visitantes, por ser um desafio recorrente, percebido por ambos os lados, e representa um déficit expressivo para a construção de relações recíprocas e significativas, pilares do turismo regenerativo. Essa desconexão tem sua raiz em um modelo turístico em que investidores externos dominam. Nesse contexto, delega um papel secundário aos moradores locais, com contratações focadas, apenas, em serviços operacionais como limpeza e manutenção de pousadas.

Para reverter esse quadro e alcançar os indicadores do turismo regenerativo, é crucial oportunizar a comunidade. Isso se faz, não apenas, por meio de formações e capacitações, também, pela oferta de linhas de crédito que permitam aos moradores gerirem seus próprios negócios. Essa iniciativa traria oportunidades para a criação de novas pousadas, estabelecimentos comerciais e outras atividades turísticas geridas localmente, impulsionando desenvolvimento integrado e participativo, que beneficie tanto a comunidade quanto os visitantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Rui Batista; CONSTANCE, Vinicius Tavares. Hidrografia. *In*: ROCHA, Isa de Oliveira (Org.). **Atlas geográfico de Santa Catarina: diversidade da natureza**. 2. ed. Florianópolis (SC): Udesc, 2016.

ARANEDA, Martín. **Turismo Regenerativo**. Disponível em: <https://turismoregenerativo.org/>. Acesso em: 07 set. 2024.

_____. **Workshop Introdução ao Turismo Regenerativo**, 2022. Evento online.

ARAÚJO, M. P. M. Design Regenerativo e Direito Ambiental: Construção de ponte para a Economia Circular. *In*: Anais do Simpósio de Pós-graduação em Design da Esdi. **Anais...** Rio de Janeiro (RJ): ESDI / UERJ, 2019. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/48995>. Acesso em: 18 jan. 2025.

AVECILLA, S. T. **Análisis y aproximación del paradigma del turismo regenerativo**. San José: Universidad para la Cooperación Internacional, 2018. Acesso em: 27 out. 2024.

BARBOSA, E. F.M. **Turismo: a percepção de quem lê e vê a paisagem**. Geografia, Rio Claro, v. 35, n. 2, p. 359-368, mai./agosto. 2010.

BARBOSA, R.B. *et al.* The effects of COVID-19 in the tourist society: an anthropological insight of the trivialisation of death and life. **International Journal of Tourism Anthropology**, v. 8, n. 2, p. 179-192, 2021.

BELLATO, Loretta *et al.* Transformative roles in tourism: adopting living systems thinking for regenerative futures. *Journal of Tourism Futures*, 8(3), 312-329, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/JTF-11-2021-0256>. Acesso em: 17 mar. 2025.

BOGO, R. S. Rodrigo. Turismo de montanha em Urubici/SC – Brasil: aprendizagem com a experiência portuguesa. **Revista Turydes: Turismo y Desarrollo**, n. 27, 2019.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA). **Ecoturismo: orientações básicas**. Brasília (DF): MMA, 2008.

_____. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: orientações básicas**. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

BRIGHENTI, Clovis Antonio. Povos Indígenas em Santa Catarina. *In*: NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; ROSA, Helena Alpini; BRINGMANN, Sandor Fernando (Orgs.). **Etnohistória, História Indígena e Educação: contribuições ao debate**. Porto Alegre (RS): Pallotti, 2012.

BROOKS, Samantha K. *et al.* The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, v. 395, n. 10227, p. 912-920, mar. 2020.

BUCKLEY, Ralf. **Conservation Tourism**. Wallingford, UK: CABI, 2010.

BUSHELL, Robyn; BRICKER, Kelly. Tourism in protected areas: developing meaningful standards. **Tourism And Hospitality Research**, v. 17, n. 1, p. 106-120, 2016.

BUSHELL Robyn; MCCOOL, Stephen F. **Tourism as a tool for conservation and support of protected areas**: setting the agenda. *In*: BUSHELL, Robyn; EAGLES, Paul F. J. (eds.). *Benefits Beyond Boundaries: Tourism & Protected Areas*. Wallingford: CABI Press, p. 12-26, 2007.

CAMPOS, M. **O que é turismo regenerativo?** Estadão. 11 de mar. de 2021. Disponível em: <https://viagem.estadao.com.br/blogs/sala-vip/o-que-e-turismo-regenerativo/>. Acesso em: 7 jul. 2024.

CAMRASS, K. Urban regenerative thinking and practice: a systematic literature review. **Building Research & Information**, 50(3), 339-350, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09613218.2021.1922266>. Acesso em: 10 jan. 2024.

_____. Regenerative Urbanism: a causal layered analysis. Foresight, ahead of print. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/FS-11-2021-0227>. Acesso em: 10 jan. 2024.

CAMRASS, Kimberly. Regenerative Futures: Eight Principles for Thinking and Practice. **Journal of Futures Studies**, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 89-99, set. 2023.

CAPRA Fritjof, PAULI, Gunter. **Steering business toward sustainability**. The United Nations University, 1995.

CORREIA, R. A. *et al.* Culturomic assessment of Brazilian protected areas: Exploring a novel index of protected area visibility. **Ecological Indicators**, Amsterdã, v. 85, p. 165-171, 2018.

CRUZ, C. L. Z. da; CRUZ, C. B. M. Avaliação da exatidão temática da cobertura e uso da terra representada através do MapBiomias no Rio de Janeiro. **GEOgraphia**, Niterói (RJ), v. 23, n. 50, p. 1-13, jan./jun. 2021.

CRUZ, R. R. Dinâmicas socioambientais na produção do espaço da Massagueira em Marechal Deodoro, AL. 2019. 138 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

DEBIASI, Andréa Andrade Alves; CARMINATI, Terezinha Debiasi. **Comunidades Rurais e Urbanas de Orleans (SC)**: Origem, História, Etnia e Aspectos Culturais. Tubarão (SC): Gráfica Coan, 2024.

DOUROJEANNI, Marc Jean; PÁDUA, Maria Tereza. **Biodiversidade a hora decisiva**. Curitiba (PR): UFPR, 2007.

DOBRESCU, Alexandru; MAZILU, Mirela. The Rebirth of Sustainable Post-Pandemic Tourism. Case Study: romania. **Central European Journal Of Geography And Sustainable Development**, v. 2, n. 2, p. 52-64, 15 dez. 2020.

DORIGON, Valdirene Böger *et al.* **Um olhar para Orleans: diálogos para quem gosta de ensinar e aprender**. Orleans (SC): Unibave, 2024.

DREDGE, D. Regenerative tourism: transforming mindsets, systems and practices. **Journal of Tourism Futures**, v. 8, n. 3, p. 269 -281, 2022.

DUDLEY, Nigel. **Guidelines for applying protected areas management categories**. Gland, Switzerland: IUCN, 2008.

DU PLESSIS, Chrisna. The City Sustainable, Resilient, Regenerative – A Rose by Any Other Name? En R. Roggema, **Design for Regenerative Cities and Landscapes**. Springer, p. 23-48, 2022.

EVERINGHAM, P.; CHASSAGNE, N. Post COVID-19 ecological and social reset: moving away from capitalist growth models towards tourism as Buen Vivir. **Tourism Geographies**, v. 22, n. 3, p. 555-566, 2020.

FERREIRA, Lourdes M. *et al.* **Plano de manejo do Parque Nacional de São Joaquim**. Brasília (DF): Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade: ICMBio, 2018.

FLEMMING, Renata Marcondes Bastos Pereira. **Turismo regenerativo nas Furnas do Passo do Pupo** – Ponta Grossa (PR): estudo de caso sobre o Refúgio das Curucacas. Ponta Grossa. Universidade Federal de Ponta Grossa, 2022.

FUSTÉ-FORNÉ, Francesc; HUSSAIN, Asif. Regenerative tourism futures: a case study of Aotearoa New Zealand. **Journal of Tourism Futures**, 8(3), p. 346-351, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/JTF-01-2022-0027>. Acesso em: 07 dez. 2024.

GUTERRES, M. Mensagem do secretário-geral da ONU em um discurso para o Dia Mundial do Turismo 2023, celebrado em 27 de setembro sob o lema 'Turismo e Investimento verde'. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/247353-dia-mundial-do-turismo-%E2%80%9Cturismo-e-investimento-verde%E2%80%9D>. Acesso em: 20 fev. 2025.

HANAI, Fernando Haruo. **Sistema de indicadores de sustentabilidade: uma aplicação ao contexto de desenvolvimento de turismo na região de Bueno Brandão, Estado de Minas Gerais**, Brasil. 2009. Tese (Doutorado em Ciências da Engenharia Ambiental) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.

HUSSAIN, Asif y Haley, Marie (2022). **Regenerative Tourism Model**: Challenges of Adapting Concepts from Natural Science to Tourism Industry. *Journal of Sustainability and Resilience*, 2(1). Disponível em: <https://digitalcommons.usf.edu/jsr/vol2/iss1/4>. Acesso em: 20 fev. 2025.

ICMBIO. **Roteiro Metodológico para Manejo dos Impactos da Visitação**. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Brasília (DF), 2011.

_____. **Plano de Manejo do Parque Nacional de São Joaquim**. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Brasília (DF), 2018.

INSTITUTO DEL. **Movimento Orleans Viva – Guardiões do Costão**. 2024. Disponível em: <https://institutodel.org.br/movimento-orleans-viva-guardioes-da-costa/>. Acesso em: 15 fev. 2024.

JOB, Hubert; BECKEN, Susanne; LANE, Bernard. Protected Areas in a neoliberal world and the role of tourism in supporting conservation and sustainable development: an assessment of strategic planning, zoning, impact monitoring, and tourism management at natural world heritage sites. **Journal Of Sustainable Tourism**, v. 25, n. 12, p. 1697-1718, 2017.

KRÜGER, E. L. Uma abordagem sistêmica da atual crise ambiental. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 4, p. 37-43, jul./dez. Editora da UFPR, 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/download/3038/2429>. Acesso em: 7 mar. 2025.

LADWING, N.I.; CAMPOS, J.B. **Planejamento e gestão territorial**: inovação, tecnologia e sustentabilidade. Criciúma (SC): Unesc, 2020.

LADWIG, N. I.; TONETTO, G. PAISAGEM, RIOS E COMUNIDADES: CAMINHOS DO RIO CARVÃO E RIO MAIOR, URUSSANGA, SANTA CATARINA. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia (MG), v. 25, n. 101, p. 193–208, 2024.

LEITE-FILHO, A. T.; PONTES, V. Y. de S.; COSTA, M. H. Effects of deforestation on the onset of the rainy season and the duration of dry spells in southern Amazonia. **Journal of Geophysical Research: Atmospheres**, Washington, v. 124, n. 10, p. 5268-5281, abr., 2019.

LEUNG, Yu-Fai *et al.* **Turismo e gestão da visitação em áreas protegidas**: diretrizes para sustentabilidade. Gland, Suíça: IUCN, 2019.

LIMA, Eduardo Carneiro; SANTOS, Ana Cristina Batista dos; SAMPAIO, Patrícia Passos. A cartografia como fazer-metodológico de pesquisadores organizacionais: investigando fenômenos contemporâneos. **REAd – Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 351-371, maio/ago. 2022.

LUIZ, Edna Lindaura. Geomorfologia e Hipsometria. *In*: ROCHA, Isa de Oliveira (Org.). **Atlas geográfico de Santa Catarina**: diversidade da natureza. 2. ed. Florianópolis (SC): Udesc, 2016a.

MAJOR, J.; CLARKE, D. Regenerative tourism in Aotearoa New Zealand – A new paradigm for the VUCA world. **Journal of Tourism Futures**, v. 8, n. 2, pp. 194-199, 2022.

MATEUS, R.; PADILHA, D. Avaliação multicritério da fragilidade do território no Brasil: a silvicultura no estado do Rio Grande do Sul. *Finisterra*, Lisboa, v. 52, n. 104, p. 73-104, abr. 2017.

MAPBIOMAS. Projeto MapBiomas. Mapas das Coleções. 2024. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org>. Acesso em: 09 nov. 2024.

_____. Projeto MapBiomas. Códigos de legenda. 2023. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org>. Acesso em: 09 nov. 2024.

MANG, P.; HAGGARD, B. **Regenerative Development and Design**: A framework for evolving Sustainability. United States of America: Wiley, 2016.

MANG, P.; REED, B. **Regenerative Development and Design**. Research Gate, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/301966198_Regenerative_Development_regenerative_development_and_Design. Acesso em: 1 maio 2024.

MECCA, Marlei Salete; GEDOZ, Maria Gorete do Amaral. COVID-19: reflexos no turismo. **Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, v. 12, n. 3, p. 1-5, 2020.

MEDEIROS, Mirna de Lima; VIEIRA, Adriana Carvalho Pinto; SILVA, Hellen Vitória. Turismo & pandemia: o repensar do turismo nos Vales da Uva Goethe (SC). **Diálogo com a Economia Criativa**, Rio de Janeiro: ESPM-Rio, v. 7, n. 19, p. 46-64, jan./abr. 2022.

MENEGASSO, Juliana Debiasi. **Mapeamento do risco de inundação na bacia hidrográfica do rio belo, Orleans, SC**. 134 f. 2019. Dissertação - Mestrado em Ciências Ambientais - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma/SC, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MONTEIRO, Maurici Amantino; SILVA, Pâmela do Vale. Clima. In: ROCHA, Isa de Oliveira (Org.). **Atlas geográfico de Santa Catarina: diversidade da natureza**. 2. ed. Florianópolis (SC): Udesc, 2016.

NICOLADELLI, Tayse Borghezani *et al.* Muros de taipas de pedra no Parque Nacional de São Joaquim no município de Orleans/SC: uma paisagem cultural ameaçada? **História Ambiental**, v. 36, n. 59, 2023.

NIVOLONI, Gabriela Trevisan. **Turismo regenerativo no estado de São Paulo: uma perspectiva para além da sustentabilidade**. São Paulo, 2021.

OLIVEIRA, N. A. Da Multiplicidade de olhares para o conceito de paisagem à atratividade para o turismo. **Geographia Opportuno Tempore**, 4 (3), p. 11-29, 2018.

OLIVEIRA, Flávio; CAVALCANTE, Ricardo. Paisagem e turismo em áreas rurais. **Revista Brasileira de Turismo**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 250-265, 2020.

OMENA, M. T. R.; BACCA, L. E. **O Parque das Memórias Infinitas. 60 anos de histórias do Parque Nacional de São Joaquim.** Cinco Continentes, Urubici (SC), 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao Turismo.** São Paulo: Roca, 2001.

OVIDO-GARCÍA, M. Á. *et al.* Tourism in protected areas and the impact of servicescape on tourist satisfaction, key in sustainability. **Journal of Destination Marketing & Management**, n. 12, p. 74-83, 2019.

PANAZZOLO, Flávia de Brito. **Turismo de Massa:** um breve resgate histórico e a sua importância no contexto atual. 2005. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt8-turismo-de-massa.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2024.

PANDOLFO, Cristina *et al.* **Atlas climatológico do Estado de Santa Catarina.** Florianópolis (SC): Epagri, 2002. CD-Rom.

PEARCE, Joanna; DOWLING, Ross. Monitoring the quality of the visitor experience: an evolutionary journey. **Journal Of Outdoor Recreation And Tourism**, v. 25, p. 87-90, mar. 2019.

PEREIRA, D.R. *et al.* Experiência de turismo regenerativo no Brasil: uma pesquisa exploratória. **RITUR**, Penedo, v.14, 2024.

PIRES, P. S. Marco Metodológico para a Aplicação dos Estudos da Paisagem no Planejamento Turístico. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 4, 2007, São Paulo. **Anais....** São Paulo: ALEPH, 2007. 1. CD-ROM.

PMT. **Plano Municipal de Turismo de Orleans - 2020-2030** / Elcio Willemann *et al.* (Orgs.) – Orleans (SC): Unibave, 2020.

POLLOCK, A. **Regenerative Tourism:** The Natural Maturation of Sustainability. Medium. 1 de out. de 2019. Disponível em: <https://medium.com/activate-the-future/regenerative-tourism-the-natural-maturation-of-sustainability-26e6507d0fcb>. Acesso em: 9 out. 2024.

PREVE, Márcia Luzia Sartor. **Tropeirismo em Orleans/SC:** história, memória e patrimônio através de um material pedagógico para a educação básica. 2020. 150 f. Dissertação - Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis (SC), 2020.

PREVE, Márcia Luzia Sartor *et al.* **Movimento Orleans viva e turismo:** estratégias de proteção do patrimônio natural e cultural do costão de Orleans/SC. In: LADWIG, Nilzo Ivo; CAMPOS, Juliano Bitencourt (Org.). Planejamento e gestão territorial: inovação, tecnologia e sustentabilidade. Criciúma (SC): Unesc, 2020.

RODGER, Kate; TAPLIN, Ross H.; MOORE, Susan A. Using a randomised experiment to test the causal effect of service quality on visitor satisfaction and loyalty in a remote national park. **Tourism Management**, v. 50, p. 172-183, out. 2015.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Turismo e paisagem: a experiência estética da natureza. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR**, 9., Rio de Janeiro, 2001. Rio de Janeiro: ANPUR, 2001.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. Campinas (SP): Papirus, 2016.

SANTOS, O.A. C. **Turismo regenerativo como prática e tendência ética e ambientalmente correta**: percepção, dinâmica e experiências em organizações turísticas e culturais. Biblioteca CCSA, Natal, 2023.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo (SP): Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SELAU, Paulo Giovane. **O potencial turístico dos parques nacionais de Aparados da Serra e da Serra Geral e a identificação dos fatores influentes ao desenvolvimento turístico no município de Praia Grande (SC)**. 196 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em Geografia) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma (SC), 2011.

SENGEL, U. COVID-19 and “new normal” tourism: reconstructing tourism. **Journal of Tourism and Development**, n. 35, p. 217-226, 2021.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Turismo ecológico**: um novo perfil do viajante no pós-pandemia. 2022. Acesso em: 09 nov. 2024.

Silveira, M. A. T. da. Geografia aplicada ao turismo: fundamentos teórico-práticos. Curitiba (PR): InterSaberes, 2014.

SILVA-MELO, Marta Reginada da; MELO, Gleidson André Pereira de; GUEDES, Neiva Maria Robaldo. Unidades de Conservação: uma reconexão com a natureza, pós-covid-19. **Rev. Bras. de Educação Ambiental (Revbea)**, v.15, n. 4, p. 347-360, 3 ago. 2020.

SIMÕES, G.S; FIORE, F.A; SILVA, L.C. **Ambiente & sociedade**: Mapeamento dos serviços ecossistêmicos providos pela área de proteção ambiental do Rio Paraíba do Sul. São Paulo (SP), 2022.

SNIS - Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento. Disponível em: <https://www.aguaesaneamento.org.br/municipios-e-saneamento/sc/orleans>. Acesso em: 19 fev. 2024.

SUTIL, Thaise; SILVA, José Gustavo Santos da; LADWIG, Nilzo Ivo. **Turismo em áreas protegidas**. Criciúma (SC): Unesc, 2021.

SOUZA, M; KLEIN, A. L; RODRIGUES, R.G. **Turismo rural: fundamentos e reflexões**. Porto Alegre (RS): Editora da UFRGS, 2019. [recurso eletrônico].

TELES, Reinaldo M. de Sá. Turismo e meio ambiente ou turismo de natureza? Alguns apontamentos para organização. *In*: Teles, Reinaldo M. de Sá (Org.). Turismo e meio ambiente. Rio de Janeiro (RJ): Elsevier, 2011.

TRZASKOS, Luana Aparecida; BAUM, Jessica; TROBIA, Giuliano. Paisagem natural e cultural: possibilidades de desenvolvimento turístico na Colonia Sutil em Ponta Grossa, PR. *In*: SEMINARIO DOS CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DA FECILCAM, 2., 2011, Campo Mourao. **Anais eletrônicos...** Campo Mourão: FECILCAM, p. 1-10, 2011.

UNESCO. **Gestão do Patrimônio Mundial cultural**. Brasília: Unesco Brasil; IPHAN, 2016.

VALDIVIESO, Juan Carlos; EAGLES, Paul F. J.; GIL, Joan Carles. Efficient management capacity evaluation of tourism in protected areas. **Journal Of Environmental Planning And Management**, v. 58, n. 9, p. 1544-1561, 2014.

VEADO, Ricardo Wagner; PIMENTA, Luiz Henrique Fragoas. Vegetação e Uso da Terra. *In*: ROCHA, Isa de Oliveira (Org.). **Atlas geográfico de Santa Catarina: diversidade da natureza**. 2. ed. Florianópolis: Udesc, 2016.

WAHL, D.C. **Design de culturas regenerativas**. 2. ed. Rio de Janeiro (RJ): Bambual Editora, 2020.

WATHAKA, John *et al*. Impacts of covid-19 on protected and conserved areas: a global overview and regional perspectives. **Parks**, n. 27, p. 41-56, 11 mar. 2021.

WTTC World Travel & Tourism Council (), 2011. Disponível em: https://researchhub.wttc.org/?_gl=1*o70hsz*_ga*MTc5Njl2ODAyNC4xNjk5NDQwMDc4*_ga_JM5GLX6V1W*MTY5OTQ0MDA3Ny4xLjEuMTY5OTQ0MDQyMi4wLjAuMA. Acesso em: 08 nov. 2023.

YÁZIGI, E. **Turismo e paisagem**. São Paulo. Contexto, 2002.

ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. Ensino de História, patrimônio cultural e currículo: reflexões sobre ações educativas em educação patrimonial. **Revista Labirinto**, Porto Velho, v. 22, n. 15, p. 77-90, 2015.

ZENKER, Sebastian; KOCK, Florian. The coronavirus pandemic – A critical discussion of a tourism research agenda. **Tourism Management** Elsevier BV, [s.l.], v. 81, p. 104-164, dez. 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE I – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro para condução de entrevistas para moradores locais, empresas do setor turístico, governo e autoridades, organizações não governamentais sobre o turismo nas Três Barras.

ROTEIRO DE ENTREVISTA - sobre turismo nas Três Barras		
Dados de identificação do(a) entrevistado (a)		
Nome:	Idade:	Profissão:
Fale um pouco sobre sua relação com essa comunidade:		
Perguntas:		
1. Quando ou que período você considera que turismo começou a fazer da economia e renda dos moradores da sua comunidade?		
2. Você conhece ou lembra de algum fato histórico marcante na comunidade que atraiu visitantes?		
3. Conte um pouco como é o movimento de turistas em determinadas épocas do ano. Quais são os benefícios do turismo para o pessoal que vive na ZA?		
4. Conte um pouco do que você acredita que o turismo proporciona para as pessoas que vivem nessa comunidade atualmente?		
5. Como você acredita que o morador se beneficia com o turismo desenvolvido no município e na região? Podes falar um pouco sobre isso?		
6. Qual é sua opinião sobre os atuais empreendimentos turísticos (pousadas)? É bom?		
7. Conte um pouco como é a atuação da Prefeitura aqui na região? E com o turismo? E com os moradores?		
8. Você consegue perceber mudanças na paisagem da comunidade em função de novos empreendimentos? Podes falar um pouco sobre isso.		
9. Como você acredita que o turismo estará daqui a dez anos? Consegue imaginar mudanças? Podes falar um pouco.		

Roteiro para condução de entrevistas para turistas e visitantes sobre o turismo nas Três Barras.

ROTEIRO DE ENTREVISTA - sobre turismo nas Três Barras			
Dados de identificação do(a) entrevistado (a)			
Nome:	Idade:	Profissão:	Cidade:
Fale um pouco sobre sua relação com essa comunidade:			
Perguntas:			
1. Como você conheceu Três Barras? Por qual meio (Indicação, internet)?			
2. Ao conhecer, o que mais te chamou atenção?			
3. Sobre a comunidade, o que você achou? Teve contato com morador? E sobre a infraestrutura?			
4. Indicas alguma melhoria de modo geral, para a comunidade quanto para a pousada?			
4. Sentiu falta de algo?			